

LANÇE!

Edição especial. 1999. R\$ 3,50

o diário dos esportes

SÉRIE **GRANDES CLUBES**

<http://www.lancenet.com.br>



■ Jogos, fotos e depoimentos históricos

■ Números de todos os torneios

■ A seleção do século XX

SPFC



Um século de paixão

São Paulo

A história do tricolor do Morumbi



Chegou a
Latinha Antartica.
Gelada até
o último gole.



Onde tem fes



ta tem Antarctica.

Editorial



**Walter de
Mattos Junior**
EDITOR

Do início difícil ao
bicampeonato mundial

PAULISTA ATÉ NO NOME E NAS CORES

Não poderia ser mais feliz a combinação de cores que deu origem ao São Paulo Futebol Clube, em 1930: branco, vermelho e preto, as cores do Paulistano e da Associação Atlética das Palmeiras, os times que originaram o Tricolor, mas também as cores da bandeira paulista. Bandeirante no nome e na camisa, o São Paulo só poderia se tornar um dos maiores clubes do estado, do país e do mundo. Mas não foi fácil o caminho para chegar lá. Passou até pelo fechamento, em 1934, para ressurgir com mais força no ano seguinte. Não poderia haver prova maior da determinação são-paulina que esse renascimento. Mas em outras ocasiões o clube mostraria sua capacidade de vencer desafios, como na épica construção do Morumbi, que levou quase duas décadas; ou no paciente e organizado trabalho que levou o futebol são-paulino ao topo da hierarquia mundial, em duas ocasiões, 1992 e 1993. Tudo isso deixa a torcida tricolor certa de que muito mais a aguarda no futuro, ao mesmo tempo que seus dirigentes têm no passado o exemplo de que só com muito suor se constrói a história de um grande clube.

Sumário

6 Fala, Doente!

Pedro Henrique Bueno de Toledo e o coração tricolor



E assim começou 9

A luta pela sobrevivência de um clube



19 Rolo compressor

Os anos 40 e 50 trouxeram muitos títulos



Os anos Morumbi 29

A construção do estádio



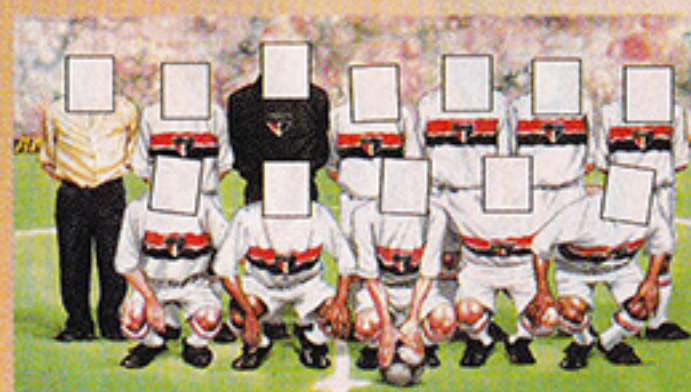
39 A volta dos títulos

Os gloriosos anos 80 e 90



A Era Telê 49

Os melhores anos da história são-paulina



57 Melhor de Todos

30 tricolores ilustres elege

Campanhas 66

A estatística de todos os torneios

Os Campeões 68

Todos os times-base que fizeram história

71 O Hino e Escudos

Os símbolos do clube

72 Esporte Amador

Não foi só no futebol que o São Paulo colecionou glórias



O Estádio 73

A história do Morumbi, o templo tricolor



74 Amor à Camisa

Um grande nome da história do clube tenta explicar a paixão



**É AQUI QUE OS
GRANDES ATLETAS
DEIXAM A SUA
MARCA.**



Informação é o nosso esporte.
www.uol.com.br/espnbrazil

Friedenreich, Leônidas, Raí, Pedro Rocha e tantos outros **DEUSES DA BOLA** terão um **ESCRIBA** à sua altura. Eu sou pouco



**Pedro Henrique
Bueno de Toledo**
BICAMPEÃO MUNDIAL

SOU TRICOLOR E SOU ELEITO

Na vida há tarefas fáceis e difíceis. Tenho uma de cada para fazer. A fácil é dizer por que eu sou são-paulino.

Simplesmente porque pertenço aos eleitos. Sou chique, sou bonito, sou inteligente, sou culto. Ouço John Lee Hooker, Filarmônica de Berlim, Paulinho da Viola, leio Molière e Proust no original, não perco filmes de Truffaut, vou todo ano ao início da temporada na Broadway. Então, vou torcer para o Palmeiras? Palmeirense come ki-suco com ovo frito durante a semana, e no domingo derruba o molho de pomarola na camiseta regata. Entre um arrote e outro, ouve aquelas canções ridículas.

Corintiano? Não, obrigado. Meu estômago não foi feito para ovo azul e cynar, meus ouvidos não se acostumam ao nhenhê dos pagodes e

dos sertanejos.

Santista? Luso? Olha, me poupem. Sou um homem do meu tempo, converso todo dia com Bill Gates, não posso viver do passado. Não poderia torcer para um time que já teve dois jogadores chamados Juary. Outro dia, vi um acidente de trânsito. Havia um morto e várias pessoas em volta. Perguntei quem era o morto e recebi a resposta naquele sotaque carregado da terrinha.

— É este aqui, pois, pois — me disse o gajo, apontando para o defunto.

Como poderia torcer para um time desse?

Quando nasci, um anjo tricolor veio até mim e disse que seria feliz. Que veria Denílson, o bailarino, que vibraria com Raí, o Mestre, que teria a alegria de ver Serginho entortando os adversários. E, mesmo que não tivesse um anjo, eu

seria são-paulino, porque na minha família somos assim há pelo menos cinco séculos.

Machado seria tricolor

Sinto dizer, mas me sinto incapaz de continuar escrevendo. Rubovsky, meu editor russo, me pede que fale sobre a grandeza tricolor. É difícil. Alguém conseguiu até hoje explicar a maravilha que foi a Criação Divina? O que Deus fez no primeiro, segundo ou terceiro dia? A epopéia da construção das pirâmides já teve um escriba à sua altura? A conquista do Universo pelo homem já teve sua obra definitiva? O Império Romano e seu esplendor já foram devida-

mente retratados? Apesar de que esse terminou na Rua Tu-riassú, com aquele Júlio César dos pampas maltratando e humilhando diariamente o futebol brasileiro.

Retratar o São Paulo é obra para Dante, Norman Mailer, Machado de Assis — alguém duvida que o Mestre seria são-paulino? — Cervantes, o genial Cervantes. Peço que Rubovsky espere um pouco. Vou entrar em contato com Toni Morrison e José Saramago, vencedores do Prêmio Nobel, para que me ajudem.

Então, Friedenreich, Leônidas, Raí, Pedro Rocha, Forlan, don Darío Alfonso Pereyra, Denílson, Serginho, Dodô, Rui, Bauer e Noronha, Poy, De Sordi, Mauro, Bellini, Oscar, o maravilhoso Canhoteiro e tantos outros deuses da bola terão um escriba à sua altura. Eu sou pouco para o meu São Paulo.

FINALMENTE O CUPOM QUE VALE A PENA PREENCHER

Finalmente uma proposta decente: você preenche este cupom e o LANCE! preenche as suas manhãs com o melhor noticiário esportivo do país. Como você é inteligente e bem informado, já se convenceu da economia que vai fazer e da comodidade que terá.

É fácil fazer a sua assinatura:

Para assinar imediatamente ou para outras informações, ligue 0800 990 991. Você também pode assinar via internet. Basta entrar no www.lancenet.com.br

Se preferir, preencha o cupom abaixo e envie para um dos endereços abaixo:

DEPTO. DE ASSINATURAS LANCE!

Rua Santa Maria, 47 - Bairro Cidade Nova - CEP 20.211-210 - Rio de Janeiro - RJ

Rua Bernardo Wrona, 339 - Bairro Limão - CEP 02710-060 - São Paulo - SP

Veja o que você vai pagar pela sua assinatura:

São Paulo Capital e Grande São Paulo:

R\$19,80 por mês

Rio de Janeiro Capital e Grande Rio:

R\$14,90 por mês

Demais cidades e estados:

assinatura via postal - R\$50,00 por mês

OFERTA ESPECIAL PARA
ASSINATURA ANUAL (12 MESES)
SÃO PAULO - R\$ 198,00 à vista ou 3x R\$ 66,00
RIO - R\$ 149,00 à vista ou 3x R\$ 49,67

LANCE!
www.lancenet.com.br o diário dos esportes



Nome		Data de nascimento		/	/
Endereço completo(rua, no. e complemento)					
Bairro	Cidade				
Estado	CEP	Fone ()	CPF		
Assinale a opção de assinatura : mensal () anual à vista () anual em 3 x ()					
Assinale a opção de pagamento: Cartão Mastercard () Cartão Visa () Boleto bancário ()					
Nome no cartão		No. do cartão		Validade	

O São Paulo nasceu em **1930**, como reação de ex-jogadores de **PAULISTANO E PALMEIRAS** para continuar no futebol



ACERVO SPFC

O time do São Paulo entra em campo para um amistoso no Paraná, nos primeiros anos de vida. O novo clube era nascido da fusão dos times do Paulistano e da Associação Atlética das Palmeiras

O goleiro Roberto Gomes Pedrosa, um dos maiores nomes da história do clube, como goleiro e dirigente

ACERVO SPFC

E ASSIM



COMEÇOU

O São Paulo pode se orgulhar de não ter tido apenas uma, mas duas fundações. A primeira foi em 1930, quando o futebol paulista vivia uma crise. O Paulistano, clube mais tradicional do futebol do estado desde que o São Paulo Athletic de Charles Miller se retirara, decidiu extinguir seu time, desgostoso com a popularização do futebol e o falso amadorismo. Os jogadores não se conformaram. Juntaram-se com os de outro time tradicional em extinção, a Associação Atlética das Palmeiras, e criaram o São Paulo Futebol Clube. O novo time já nasceu poderoso, com alguns dos melhores jogadores do país na época, como os lendários atacantes Formiga e Friedenreich. Mas não sobreviveu à má administração financeira e morreu, tendo parte de seu patrimônio absorvida pelo Clube de Regatas Tietê. Mas a paixão pelo futebol era mais forte, e os fundadores do primeiro São Paulo decidiram fundar novamente um São Paulo Futebol Clube. Esse fato é a origem de uma controvérsia antiga: o título paulista de 1931, conquistado pelo primeiro São Paulo (que ganhou o apelido de "São Paulo da Floresta", pelo nome do estádio em que jogava), deve ser computado para o atual São Paulo? Uns acham que sim, outros entendem que não. Seja qual for a decisão, não há como simplesmente apagar da história do São Paulo esses primeiros anos de vida: o clube é o mesmo em sua essência. Embora tenha fracassado a primeira tentativa de criar um grande clube, a segunda deu certo. E muito, como pode se constatar nas próximas páginas, que contam a infância do São Paulo.

Evolução das camisas

1900: A camisa do Paulistano era branca, com um cinto vermelho no calção



1919: A Associação Atlética das Palmeiras usava camisa branca com uma faixa preta



1930: Surge o São Paulo da Floresta, juntando as faixas horizontais das duas camisas



O São Paulo Futebol Clube dos dias de hoje começou como uma fusão de dois grandes times do passado: o Club Athletico Paulistano e a Associação Atlética das Palmeiras.

Em 1929, o Paulistano dissolveu o seu clube de futebol por não querer transformar-se em time profissional. O Paulistano era o clube mais vitorioso do futebol paulista, com 11 títulos paulistas desde 1905. Era o clube dos mais abastados, da elite paulista, e um dos mais populares.

Era também um dos precursores do futebol em São Paulo. O clube foi fundado em 1900, apenas seis anos depois que Charles Miller trouxe para São Paulo as duas primeiras bolas de "foot-ball". Desde a primeira edição do Campeonato Paulista, em 1902, o Paulistano esteve presente. Conquistou o primeiro título em 1905, e era recordista de conquistas quando decidiu aban-

donar o futebol.

Com a extinção do futebol no clube, 60 sócios inconformados com a decisão resolveram continuar a tradição iniciada pelo Paulistano. O nome dado foi "São Paulo". O time existia apenas no papel, já que não existia como clube ainda nem tinha um campo. Surgiu então a possibilidade de uma fusão com a Associação Atlética das Palmeiras – que não tem nada a ver com o Palmeiras de hoje – que tinha campo e time, mas não tinha dinheiro. Pronto: nascia o São Paulo Futebol Clube, no dia 26 de janeiro de 1930. O time teria camisa branca, com uma listra horizontal vermelha e uma preta. Era uma mistura bem-sucedida dos uniformes do Paulistano e do Palmeiras.

O desenho do distintivo do São Paulo ficou a cargo de Walter Ostrich, que fez o escudo que permanece até os dias de hoje.

A reunião do dia 26 de ja-

neiro, na Praça da República, elegeu Edgard de Souza Aranha como o primeiro presidente do clube. Vários jogadores do extinto Paulistano se inscreveram no clube. Entre eles, o maior jogador brasileiro do início do século, Arthur Friedenreich, ídolo da torcida do Paulistano.

No dia 9 de março, o estádio da Floresta foi aberto para a apresentação do novo clube. A estréia foi contra o Ypiranga, e o Tricolor venceu por 3 a 1. O primeiro gol foi marcado por Formiga. Uma semana depois, o time estreava no Campeonato Paulista, contra o mesmo Ypiranga. Empate por 0 a 0.

No primeiro ano, não deu para conquistar o título paulista. O time ficou com o vice-campeonato, três pontos atrás do Corinthians. Friedenreich mostrou que ainda não estava acabado, mesmo com 38 anos. Foi vice-artilheiro, com 26 gols.

No ano seguinte, o time conquista o título paulista pela primeira vez, com uma goleada sobre o Corinthians na partida que garantiu a taça: 4 a 1. Aos 39 anos, Friedenreich ficou novamente com a vice-artilharia, com 32 gols, sete a menos que o santista Feitico. O time acabou com 45 pontos, dois a mais que o Palestra Itália, e apenas uma derrota. Com um time de veteranos, o São Paulo da Floresta foi chamado de "Esquadrão de Aço". O time campeão foi: Joãozinho, Clodoaldo e Bartô; Milton, Bino e Sasso; Luizinho, Armandinho, Friedenreich, Araken e Junqueira. O técnico era Rubens Salles, outro veterano do Paulistano.

O time teve duas baixas sérias naquele torneio. O goleiro Nestor, que se machucou com Osses, do Palestra; e Siriri, que fraturou uma perna no jogo



contra o América.

A equipe continuou bem no ano seguinte e sagrou-se vice-campeã paulista, perdendo o título para o Palestra Itália, que foi campeão invicto. Também teve o segundo e terceiro artilheiros do campeonato – Luizinho, com 16, e Araken, com 11 –, atrás de Romeu do Palestra, com 18 gols. O campeonato foi disputado em apenas um turno, devido à revolta constitucionista daquele ano.

Em 1933 e 1934, mesmo com dois turnos, a história se repetiria: Palestra campeão, São Paulo vice.

O último jogo do Paulistano

O pequeno campo do Paulistano, no Jardim América, apanhou uma boa assistência, que presenciou o encontro em que se empenharam o quadro local e o do Antártica. A excelente atuação do Paulistano deu brilho ao encontro. Para uma equipe que vinha jogando de forma medíocre nos últimos tempos, esta foi uma atuação unânime, com grande desempenho. Principalmente o do consagrado campeão que se chama Artur Friedenreich, e de Milton.

"DIÁRIO DE SÃO PAULO"

6 PAULISTANO 1 ANTARCTICA

Estádio: Jardim América
Data: 15/12/1929

Paulistano: Nestor; Clodô e Bartô; Romeu, Rueda e Abate; Luizinho, Joãozinho, Friedenreich, Milton e Zuanella.

Antártica: Damião; Jaú e Roque; Romano, Mono e Coca; Delfim, Alfreddinho, Maxa, Spitaletti e Matias.

Gols: Milton (4), Friedenreich, Spitaletti e Luizinho.

Juiz:

O clube conquistou o **PRIMEIRO TÍTULO PAULISTA** em 1931
e foi vice por **TRÊS ANOS** consecutivos: 1932, 1933 e 1934



ARQUIVO DO SPFC

O primeiro time do São Paulo, em 1930, contava com velhas glórias do Paulistano, como Formiga (primeiro agachado à esquerda) e Friedenreich (de pernas cruzadas)

Recomeço com o mesmo nome: São Paulo

O terceiro vice paulista do São Paulo, em 1934, teve pelo menos, um gostinho especial: o time derrotou na última rodada o campeão Palestra Itália, que estava invicto. Por isso, aquele título palestrino acabou ganhando o apelido de "sinfonia inacabada".

Nesse mesmo ano, o clube cometeu um erro gravíssimo, que lhe custaria a existência: comprou o Trocadero, uma luxuosa sede, mas ficou com

uma dívida monstruosa: 190 contos de réis.

O São Paulo não conseguiu saldar a dívida e acabou falindo. Foi quando foi decidida uma fusão com o Clube Tietê. Os associados se revoltaram, dizendo que havia sido uma pura e simples entrega ao Tietê das conquistas do clube. Inconformados, fundaram o Grêmio Tricolor, idéia que não durou muito. A intenção de não deixar o campo da Flo-

resta, que pertencia ao município, não foi muito longe. O Grêmio também acabou.

No dia 4 de julho de 1935, surgia o Clube Atlético São Paulo, com 235 pessoas presentes.

As reuniões se sucederam mesmo com grandes dificuldades. A vontade de manter o São Paulo vivo era mais forte. No dia 16 de dezembro de 1935 nascia, por fim, o novo São Paulo Futebol Clube, o definitivo. Manoel Meca foi eleito primeiro presidente. Porfírio da Paz, primeiro técnico, tornou-se diretor de esportes do segundo São Paulo.

A prova de estréia do novo clube

Foi essa prova que marcou a estréia do novo clube. O São Paulo, de início, investiu fortemente, marcando Formiga o seu primeiro ponto. A seguir, nova avançada do quadro local do campo do Floresta, fazendo Araken, de longe, o segundo ponto. Na segunda parte, Fried aproveita uma oportunidade e consegue o terceiro ponto do quadro local, terminando a partida com a vantagem favorável ao São Paulo por três pontos a zero.

"CORREIO PAULISTANO"

3 SÃO PAULO
0 YPIRANGA

Estádio: Floresta. Data: 9/3/1930

São Paulo: Nestor, Clodô e Bartô; Abate, Rueda e Sérgio; Formiga, Siriri, Friedenreich, Araken e Zuanella.

Ypiranga: Guerreiro, Zica e Zaca; Amadeu, Guanabara e Salvador; Reboló, Barroso, Pierino, Xinda e Álvaro.

Gols: Formiga, Araken e Friedenreich.

Juiz:

O São Paulo fez sua **REESTRÉIA** contra a Portuguesa Santista **VENCENDO** por 3 a 2, em partida que quase não foi disputada

A estréia no Paulistão

Uma partida bem disputada a que se travou no campo do Floresta e em que se empenharam as turmas do São Paulo e do Ipiranga. O jogo, que a princípio não parecia ter grande importância, já que o conjunto local era muito superior, acabou sendo muito agitado, movimentado, com bons lances para os dois lados, e disso tirando os espectadores o melhor proveito pela equivalência técnica que se observou. O quadro do São Paulo sem cinco elementos efetivos, mostrou uma atuação fraca na primeira fase, deixando a desejar. Na segunda fase, porém, o conjunto tricolor atuou melhor.

"CORREIO PAULISTANO"

0 SÃO PAULO

0 YPIRANGA

Estádio: Floresta Público: Data:
16/3/1930

São Paulo: Nestor, Clodô e Bartô; Abate, Rueda e Sérgio; Formiga, Siriri, Friedenreich, Araken e Zuanella.

Ypiranga: Guerreiro, Zica e Zaca; Amadeu, Guanabara e Salvador; Rebolo, Barroso, Pierino, Xinda e Álvaro.

Juiz:



Campeão paulista de 1931, logo em seu segundo ano de existência, o São Paulo mostrava que era um digno sucessor do Paulistano

A estréia do novo São Paulo ocorreu em 1936, no dia do aniversário da cidade, 25 de janeiro. O time venceu a Portuguesa Santista por 3 a 2. Na véspera, foi inaugurada a nova sede, na Praça Carlos Gomes.

Por razões que não são muito claras até hoje, a partida quase foi suspensa horas antes. Especulava-se que era articulação de outros times da capital paulista. Isso forçou Porfírio da Paz a interceder junto à Secretaria do Estado para garantir a realização do jogo. O time venceu na sua (re)estréia por 3 a 2.

Toda a confusão dos anos anteriores fez com que o clube não pudesse se inscrever a tempo para o Campeonato Paulista de 1935. O time voltou a disputar o torneio em 1936, mas sem sucesso. A campanha foi muito fraca, com sete vitórias, dois empates e 11 derrotas. O clube acabou em nono lugar, para tristeza da torcida, acostumada com as glórias dos tempos da Floresta. Em 37, o São Paulo ficou em sétimo lugar no primeiro. Como apenas os seis primeiros colocados passavam ao segundo turno, acabou eliminado da competição.

A fusão que salvou o clube

As coisas não andavam bem para o Tricolor. O time não era lá grande coisa e não tinha local certo para treinamentos. O clube havia perdido o campo da Floresta para o Tietê quando da fusão, em 1934, e pulava de campo em campo, sem destino.

Foi então que apareceu o Estudante Paulista. O clube nascera de uma fusão do C.A.



Paulista (ex-Antarctica F.C.) com o Estudantes, outra dissidência do velho São Paulo da Floresta. O nome era inspirado no do Estudantes de La Plata, da Argentina. Era uma equipe forte, quarta colocada no Campeonato Paulista de 1937, tinha um treinador que depois se tornaria um marco do São Paulo: Vicente Feola, mas estava em crise financeira. A solução proposta pelo São Paulo foi a fusão dos dois, já que o Estudantes usava um bom campo, o da Companhia Antarctica, na rua da Móoca, e uma boa equipe.

O nome foi o maior pro-

blema. O Estudantes queria manter o seu, rejeitado pela diretoria do São Paulo, que alegava ter uma torcida maior e maior tradição. O Estudantes afirmava (com razão) que sua equipe era melhor e que daria mais jogadores à nova equipe – dos 11 titulares do time unificado, só Felipelli e Eliseu eram são-paulinos.

O impasse durou algum tempo, até que foi definida a manutenção do nome do São Paulo e a absorção do Estudantes. Com esse time (Pedrosa, Agostinho e Iracino; Fiorotti, Damasco e Felipelli; Mendes, Armandinho, Eliseu, Araken e Paulo), o São Paulo ficou com o vice-campeonato paulista de 38, em uma polêmica disputa com o rival Corinthians, que jamais será devidamente explicada.

O jogo foi disputado no Parque São Jorge. O Corinthians só precisava de um empate para conquistar o bicampeonato. O São Paulo saiu então na frente, com um gol de Mendes aos dois minutos do primeiro tempo. Aos 21 minutos, uma grande chuva provocou a paralisação da partida, que seria completada dois dias depois, 25 de abril de 1939.

O jogo recomeçou, então, com a torcida corintiana esperando apreensiva o gol de empate. E ele veio, um dos mais polêmicos do futebol paulista. Lopes cruzou, o goleiro Roberto Gomes Pedrosa rebateu e Servílio chutou torto. Carlito desviou a bola. Para os são-paulinos, com a mão. Para os corintianos, com a cabeça. A discussão permaneceu até o fim da partida. O Corinthians segurou o empate e ficou com o bicampeonato paulista, mesmo com os protestos tricolores, que queriam anular a partida. Sem sucesso.

O campeonato, que se iniciara em março de 1938 e fora o mais desorganizado até então – por culpa do Brasileiro de Seleções e da Copa do Mundo, na França –, terminara melancolicamente.

Pedrosa, goleiro e presidente

O destaque desse time era o goleiro Pedrosa, que depois seria mais conhecido, como presidente do clube e da Federação Paulista de Futebol, pelo nome completo, Roberto Gomes Pedrosa. Ele foi presidente da Federação Paulista de 47 até sua morte, em 54. Seu nome foi dado ao Torneio Rio-São Paulo e, mais tarde, à Taça de Prata, embrião de Campeonato Brasileiro disputado entre 1967 e 1970 – o Robertão, como ficou conhecido.

Pedrosa foi importante para a aquisição do Canindé, primeiro estádio do clube, em 1942. O Canindé ajudou na consolidação do São Paulo. Embora não comportasse jogos, o estádio já seria a sede do São Paulo, que poderia finalmente treinar tranqüilamente em um local próprio. O estádio foi oferecido por alemães em plena Segunda Guerra. O clube não perdeu tempo e fechou negócio.

Pacaembu, a nova casa

Se o Corinthians adotou o Pacaembu como sua casa nos anos 90, o estádio era o lar do São Paulo nos anos 40 e 50. Com a inauguração do Pacaembu, o clube adotou o estádio como sua casa, deixando o da rua da Móoca.

Uma técnica impecável

Finalmente terminou o campeonato de futebol de 1931. Quis a sorte que, em sua última exibição, o primeiro colocado, o São Paulo, confundisse vários de seus antagonistas, que ainda não acreditavam na sua superioridade. O Tricolor, mais uma vez, revelou uma técnica quase impecável, diante de um adversário que se achava preparadíssimo para a refrega. Jogando com muito brilho, o São Paulo venceu o Corinthians pela contagem de 4 a 1 e conquistou o título.

“O ESTADO DE S. PAULO”

1 CORINTHIANS

4 SÃO PAULO

Estádio: P. São Jorge Público: 20.222
Data: 10/1/1932

Corinthians: Onça; Grané e Juvenal; Parras, Osvaldo e Munhoz; Filhote, Bertone, Gambinha, Tony e Guimarães.

São Paulo: Joãozinho; Clodoaldo e Bartô; Milton, Bino e Sasso; Luizinho, Armandinho, Friedenreich, Araken e Junqueira.

Gols: Armandinho (2), Friedenreich, Araken e Guimarães.

Juiz: Virgílio Fredrighi.

São Paulo foi valente

Foi uma partida que ficou devendo em empolgação e emoção, mas que serviu para definir o campeão da temporada. No princípio, se verificou o tal receio mútuo. Logo nos minutos iniciais, observamos uma incongruência: apesar de terem excelentes linhas de ataque, as duas turmas procurar fazer 'jogo de defesa'. O Palmeiras só conseguiu fazer o seu tento no final da segunda etapa, através de um chute feliz de Avelino. O São Paulo, valente, tentou buscar o resultado mas não conseguiu ter êxito. O jogo estava no meio do campo quando o juiz apitou, assinalando o final.

"O ESTADO DE S. PAULO"

1 PALESTRA

0 SÃO PAULO

Estádio: Parque Antarctica Público: 30 mil pagantes Data: 12/11/1933

São Paulo: José; Sílvio e Iracino; Rapha, Zarzur e Orozimbo; Luizinho, Armandinho (Friedenreich), Waldemar de Brito, Araken e Hércules.

Palestra Itália: Nascimento; Carnera e Junqueira; Tunga, Dulla e Tuffy; Avelino, Gabardo, Romeu, Lara e Imparato.

Gol: Avelino 74'.

Juiz: Alzemirol Balillo

A inauguração do Pacaembu foi um dos momentos mais marcantes da história do São Paulo. O presidente Getúlio Vargas, odiado em São Paulo desde os tempos da revolta constitucionalista de 1932, compareceu ao estádio para a festa inaugural. Nada mais humilhante para os paulistas, que viam na figura de Vargas tudo o que desprezavam no poder centralizador da capital do país, o Rio de Janeiro.

Como parte da cerimônia,

desfilariam as delegações dos clubes paulistas. As de Corinthians e Palestra foram ovacionadas pelas respectivas torcidas, ao entrarem no campo. Porém, nada igual à recepção dada à delegação do São Paulo. O estádio veio abaixo. Getúlio entendeu o motivo: além do nome São Paulo, o clube trazia na camisa as cores da bandeira paulista. Era um tapa com luva de pelica no rosto do ditador. Os dirigentes tricolores, emocionados, choraram.

O São Paulo já era um gran-

de do estado, mas carecia de um título com o novo nome. A equipe vinha batendo na trave por anos sucessivos, com alguns vice-campeonatos estaduais e títulos que escapavam das mãos nas últimas rodadas. A torcida ainda não tinha engolido a derrota de 1938 contra o Corinthians. O maior consolo era ao menos o estádio do Pacaembu, já adotado como novo lar tricolor.

O time caiu de produção, apesar da fusão com o Estudante. Maior prova disso foi o



Pedrosa sai do gol para fazer a defesa. Nos primeiros anos de sua segunda existência, o São Paulo mandou seus jogos no campo da Antarctica, na rua da Móoca

Leônidas da Silva, o **DIAMANTE NEGRO**, veio para o São Paulo em **1942** por 200 contos de réis, a contratação mais cara até então

torneio paulista de 1940. A equipe ficou em um medíocre sexto lugar, com nove vitórias e dez derrotas em 20 jogos. Um dos poucos a escapar desse fiasco foi o atacante Emédio que fez 17 gols na competição. A partida que deu o título ao Palestra Itália foi justamente contra o São Paulo e foi cercada de mistérios e confusão.

Tudo porque alguns dias antes o atacante Paulo disse que havia recebido uma proposta de suborno do Palestra para entregar o jogo.

ACERVO SPFC



A vinda de Leônidas da Silva

O autor teria sido Sídnei, supostamente a mando do diretor Higino Pellegrini. Sídnei teria oferecido três contos de réis, a mando de um dirigente palestrino. Foi suspenso por tempo indeterminado. Na partida, o São Paulo foi derrotado por 4 a 1 e viu o rival comemorar o título de campeão paulista.

Após o vice-campeonato paulista de 1941, o São Paulo resolveu investir pesado em contratações.

Leônidas já era o maior nome do futebol brasileiro quando veio para o São Paulo em 1942. Astro do Mundial de 1938, na França, veio para o São Paulo por 200 contos de réis, na época a transferência mais cara do futebol sul-americano. Estava jogando no Flamengo. Roberto Gomes Pedrosa foi para o Rio com uma mala de dinheiro: 120 contos de réis para o Flamengo e 80 para Leônidas. Dez mil pessoas foram recebê-lo na estação do Norte, no Brás, em sua chegada a São Paulo.

Mas Leônidas não era mais o mesmo, diziam os críticos. Os mais céticos diziam que ele estava velho demais (à beira dos 30 anos) e gordo para ser uma estrela. Os rivais gozavam, chamando-o de "bonde" (sinônimo de "conto do vigário" na época). Sua estréia contra o Corinthians (3 x 3) levou ao Pacaembu o maior público do estádio – 72.018 pagantes – e viu um Leônidas apagado na partida. O centroavante foi tão mal no jogo que foi gozado por todos os corintianos.

– Fiquei tão bravo que prometi que nunca mais jogaria

mal contra o Corinthians, o que cumpri em toda a minha passagem pelo São Paulo. Quem me chamou de bonde e gordo viu o São Paulo ser várias vezes campeão paulista – contou Leônidas em uma entrevista, anos mais tarde.

O Homem de Borracha conseguiu feitos incríveis no São Paulo.

– Honramos o nome do São Paulo pelos quatro cantos do mundo – gostava de dizer.

Leônidas era o maior nome do Esquadrão de Ouro que o São Paulo sonhava em montar. Além do Diamante Negro, Remo tinha vindo do Santos; Renganeschi e Rui, do Fluminense; Noronha, do Vasco. Depois viria ainda "Don" Antonio Sastre, do Independiente, da Argentina, e Zezé Procópio, do Palmeiras.

O time entrou para a disputa do Campeonato Paulista de 1942 credenciado por um time da mais alta qualidade: Doutor, Piolim e Virgílio; Lola, Noronha e Silva; Luizinho, Val-

demar de Brito, Leônidas da Silva, Remo e Pardal. O técnico era Vicente Feola.

A campanha foi excelente e mais uma vez o adversário na final era o Palestra Itália, que mudara às vésperas do jogo o nome para Palmeiras, devido ao sentimento antiitaliano que a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial havia criado.

O Palmeiras entrou em campo carregando uma bandeira do Brasil. Nem isso impediu que o jogo, no Pacaembu, fosse marcado pela violência e pelo nervosismo.

Aos 19 minutos do segundo tempo, Virgílio cometeu pênalti. Inconformado com a marcação, o time do São Paulo se retirou de campo. O Palmeiras foi proclamado campeão.

A única punição ao juiz foi uma suspensão de dez dias por não coibir a violência durante o jogo. Mas o título não mudaria de mãos. O São Paulo mais uma vez batia na trave.

O Tricolor reconstituído

Reconstituído há pouco tempo, o clube tricolor conquistou boa vitória por 3 pontos a 2 frente a Portuguesa de Santos. A partida atraiu numeroso público ao campo do Parque Antarctica. Havia grande interesse por essa partida, de uma parte porque a Portuguesa tinha ultimamente subido muito no conceito dos técnicos, e de outra porque se sabia que o São Paulo escolhera e preparara uma boa turma. De fato, a expectativa geral foi mais ou menos satisfeita.

"O ESTADO DE S. PAULO"

3 SÃO PAULO

2 PORT. SANTISTA

Estádio: Parque Antarctica
Data: 25/1/1936

São Paulo: King, Ruy e Picareta; Ferreira, José e Segoa; Antoninho, Gabardo, Juca (Gutierrez), Carazzo e Paulinho.

Portuguesa Santista: Rato, Romeu e Teixeira; Del Popolo, Arquimedes e Argemiro; Vega, Armandinho, Orlando (Franco), Tim e Gildo.

Gols: Armandinho, Ruy (contra), Carazzo (2) e Franco

Juiz: Heitor Marcelino Domingues.

Friedenreich jogou pelo **SÃO PAULO DA FLORESTA**
até os **42 ANOS**, sem perder o faro de gol

FRIED, O PELÉ DO AMADORISMO

Há quem jure que existiu um jogador melhor do que Pelé. Ele jogou nas décadas de 10, 20 e 30 e teria feito mais gols que o Rei do Futebol: 1.239. Arthur Friedenreich foi o melhor jogador brasileiro dos tempos do amadorismo. Foi sinônimo de craque no Brasil, até o aparecimento de Pelé.

Filho de pai alemão e de mãe brasileira, de grande flexibilidade e inteligência, ele só abandonou o futebol em 1935, aos 43 anos, depois de 26 anos de carreira.

Graças às origens alemãs, Fried começou a jogar no Germânia, atual Pinheiros. Depois, passou pelo Mackenzie e pelo Ypiranga, onde, apesar do talento, não conseguia chegar ao título paulista. Em 1918, contratado pelo Paulistano, o melhor time da época, deu início à melhor fase da carreira.

O maior atacante da América

Friedenreich brilhou também na Seleção Brasileira no Sul-Americano que o Brasil conquistou em 1919. Foi considerado o melhor jogador brasileiro e um dos destaques do certame e conseguiu brilhar em um ataque que incluía Neco e Heitor, marcando quatro gols no torneio, inclusive o



REPRODUÇÃO

Friedenreich com a camisa são-paulina: goleador até os 42 anos de idade

QUEM FOI ELE

- **Nome:** Artur Friedenreich
- **Nascimento e morte:** 1892–1969
- **Local:** São Paulo (SP)
- **Quando jogou:** 4 temporadas (1931-1934)
- **Títulos no clube:** Paulista(31)
- **Outros clubes:** Germânia (1910), Mackenzie (1912), Ypiranga (1913), Paulistano (1918 a 1929), São Paulo (1930 a 1934), Flamengo (1935)
- **Características:** Centroavante de incrível elasticidade, passador emérito, foi o primeiro grande ídolo do futebol brasileiro.

gol da vitória brasileira sobre o Uruguai, por 1 a 0, na final.

Consagrado pela conquista do Sul-Americano, Friedenreich continuou papando títulos no Paulistano. Em 1925, fez parte da equipe que brilhou numa excursão à Europa. Os jogadores do Paulistano foram apelidados pela imprensa europeia "Les Rois du Football" (os reis do futebol).

Em 1929, com a extinção do futebol no Paulistano, Fried foi um dos precursores do São Paulo da Floresta. Já tinha 37 anos. Mas a idade não importava para um artilheiro como ele. Mesmo em fim de carreira, atingia marcas impressionantes, como 32 gols em 26 jogos no Campeonato Paulista de 1932, aos 40 anos!

Quanto à cifra de 1.239

que é atribuída a ele, provavelmente jamais será verificada. Levantamentos diferentes, com base em jornais da época, situam o total de gols de Friedenreich entre 500 e 800 gols. Seja qual for o número exato, porém, não há como negar que ele foi o maior artilheiro do futebol brasileiro antes de Pelé. Talvez apenas Feitiço tenha rivalizado com ele.

ASSINA FÁCIL ÉPOCA

POR R\$ 9,90/MÊS

NUNCA O PRAZER DE LER CUSTOU TÃO POUCO!

**Assina Fácil
ÉPOCA:**
menos que R\$ 2,50
por exemplar.
Aproveite!

Assina Fácil ÉPOCA é a assinatura mensal que dura quantos meses você quiser.

Confira **todas** as **suas vantagens**:

- 1 você recebe 4 edições por mês da revista **ÉPOCA** em seu endereço, com **29% de desconto** sobre o preço de capa!
- 2 você pode **ganhar um cartão de crédito Bradesco**^(*) com a **primeira semestralidade grátis!**
- 3 **você escolhe** como quer pagar: o **débito pode ser feito mensalmente** na sua **conta corrente bancária** ou **na fatura do seu cartão de crédito** – **inclusive** no seu **novo** cartão Bradesco.
- 4 junto com o cartão de crédito Bradesco você também recebe um **cartão Smart Club**^(**) – **um programa de premiação** que recompensa suas despesas com prêmios!

(*) livre de comprovação de renda; sujeito apenas à aprovação do Serasa.

(**) válido apenas para os estados de São Paulo e Rio de Janeiro.

Para assinar é só ligar:

em São Paulo **(0xx11)3362.2000**

no Rio de Janeiro **(0xx21)824.0400**

Fax: **(0xx11)3766.3755**

E-mail: **atendimento@edglobo.com.br**

visite nosso site: **www.epoca.com.br**



ASSINE A REVISTA ÉPOCA.

Cem páginas, no mínimo, de reportagens, matérias e artigos cobrem com profundidade assuntos de interesse das pessoas que querem se manter bem informadas.

Com **ÉPOCA** você realmente entende a notícia e utiliza as informações para aprimorar a sua qualidade de vida.

Todas as semanas você vai ler, na sua revista **ÉPOCA**:

- política, economia, atualidades, questões sociais;
- empresas, mercado financeiro, marketing, investimentos pessoais, seguros;
- resenhas, críticas, debates, dicas de programas e serviços;
- cinema, teatro, livros, artes plásticas, televisão;
- e mais as seções *Reportagens Especiais*, *Imagens*, *Sociedade*, *Ciência e Tecnologia*, *Mundo*, *Periscópio*.



O PRAZER DE LER.

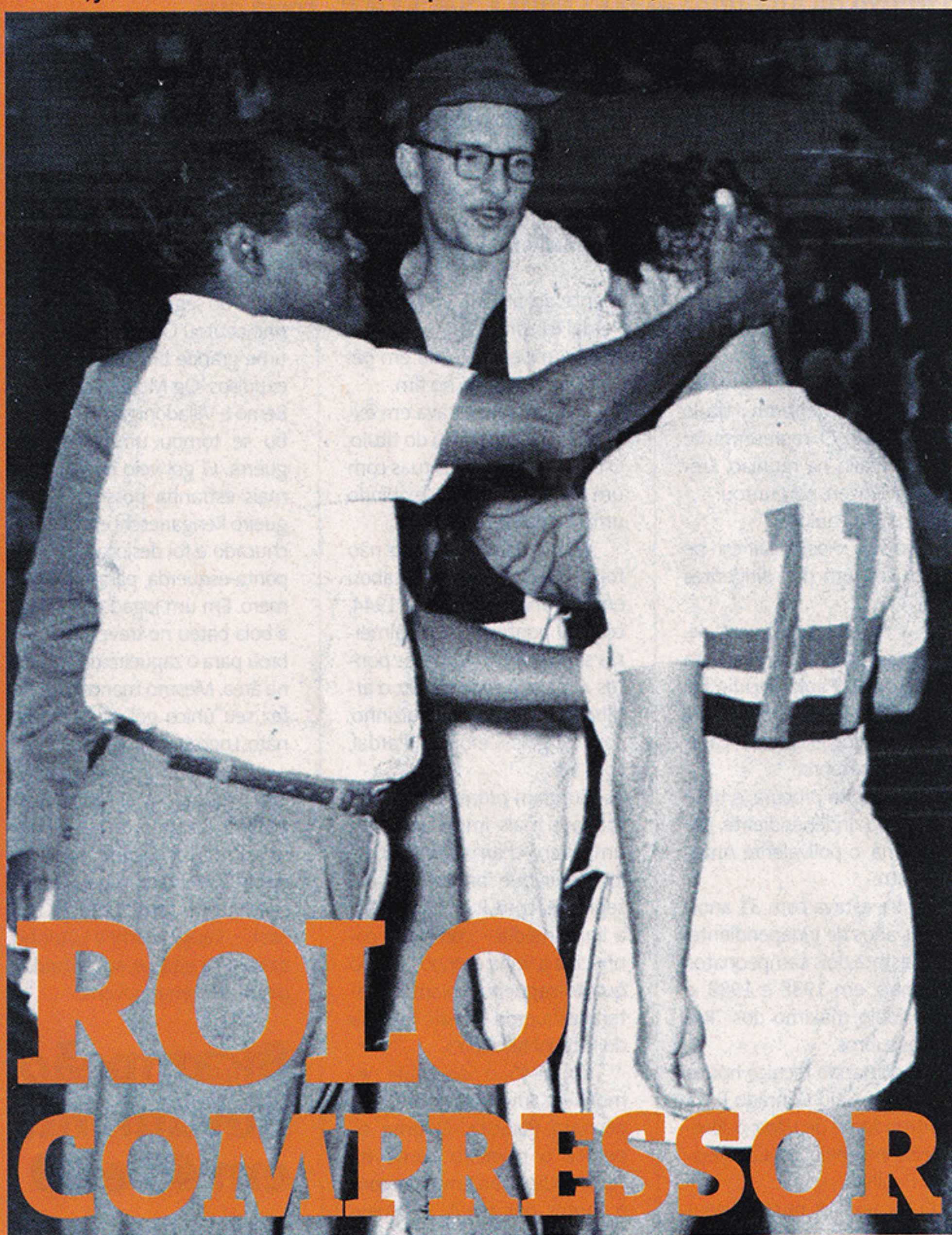
Diziam que bastava jogar uma moeda. Se desse **CARA**, o Palmeiras era campeão. Se desse **COROA**, seria o Corinthians. Deu São Paulo



TIAGO BONILHA

Quando o São Paulo foi campeão em 1943, se disse que “a moeda caiu em pé”, porque palmeirenses e corintianos acreditavam que bastava decidir o título entre si jogando uma moeda no chão. Anos depois, os jogadores foram presenteados com um troféu especial. O recebido por Remo está no Memorial do clube

Leônidas, já como treinador do São Paulo, cumprimenta Teixeira (11) à saída do gramado: dois ídolos



UH/ACERVO ARQUIVO DO ESTADO DE S. PAULO

ROLO COMPRESSOR

O São Paulo só seria campeão se a moeda caísse em pé. Essa era a frase que se dizia no início dos anos 40. Tudo porque Palmeiras e Corinthians dominavam o futebol do estado, não deixando para os outros rivais a possibilidade de título. De 1932 a 1942, só o Santos interrompeu essa hegemonia, em 1935 (a Portuguesa de Desportos foi campeã, também, em 35 e 36, mas disputava uma liga separada).

Seria necessário um milagre para que o título saísse dos dois. A brincadeira era simples: jogada a moeda para o ar, se desse cara, o título era palmeirense. Coroa, alvinegro. Para o São Paulo só se ela caísse na vertical. E ela caiu!

O São Paulo conseguiu o título paulista de 43, e passou a enfileirar conquistas: mais quatro conquistas paulistas, em dois bicampeonatos (45/46 e 48/49).

A equipe aliava a técnica e exuberância de Leônidas de Silva, a inteligência de Sastre, a velocidade de Luizinho e Teixeira, a segurança de Rui, Bauer e Noronha. O time mudava aos poucos a formação, mas não o padrão de jogo: clássico no toque de bola e mortal no ataque.

Nascia o "Trio de Ferro", que iria monopolizar o futebol paulista até o surgimento do Santos na década de 50. Os apelidos do time tricolor para definir o requinte de seu futebol eram vários: "Escola", "Academia", "Universidade". Aos poucos, o Tricolor, deixava de ser simplesmente o Mais Querido da torcida para se tornar o mais vitorioso em campos paulistas. O "Rolo Compressor" começava a engrenar e passar por cima de quem viesse pela frente.

Evolução das camisas

1934: O uniforme tricolor original tinha faixas brancas mais grossas que hoje



1945: O time campeão daquele ano usou meias brancas, e não pretas



1956: O uniforme número dois passa a ter listras um pouco mais finas



O São Paulo trouxe da Argentina **ANTONIO SASTRE**, meia que viria a ser o grande **CÉREBRO** do time na década de 40

A estréia de Leônidas

A peleja entre o Corinthians e o São Paulo caracterizou-se pela ardoriedade e primou pela disciplina. O espetáculo do Pacaembu foi um dos mais empolgantes em nossas canchas nos últimos cinco anos. Toda a expectativa foi confirmada para o confronto entre os líderes e também para a estréia de Leônidas no São Paulo. Uma assistência recorde no estádio com mais de 70 mil pessoas e um futebol memorável foram vistos no Pacaembu. O jogo foi disputado palmo a palmo. Alguns (...) elementos (do São Paulo) desenvolveram jogo perfeito, como Leônidas, que deu mostras de sua categoria.

"CORREIO PAULISTANO"

3 CORINTHIANS

3 SÃO PAULO

Data: 24/5/1942

Estádio: Pacaembu

Público: 74.078 pagantes

Renda: 244.414\$00

Corinthians: Joel; Agostinho e Chico Preto; Jango, Brandão e Dino; Jerônimo, Servílio, Milani, Eduardinho e Hércules.

São Paulo: Doutor; Fiorotti e Virgílio; Zaclis, Lola e Silva; Luizinho, Waldemar de Brito, Leônidas, Teixeira e Pardal.

Gols: Jerônimo 21', Lola 35', Servílio 48 e 88', Luizinho 61', Teixeira 81'.

Juiz: Jorge Lima (Joreca).

A história da moeda em pé começou numa reunião de dirigentes dos clubes paulistas. Os presidentes de Corinthians e Palmeiras brincaram:

– Para decidir o título, é só jogar uma moeda. Se der cara, o Palmeiras é campeão. Se der coroa, dá Corinthians.

Isso porque o São Paulo não conquistava nenhum título desde 1931. O representante do São Paulo na reunião, Frederico Menzen, perguntou:

– E o São Paulo?

– Só se a moeda cair em pé – retrucou um dos dirigentes rivais.

E a moeda ia cair em pé. Após a perda do título paulista de 42, o São Paulo decidiu reforçar ainda mais o elenco, que apesar de excelente, carecia de um cérebro.

Após muita procura, o time trouxe do Independiente, da Argentina, o polivalente Antonio Sastre.

Sastre estava com 31 anos. Em 11 anos de Independiente, conquistara dois campeonatos nacionais, em 1938 e 1939, e era o ídolo máximo dos "Rojos", os rubros.

No comando técnico houve mudanças. Saiu Conrado Rosa e entrou Jorge de Lima, o Joreca, isso no meio do Campeonato Paulista.

O torneio foi muito disputado e o São Paulo só ficou com o título após um empate com o Palmeiras em 0 a 0. Se perdesse para o rival, os dois, mais o Corinthians disputariam um supercampeonato para definir o título.

Logo aos seis minutos do jogo contra o Palestra, Sastre se machucou e teve que ficar em campo "fazendo número", já que não havia substituições na época. O São Paulo jogou então na defesa, indo rara-

O primeiro título de bicampeão

mente ao ataque com Remo, Pardal e Leônidas.

– A moedinha caiu em pé! – brincou Luizinho no fim.

O São Paulo estava em êxtase com a conquista do título. O time desfilou pelas ruas com um carro alegórico exibindo uma moeda em pé.

Mas o bicampeonato não foi possível. A equipe acabou em segundo lugar em 1944, com 29 pontos e viu o Palmeiras ser campeão com três pontos a mais. Ao menos fez o artilheiro do torneio – Luizinho, com 22 gols – e o vice, Pardal, com 18.

Surgiam promessas. O primeiro e mais importante era um jovem chamado José Carlos Bauer, que formaria no ano seguinte, com Rui e Noronha, a linha média – como era conhecida a linha composta pelo quarto-zagueiro, volante e lateral-esquerdo – mais famosa do futebol brasileiro.

Em 1945, o São Paulo demoliu os adversários no Campeonato Paulista. O time só perdeu o primeiro ponto na sexta rodada, ao empatar com o Santos por 1 a 1. A equipe acabaria apenas com mais uma derrota (2 a 1 para o Corinthians) e um empate, na última rodada, contra o Palmeiras, quando já era campeã. O auge da campanha foi a goleada de 12 a 1 sobre o Jabacuará, com quatro gols de Remo e de Pardal.

O título de 46 foi o único invicto do São Paulo. O time brigou palmo a palmo com o Corinthians pela conquista. O alvinegro só tinha duas derro-

tas no torneio – ambas para o Tricolor – e torcia por um troço do rival contra o Palmeiras, que já não tinha mais chances de ser campeão.

O jogo entre Palmeiras e São Paulo foi tenso. Aos 13 minutos do segundo tempo, Luizinho chutou Oberdan, iniciando uma grande briga, com quatro expulsos: Og Moreira, Luizinho, Remo e Villadoniga. O Pacaembu se tornou uma praça de guerra. O gol veio da maneira mais estranha possível. O zagueiro Renganeschi estava machucado e foi deslocado para a ponta-esquerda, para fazer número. Em um jogada de Bauer, a bola bateu no travessão e sobrou para o zagueiro na pequena área. Mesmo mancando, ele fez seu único gol no campeonato. Logo o gol do título.

O clube sonhava com o tricampeonato. Mas a equipe acabou fazendo uma campanha irregular, ficando apenas em quarto lugar. Alguns jogadores veteranos, como Gijo, Sastre, Renganeschi e Luizinho saíram da equipe, substituídos por outros, mais jovens.

Bicampeão novamente em 48 e 49

A reformulação continuava. A ordem era ganhar o título paulista de 48. O bonachão Vicente Feola voltara a comandar o time. Mauro Ramos ganhara um lugar na zaga e começava a marcar seu nome no time. O time começava a engrenar. Coube a Feola, porém, uma missão espinhosa: injetar confiança no já veterano Leônidas. O "Diamante Negro" não conseguia mais exibir sua classe antiga e já era chamado



Um instante memorável na história do clube: a delegação são-paulina desfila na inauguração do Pacaembu sob a ovação do público. Um tapa com luva de pelica no ditador Getúlio Vargas, em pleno Estado Novo

de decadente. Tinha problemas de relacionamento com os companheiros de equipe, por causa do temperamento esquentado. Ficava de fora de muitas partidas, devido a problemas num joelho.

Mas Feola soube superar todos esses problemas. O time conseguiu o título com dois pontos de vantagem sobre o Santos, ao derrotar o Nacional por 4 a 2, no Pacaembu.

Para o ano seguinte, o time trouxe o ponta Friaça, do Vasco. O bi seria o título derradeiro de Leônidas.

Coube a Friaça fazer 24 gols, tornar-se artilheiro do torneio e levar o time ao bicampeonato. O time havia começado de forma arrasadora o torneio, goleando Comercial (7x2), Jabaquara (4x1), Palmei-

ras (5x1), Juventus (8x2). A fase só parou na Vila Belmiro (derrota de 1x0 para o Santos).

No segundo turno, apenas mais uma derrota (2x0 para o XV de Piracicaba) e novas goleadas. O ataque de 70 gols mostrava-se implacável. Leônidas, em fim de carreira, fez 13 gols. Em janeiro de 1950, parou de jogar.

Em 1950, novamente o sonho do tri foi desfeito. São Paulo e Palmeiras chegaram à última rodada disputando o título. Chovia muito naquele dia e o campo estava completamente enlameado. Teixeira fez um gol aos 3 minutos. Minutos depois, faria o segundo, anulado pelo árbitro inglês Bradley. O Palmeiras acabaria empatando no segundo tempo, impedindo o tri.

A moedinha caiu em pé

Finalmente ficou encerrado o sensacional torneio deste ano. A partida que pôs fim ao certame correspondente, ao esperado e ao que de espetacular era previsto na temporada de 1943. O São Paulo, concretizando seu ideal de alguns anos, conseguiu segurar o empate e vencer o campeonato. Algumas vezes ele esteve bem próximo de alcançar tal feito, que lhe havia sido possível unicamente em 1931. O Palmeiras foi um grande antagonista.

"CORREIO PAULISTANO"

0 SÃO PAULO
0 PALMEIRAS

Data: 3/10/1943

Estádio: Pacaembu Público: 42.143 pagantes Renda: Cr\$ 552.577,00

São Paulo: King; Piolim e Virgílio; Zezé Procópio, Zarzur e Noronha; Luizinho, Sastre, Leônidas, Remo e Pardal. T: Joreca

Palmeiras: Oberdan; Junqueira e Osvaldo; Brandão, Og Moreira e Dacunto; Caxambu, Gonzalez, Cabeção, Villadoniga e Canhotinho. T: Del Debbio

Juiz: Carlos de Oliveira Monteiro

Uma espécie de espanto

Para os que julgavam o Santos capaz de surpreender o São Paulo no jogo do Pacaembu, o resultado da partida deve ter causado uma espécie de espanto. Por muito que se esperasse do quadro tricolor, longe estavam os mais otimistas de julgar que os santistas sofressem uma derrota por 9 a 1. O Santos teve presença durante apenas os 20 primeiros minutos de luta, quando chegou a criar um punhado de situações. Depois disso, o São Paulo impôs seu jogo mais desenvolvido e coordenado. Os tentos são-paulinos foram saindo seguidamente sem que os 11 santistas esboçassem uma reação.

"O ESTADO DE S. PAULO"

9 SÃO PAULO

1 SANTOS

Data: 18/6/1944
Estádio: Pacaembu

São Paulo: King, Piolim e Florindo; Zezé Procópio, Rui e Noronha, Luizinho, Sastre, Tim, Remo e Pardal. T: Joreca.

Santos: Joãozinho; Jaú e Gradim; Ari Silva, Solar e Albertinho; Cláudio, Fierro, Teleco, Eunápio e Rui.

Gols: Solar 14', Pardal 21', 37', Remo 33', 90', Tim 48', 62', Luizinho 57', 72', Sastre 78'.

Juiz: Rodolfo Wenzel.

A década de 50 começou difícil. O lendário dirigente são-paulino Paulo Machado de Carvalho promoveu Leônidas a treinador em 1951, mas a experiência não deu certo. Ainda quando era jogador, o Diamante Negro havia comprado várias brigas com os companheiros. Agora, como treinador, não tinha autoridade sobre os ex-colegas. Decidiu suspender vários, como Mário, Sáverio, Rui e Teixeira, mergulhando o time numa crise que lhe custou

o título daquele ano. O Corinthians quebrou uma escrita de cinco anos e aplicou uma surra no São Paulo: 4 a 0. Leônidas não resistiu e deixou o cargo. Assumiu Ariston de Oliveira. Leônidas ainda voltaria a treinar o time em duas ocasiões, em 1952 e em 1954/55. Mas acabaria desistindo da carreira de treinador e se tornando comentarista.

O São Paulo reformulou seu elenco nos anos seguintes. Do time de 1953, apenas Mauro, Bauer e Teixeira tinham

estado no bicampeão paulista de 1949. Para o lugar de Leônidas, veio o argentino Jim Lopes, do Ypiranga. Para o time chegaram Ranulfo, Gino, Pé de Valsa e o Maurinho. Além do técnico, mais três argentinos eram titulares: o goleiro Poy e o atacante Albella, ex-Banfield, e o meia-direita Juan José Negri, que tinha jogado no River com estrelas como Labruna e Loustau. O time começou embalado no torneio e goleou o Comercial por 6 a 1. Depois continuou vencendo: 3 a 0 no



Em pé, da esquerda para a direita: Piolim, Ruy, Bauer, Renganeschi, Noronha e Gijo. Agachados: Luizinho, Sastre, Leônidas, Remo e Teixeira.

Depois das más campanhas no início da **DÉCADA DE 50** o São Paulo investiu em jovens valores e **CONQUISTOU** os títulos paulistas de 53 e 57

XV de Jaú, 4 a 1 no Nacional, entre outros sucessos. Uma derrota de 4 a 1 para o Linense não mudou muito os rumos da equipe que foi campeã, no dia 24 de janeiro de 1954, com uma vitória de 3 a 1 sobre o Santos. Foram 24 jogos, com apenas duas derrotas e seis pontos perdidos. O ataque marcou 70 gols e sofreu 21.

Além do campeonato estadual, o time conquistou ainda a taça dos campeões estaduais, uma disputa entre o campeão carioca e o paulista.



ACERVO SPFC

O início do projeto do Morumbi

O São Paulo bateu o Flamengo, 3 a 1 no Rio e 1 a 0 em São Paulo, e ficou com o título.

Mesmo feliz com o Pacaembu, o São Paulo queria ter um estádio só seu. Se o clube era campeão dentro de campo, carecia de um patrimônio mais compatível com sua grandeza. Possuía apenas o estádio do Canindé. Cícero Pompeu de Toledo queria mais. Queria fazer do São Paulo uma potência dentro e fora do campo. A primeira idéia foi construir o novo estádio numa área de mangues a poucos quilômetros do centro, mas o então vereador Jânio Quadros impediu que o clube recebesse da prefeitura a área. Hoje ali fica o Parque do Ibirapuera.

O São Paulo teria que fazer o estádio com suas próprias mãos e sem ajuda financeira do governo. Seria uma prova de fogo. E das maiores.

Durante o ano de 1952, foi eleita uma comissão Pró-Estádio, constituída pelo presidente Cícero Pompeu de Toledo e pelos seguintes nomes: Piragibe Nogueira (vice-presidente), Luís Cássio dos Santos, secretário; Amador Aguiar, tesoureiro; Altino de Castro Lima, Carlos Alberto Gomes Cardim, Luís Campos Aranha, Manoel Raymundo Paes de Almeida, Osvaldo Artur Bratke, Roberto Gomes Pedrosa, Roberto Barros Lima, Marcos Gasparian, Paulo Machado de Carvalho e Pedro França Filho Pinto. Esse homens iriam fazer o sonho virar realidade.

Começaram, então, a procurar outro terreno em que

pudessem fazer o maior estádio particular do mundo. Alguns diziam que tal sonho era loucura.

— Já que é um sonho, que seja grande — diziam os cartolas tricolores.

No dia 15 de agosto de 1952, o time conseguiu um terreno imenso no Jardim Leonor, no bairro do Morumbi, então em processo de loteamento imobiliário. O São Paulo comprou 30 mil m² e a Imobiliária Aricanduva doou outros 30 mil. Na época, o Morumbi era um bairro povoado por poucas casas, muito afastado da cidade. As obras do novo estádio começaram em 1953. Em 1956, o clube vendeu o Canindé, que acabaria nas mãos da Portuguesa de Desportos. Estava encerrado um capítulo na história do clube.

O presidente Cícero Pompeu de Toledo confiava no jovem Laudo Natel, diretor do Departamento de Finanças (e anos mais tarde governador

de São Paulo), para colocar o caixa do clube em ordem e tocar a construção do estádio. Natel era visto desde sua chegada ao clube, em 1946, como um jovem promissor e muito trabalhador. Ele presidiu o clube de 60 a 72.

Cícero Pompeu de Toledo

Em toda a vida, Cícero Pompeu de Toledo foi um exemplo de dedicação e amor ao clube. Ingressou no clube em 1939 e foi secretário da Diretoria de 1944 a 1946.

Em 1948 é eleito para presidente, cargo que ocuparia até 1958, quando se afastou por problemas de saúde. Infelizmente não pôde ver o estádio pronto. Em sua homenagem, hoje o estádio do Morumbi tem o seu nome.

Duas expulsões para cada lado

O prélio atingiu os minutos finais da primeira fase sem abertura de contagem. Aos 12 minutos do período complementar paralisou-se a peleja. Luizinho, ao carregar ilicitamente sobre Oberdan, deu início a uma série de acontecimentos que culminaram com duas expulsões para cada lado. Aos 38 minutos, Bauer avançou e fez o centro (...). A bola acabou tocando no travessão e caindo. Renganeschi, que estava à espera, só teve que golpear para dentro.

"CORREIO PAULISTANO"

1 SÃO PAULO 0 PALMEIRAS

Data: 10/11/1946 Estádio: Pacaembu
Renda: Cr\$ 651.125,00

São Paulo: Gijo; Piolim e Renganeschi; Rui, Bauer e Noronha; Luizinho, Sastre, Leônidas, Remo e Teixerinha. T: Joreca.

Palmeiras: Oberdan; Caieira e Gengo; Og Moreira, Túlio e Waldemar Fiúme; Lula, Lima, Villadoniga, Canhotinho e Mantovani.

Gol: Renganeschi 70'.

Expulsões: Luizinho, Remo, Villadoniga e Og Moreira.

Juiz: Bruno Nina.

O São Paulo só volta a ser **CAMPEÃO** quando trouxe **ZIZINHO** do Bangu, já veterano e o técnico húngaro Bela Gutman

Meu primeiro bicampeonato

Eu posso dizer que sempre fui um jogador abençoado no futebol. Gagnei vários títulos, mas me lembro bem desse bicampeonato paulista de 49. O São Paulo já tinha alguns veteranos, como o Leônidas, mas ainda era uma grande força. O Friaça tinha vindo do Vasco e o time tinha conseguido mais força ainda no ataque. O Santos tinha uma equipe bem montada pelo Brandão e grandes jogadores, mas o Friaça jogou bem e fez dois gols, dando o título para o clube. Lembro também que foi o último título de Leônidas da Silva, um grande jogador que aprendi a respeitar dentro de fora dos gramados.

MAURO

3 SÃO PAULO

1 SANTOS

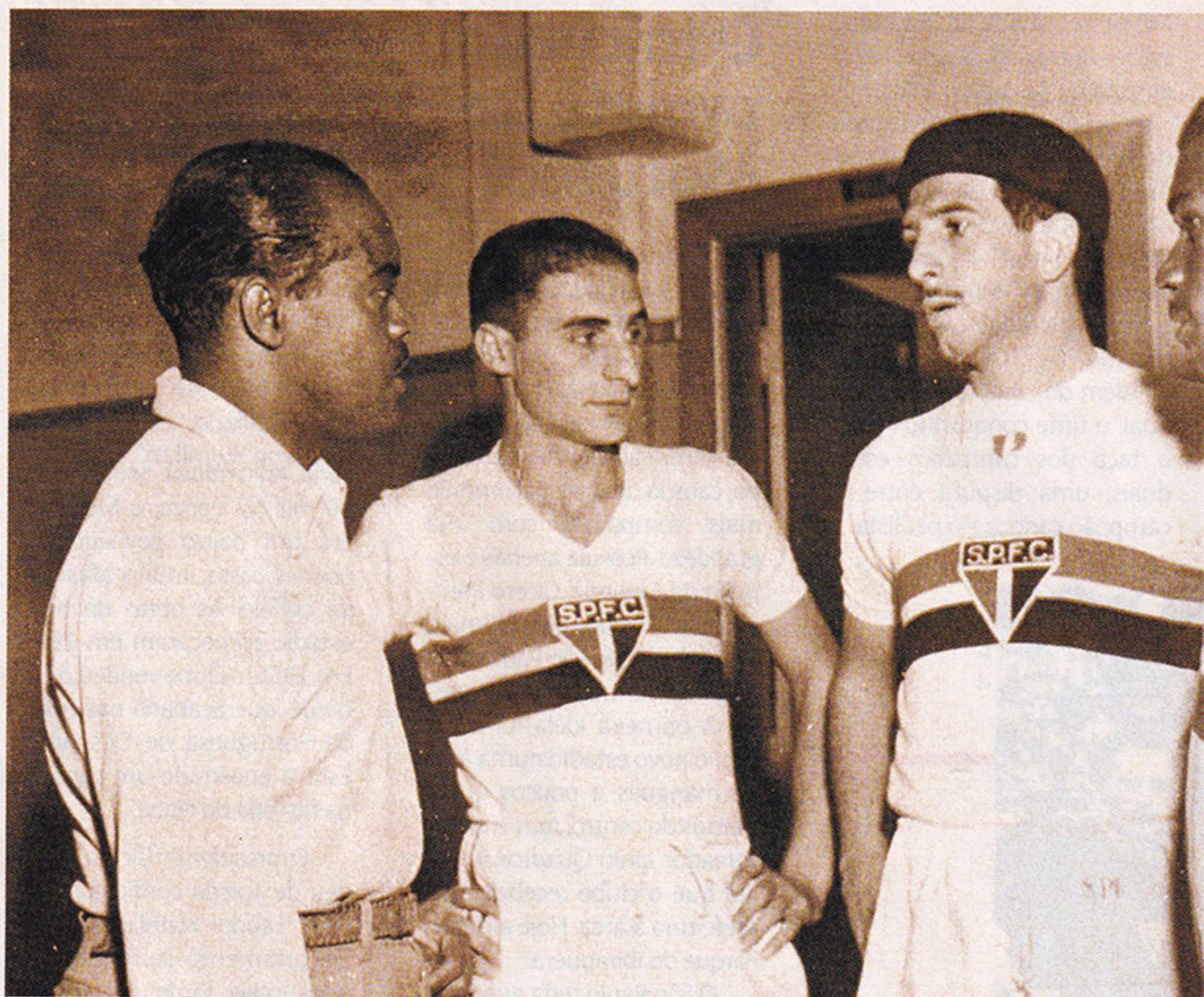
Data: 20/11/1949 Estádio: Pacaembu Renda: Cr\$ 345.941,00

São Paulo: Mário; Savério e Mauro; Rui, Bauer e Noronha; Friaça, Ponce de León, Leônidas, Remo e Teixeira T: Vicente Feola

Santos: Chiquinho; Charreta e Dinho; Nenê, Pascoal e Alfredo; Alemãozinho, Antoninho, Juvenal, Odair e Pinhegas T: Oswaldo Brandão

Gols: Teixeira 25', Friaça 31', Friaça 64', Alemãozinho 89'.

Juiz: Godfrey Sunderland.



O técnico Leônidas da Silva conversa com Teixeira (de gorro) e outros dois jogadores. Leônidas comprou muitas brigas com o time, que lhe custaram a carreira

Nos primeiros anos de construção do Morumbi, o time não se ressentiu muito da falta de verba para contratações. Uma boa geração havia sido encontrada, e o São Paulo continuou entre os grandes. Em 1954, ficou em terceiro lugar, mesma posição de 1955. Em 1956, foi vice-campeão.

No campo internacional o clube ganhou dois troféus: o do torneio Jarrito, na Cidade do México, e a Pequena Copa del Mundo, na Venezuela, em 1955. O time-base da última conquista foi: Poy, De Sordi e Mauro; Pé de Valsa, Bauer e

Alfredo; Maurinho, Lanzoninho, Gino, Paraíba e Teixeira. Com a exceção dos dois meias argentinos, que saíram para a entrada de Lanzoninho e Paraíba, era basicamente o mesmo time que fora campeão em 1953.

Em 1956, o São Paulo chegou bem perto do título paulista. Graças a uma vitória por 5 a 3 sobre o Palmeiras na última rodada, empatou com o Santos em pontos e forçou um jogo desempate. Havia uma forte suspeita de suborno. O São Paulo teria comprado os zagueiros Hêlvio e Ivã. Os santistas, pelo sim ou pelo não, os

substituíram por Wilson e Feijó. O São Paulo fez 2 a 1 no primeiro tempo, com dois gols de Zezinho. Mauro cometeu pênalti e Feijó diminuiu para 2 x 1. O Santos reagiu no segundo tempo, e com dois gols de Pagão e um de Tite virou para 4 a 2. Sobrou para o goleiro Bonelli, considerado o culpado pela derrota tricolor. O Santos, que ainda não tinha Pelé, conquistou o primeiro bicampeonato paulista de sua história. Restou ao Tricolor reformular o elenco para o ano seguinte: vieram um novo técnico e um novo ídolo.



Zizinho é campeão paulista

Depois do insucesso do ano anterior, o São Paulo queria de qualquer maneira o título paulista. Para isso, trouxe mais um meia veterano, a exemplo de Sastre na década de 40: Zizinho, o "Mestre Ziza", grande estrela da Seleção na Copa do Mundo de 1950.

Mas Zizinho não podia sair do Rio de Janeiro por muito tempo. O jogador aceitou, en-

tão, vir por três meses, tempo para participar da fase final do campeonato e voltar imediatamente para o Bangu, seu clube no Rio.

Para comandar a equipe, o time apelou para a importação e trouxe o legendário treinador húngaro Bela Gutman, que tinha dirigido o Honvéd de Puskas nos anos 50.

Gutman era homem de métodos poucos ortodoxos para o futebol brasileiro. Um dos seus primeiros treinos consistiu em um desafio ao elenco. Ele colocou várias estacas de madeira no campo e pediu que os jogadores acertassem a bola em cada uma delas, de uma distância de cerca de 20 metros. Poucos tiveram sucesso. Quando foram protestar, dizendo ser impossível, o veterano técnico pegou uma bola e acertou em todas, para espanto de todo o elenco.

Com ele no banco e Zizinho mandando no time, ficou fácil para o São Paulo, que, em 18 jogos, só teve uma derrota (2 a 1 para o Botafogo de Ribeirão Preto).

O time tinha sofrido várias modificações desde o início do torneio, o time-base era formado por: Valdemar; Clélio e Atilio; Ademar, Vitor e Riberto; Sílvio, Dino Sani, Ney, Maneca e Canhoto. Bem diferente da equipe que foi campeã: Poy; De Sordi e Mauro; Dino Sani (Sará), Vitor e Riberto; Maurinho, Amauri, Gino, Zizinho e Canhoto.

A rivalidade com o Corinthians se acirrou muito nesse campeonato. No primeiro turno, houve um empate de 1 a 1 e o ponta-direita Maurinho quebrou a perna do lateral-esquerdo Alfredo. Além disso, Luisinho "Pequeno Polegar" e Gino bateram boca. A coisa fi-

cou tão feia entre os dois que, no dia seguinte, quando os dois se encontraram por acaso na rua, o corintiano Luisinho acertou uma tijolada no atacante tricolor.

O Corinthians vinha fazendo uma campanha impecável, invicta, mas perdeu para o Santos, na Vila Belmiro, na penúltima rodada, deixando o São Paulo encostar. Na última rodada, os dois se enfrentariam. O Timão tinha a vantagem do empate.

Devido ao incidente do primeiro turno, o ambiente estava carregado. O trio de árbitros veio todo de fora. O juiz seria o carioca Alberto da Gama Malcher, e os bandeirinhas, os ingleses Cross e Lynch, que trabalhavam na Argentina.

O São Paulo começou melhor e fez logo 1 a 0, com Amauri, aos 17 minutos do primeiro tempo. E a zaga corintiana nem teve tempo para se recuperar quando Canhoto aumentou, dois minutos

depois. Rafael diminuiu aos 21 minutos, aumentando o suspense no Pacaembu lotado.

E foi aos 34 minutos do segundo tempo que começou a confusão. Maurinho é lançado em posição duvidosa e marca na saída de Gilmar. Enquanto os corintianos protestaram, Maurinho teve a má idéia de passar a mão no rosto de Gilmar, como provocação. Nem um pouco feliz com a situação, o goleiro perdeu a cabeça, perseguiu o ponta e iniciou-se uma verdadeira confusão. A torcida, enfurecida, atirava garrafas no gramado, em protesto. O jogo quase não termina. Pelo incidente, a partida passou para a história como a "Noite das Garrafadas".

No final, protestos alvinegros pelo suposto gol ilegal de Maurinho e felicidade tricolor do outro lado. Zizinho não concordava em ser considerado o melhor jogador do campeonato: para ele, esse mérito era todo de Canhoto.

Gilmar partiu para cima

O Pacaembu estava lotado de corintianos. Essa decisão foi muito difícil, já que perdemos o Dino Sani, que era um dos líderes da equipe. Ele deu lugar a Sarará. Felizmente jogamos muito bem e fizemos 2 a 0 no começo da partida. O Corinthians diminuiu, mas vimos o primeiro tempo em vantagem. Depois, o Maurinho fez o terceiro gol e foi provocar o goleiro Gilmar. Irritado, ele foi para cima do nosso atacante e começou aí uma grande confusão.

DE SORDI

3 SÃO PAULO 1 CORINTHIANS

Data: 31/12/1957 Estádio: Pacaembu Renda: Cr\$ 2.409.040,00

São Paulo: Poy; De Sordi e Mauro; Sarará, Vitor e Riberto; Maurinho, Amauri, Gino, Zizinho e Canhoto. T: Bela Gutman.

Corinthians: Gilmar; Olavo e Oreco; Idário, Valmir e Benedito; Cláudio, Luisinho, Índio, Rafael e Zague. T: Osvaldo Brandão.

Gols: Amauri 17', Canhoto 19', Rafael 21', Maurinho 79'.

Juiz: Alberto da Gama Malcher.

Leônidas da Silva foi conhecido como o **HOMEM BORRACHA** e um dos maiores **ARTILHEIROS** do futebol brasileiro em todos os tempos

O Diamante Negro Leônidas

Em qualquer lista dos cinco maiores jogadores da história do futebol brasileiro, Leônidas é nome obrigatório. Para muitos que o viram jogar, ele foi melhor que Pelé. Mas por que tanta certeza a respeito de Leônidas da Silva?

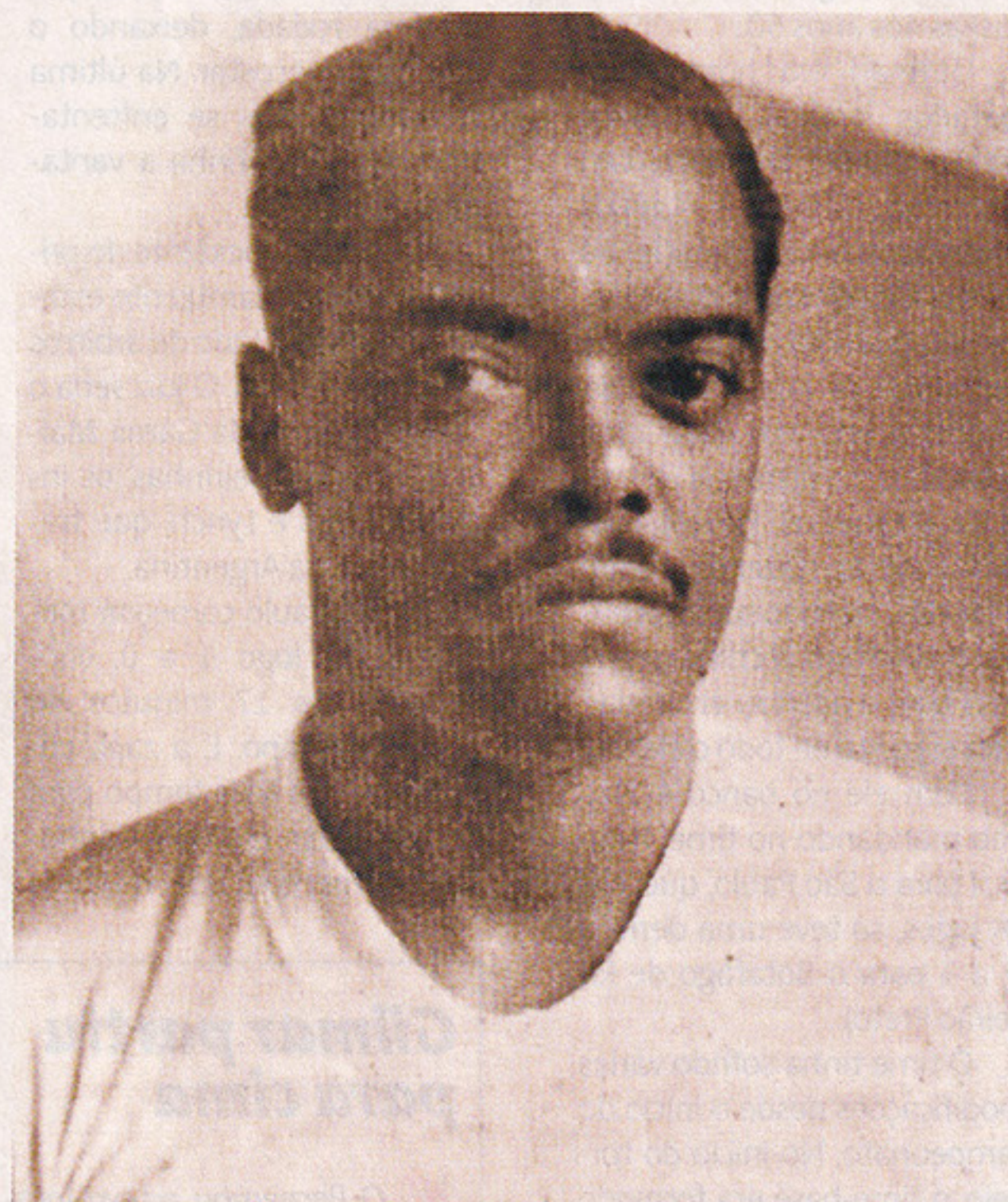
Simplemente porque foi o maior atacante brasileiro dos anos 30 e 40, artilheiro da Copa de 38, na França, virou marca de chocolate e teve inúmeros adjetivos.

Leônidas não era alto (cerca de 1,65 m), mas possuía um incrível senso de finalização e uma apurada técnica. Era um perigo constante. Desde que despontou, no Sírio e Libanês, do Rio, foi saudado como novo craque do futebol nacional.

Seu futebol era tão mágico que os cronistas franceses em 38 disputavam o direito de cobrir as partidas do "Homem de Borracha" do time brasileiro.

Glórias e títulos no São Paulo

Leônidas era centroavante e estrela maior do Flamengo quando veio para o São Paulo em 1942, por 200 contos de réis, a maior transferência do futebol sul-americano. Leônidas chegou para ser a grande estrela de uma equipe que não era campeã paulista desde



REPRODUÇÃO

Leônidas chegou ao São Paulo em 1942, com 29 anos, e superou o ceticismo

QUEM É ELE

- **Nome:** Leônidas da Silva
- **Nascimento:** 6/9/1913
- **Local:** Rio de Janeiro (RJ)
- **Quando jogou:** 8 temporadas (1942-1949)
- **Títulos no clube:** Campeonato Paulista (43, 45, 46, 48 e 49)
- **Outros clubes:** São Cristóvão, Bonsucesso, Vasco, Botafogo, Flamengo e Peñarol, do Uruguai
- **Características:** Um dos maiores centroavantes do futebol brasileiro, o Diamante Negro era ligeiro, habilidoso e criativo. Considerado como o pai da "bicicleta", fez 143 gols pelo Tricolor.

1931 (ainda assim, o título fora do antigo São Paulo da Floresta; para muitos, não contava). Muita gente achava que ele estava acabado, mas a taça veio em 1943, com a contribuição decisiva de Leônidas. Com uma equipe recheada de craques e contando com o talento do "Diamante Negro", o São Paulo foi campeão e acabou com a hegemonia de Corin-

thians e Palmeiras.

Nos anos seguintes, Leônidas continuaria dando alegrias ao clube, com os títulos paulistas de 45, 46, 48 e 49. No entanto, a idade começou a pesar. Aos 38 anos, Leônidas deixou o futebol, para se tornar treinador. Seu jeito autoritário, porém, o levava a brigas constantes com os jogadores. Ele acabou optando pela carreira

de comentarista, indicado pelo amigo e dirigente são-paulino Paulo Machado de Carvalho. Na década de 70, aposentou-se. Já se manifestavam claramente os sintomas do Mal de Alzheimer: perda de memória, dificuldade na fala e nos movimentos. Anos mais tarde, Leônidas foi internado numa clínica, sem qualquer memória de sua carreira prodigiosa.



O MINISTÉRIO DOS ESPORTES ADVERTE:
SE O CHEFE PEGAR VOCÊ DE NOVO NO
LANCENET, ELE TE MANDA PRO OLHO DA RUA.

O lance ainda está correndo e ele já está rolando no LANCENET!.
Virtualmente tudo do mundo do esporte: as manchetes quentíssimas,
os últimos resultados e o maior banco de dados esportivos do país.
LANCENET!. FÁCIL DE ENTRAR, DIFÍCIL DE SAIR.

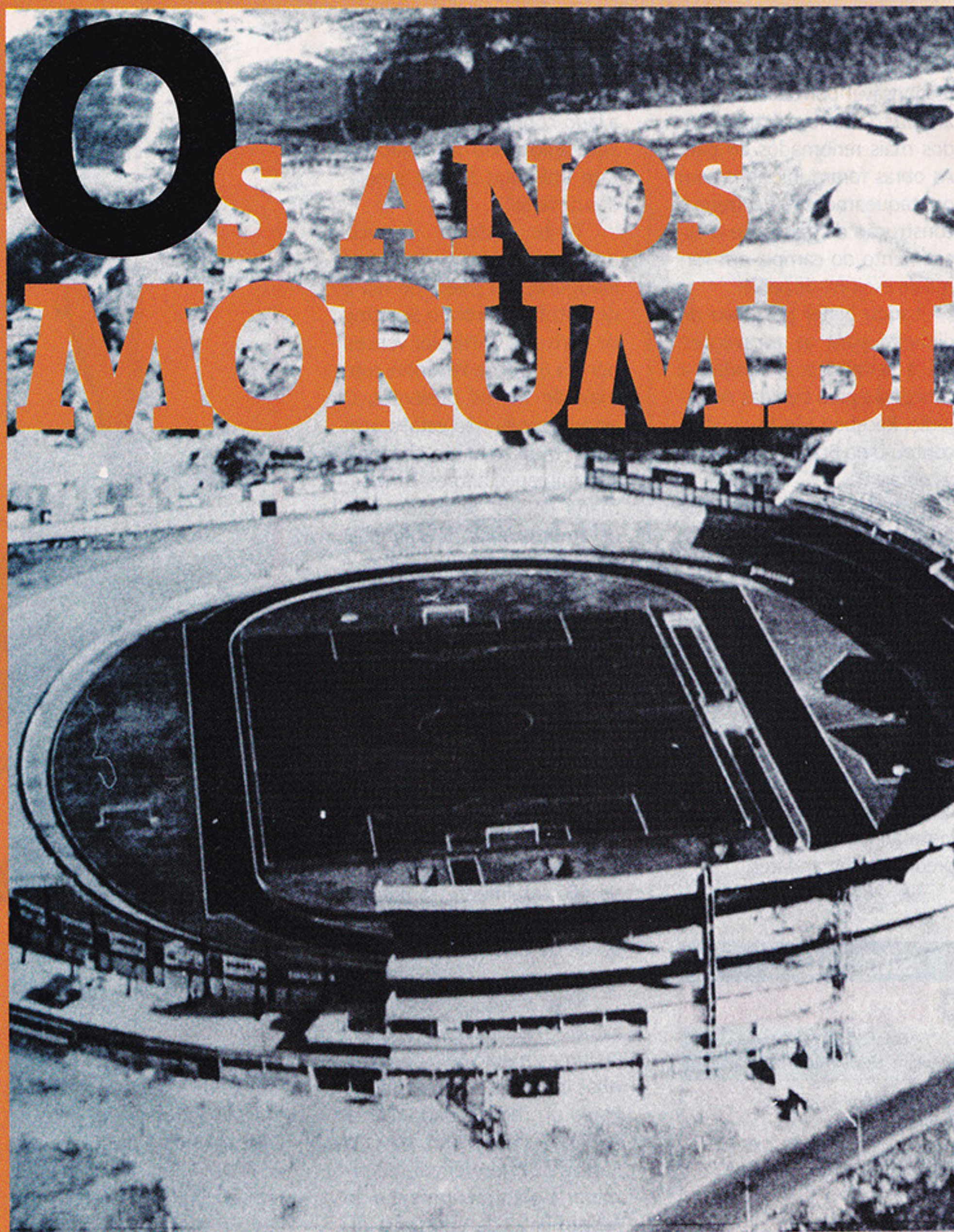
O título de 1957 foi marcado por uma **BRIGA** memorável na decisão. O goleiro Gilmar **PERSEGUIU** o atacante são-paulino Maurinho



ÚLTIMA HORA/ACERVO ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO

O reconhecimento ao ídolo: Sarará beija o rosto de Zizinho, fundamental na conquista do título paulista de 1957, numa decisão nervosa contra o Corinthians

O estádio semipronto, num bairro que ainda tinha pouquíssimas residências: tempos que não voltam



ACERVO SPFC

OS ANOS MORUMBI

Os anos da construção do Morumbi foram duros para o São Paulo. O time experimentou um jejum de títulos incomum para um clube campeão.

Quase todo o dinheiro, esforço e dedicação do clube naqueles anos foram para a construção do maior estádio particular do mundo, o Morumbi, que depois seria batizado como Cícero Pompeu de Toledo, em homenagem ao presidente que começou tudo.

A equipe, antes cheia de craques, ficou relegada a segundo plano. Ao invés de Leônidas, Zizinho, Bauer, Luizinho e tantos outros, apareciam jogadores apenas medianos. Eram tempos de contenção econômica e de pouco investimento no futebol profissional. O Morumbi consumia todo o dinheiro e energia dos tenazes são-paulinos.

Até os jogadores ajudaram. O goleiro Poy foi um dos primeiros a comprar uma cadeira cativa e ajudou o clube a vender outras.

— O São Paulo é minha casa e eu fazia tudo pelo clube — disse, anos depois.

O amor e dedicação ao sonho “louco e impossível”, segundo os inimigos, estava tomando forma. Mas ocuparia toda a década de 60 e deixaria a torcida sem poder gritar campeão por 13 anos.

O mais perto foi em 1967, mas um empate com o Corinthians levou a um jogo desempate com o poderoso Santos de Pelé. O time acabou perdendo o título após dez anos.

Mas essa fase estava acabando. Inaugurado ainda parcialmente inacabado, em 1960, o estádio foi terminado em 1970. Com a casa arrumada, o São Paulo podia partir para novas conquistas.

Evolução das camisas

1957: Única alteração significativa na camisa listrada: a gola branca



1969: A camisa branca passa a ter uma gola careca com friso tricolor



1970: As listras se tornam mais espessas. A gola é novamente vermelha



Após o título paulista de 1957 em cima do Corinthians, o São Paulo começou a viver anos de insucessos. O Morumbi era o objetivo maior de toda a comunidade tricolor. Embora ainda estivesse pela metade, o dia da inauguração se aproximava. Em 1958, o time ainda conseguiria o vice-campeonato paulista, quatro pontos atrás do Santos, com 64. Foi também o ano em que o São Paulo marcou mais gols em um Campeonato Paulista, 93 vezes.

O início do grande sonho

Após ser abençoado por Monsenhor Bastos em 1952, o Morumbi começou a sair do papel. Papel suficiente para preencher 369 pranchas. O

responsável por tal obra foi o arquiteto Vilanova Artigas, um dos mais renomados do país. As obras foram iniciadas com o estaqueamento do terreno e construção de galerias e o escoamento do campo, em forma de espinha de peixe.

Laudo Natel precisava de dinheiro para as escavações. Foi à Antarctica e vendeu a concessão para bebidas no estádio. Recebeu um título, descontou-o no Bradesco e iniciou as obras.

— O Morumbi será o maior do mundo — repetia sem parar, para os rivais que viam naquele projeto uma loucura.

Alguns números impressionantes do gigantismo do Morumbi: cinco meses foram consumidos na terraplanagem e nas escavações, com o movimento de 340 mil metros cúbicos de terra; o volume de concreto utilizado era equivalente ao da construção de 83 prédios de dez andares.

Os 280 mil sacos de ci-

mento usados, colocados lado a lado, cobririam a distância de São Paulo ao Rio de Janeiro. Foram utilizadas 50 mil toneladas de ferro.

Tanto esforço merecia uma grande festa. A partida inaugural, em 1960, no dia 2 de outubro, contra o Sporting de Portugal. O Tricolor venceu por 1 a 0, gol de Peixinho, com mais de 56 mil presentes. O estádio ainda não estava acabado: o objetivo era chegar a 120 mil espectadores. Uma semana depois, reforçado com os empréstimos de Julinho e Djalma Santos, do Palmeiras, e Almir, do Corinthians, o São Paulo bateu o Nacional do Uruguai, por 3 a 0, dois gols de Gino e um de Canhoto. Durante dez anos, os são-paulinos se acostumaram a torcer pelo clube em meio a andaimes do estádio em obras.

O sonho começava a ter formas definitivas. Pelo menos o Morumbi já estava pronto. Se não totalmente, já poderia abrigar jogos do time na década de 60 e seria a nova praça esportiva para os clássicos.

Mas a equipe não dava tantos motivos para alegria. Os times médios e as campanhas irregulares faziam do São Paulo um time fadado a ficar na fila. E para piorar, havia o Santos de Pelé. Além disso, terminar a obra monumental do Morumbi ainda consumia dinheiro e energias do clube.

Enquanto Laudo Natel tocava a construção, um novo dirigente tomava conta do futebol do São paulo: Henri Aïdar. Sua carreira como cartola começou “no susto”. Em 1964, foi a um jogo do clube no interior do estado, a convite de Natel. Começou a dar palpites sobre o time, que não ia bem (acabou em quinto lugar no Paulista daquele ano, com 11

pontos a menos que o Santos e nove derrotas). No final do jogo, quando indagaram Laudo Natel quem seria o novo diretor de futebol, ele não titubeou e nomeou Henri Aïdar, que quase desmaiou de susto. Refeito, ajudou a administrar o futebol, enquanto colaborava como podia na construção do estádio. Os arquivos do clube registram que foi ele quem conseguiu os refletores para o estádio, da Phillips, mesmo sem colocar um tostão no negócio. Tudo na base do papo e de trocas. E alugaram o sistema de refletores do estádio por dez anos.

Jogo de estréia do Morumbi

O Morumbi estava quase pronto e o presidente, o Laudo Natel, queria logo fazer a inauguração do estádio. A expectativa era enorme quanto a quem seria o autor do primeiro gol. Logo no início da partida, num dos primeiros ataques, o falecido Jonas cruzou da direita para mim e eu fiz, de cabeça, o primeiro gol do Morumbi. Foi uma festa incrível. Principalmente da minha parte. Até hoje eu sou marcado por isso. Esse gol deu origem ao chamado ‘gol de peixinho’.

PEIXINHO

1 SÃO PAULO 0 SPORTING

Data: 2/10/1960 Estádio: Morumbi Público: 56.448 pagantes

São Paulo: Poy; Ademar e Gildésio; Riberto, Sarará e Vítor; Peixinho, Jonas (Paulo), Gino, Gonçalo (Cláudio) e Canhoto. T: Flávio Costa

Sporting: Aníbal, Lino e Hilário; Mendes, Morato e Júlio; Hugo, Faustino, Figueiredo (Fernando), Diego (Geo) e Seminário. T: Alfredo Gonzalez

Gol: Peixinho 12’.

Juiz: Otten Aires de Abreu



A prioridade nos **ANOS 60** foi a construção do **MORUMBI**,
que seria o maior estádio particular do mundo



ÚLTIMA HORA/ACERVO ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Canhoto e De Sordi se refrescam após uma partida. O ponta-esquerda e o lateral-direito foram ídolos da torcida são-paulina nos anos 50

A goleada em cima do Santos de Pelé em 1963

Entre tantos fracassos, uma vitória é lembrada com carinho pelos torcedores são-paulinos: a goleada sobre o Santos por 4 a 1 no dia 15 de agosto de 1963. O jogo ficou conhecido a partida do “cai-cai” santista.

A confusão toda começou aos 40 minutos do primeiro tempo. O São Paulo vencia por 2 a 1 e o juiz Armando Marques validou o terceiro gol tricolor, feito por Sabino. Pelé e

Coutinho foram reclamar e acabaram expulsos pelo árbitro da partida. O jogo ficou paralisado por alguns minutos. No segundo tempo, Pagão, atacante do Santos, marcou o quarto gol. Outros três jogadores deixaram o campo alegando contusão: Aparecido, Pepe e Dorval. Como o Santos tinha apenas seis jogadores em campo, um a menos que o mínimo permitido, não restou nada a Armando Marques, a

não ser decretar o final da partida e a vitória são-paulina.

O grande destaque da partida foi o atacante Pagão.

— Eu sabia que ele era bom no Santos, mas o Pagão provou ser melhor do que eu esperava jogando ao lado dele — disse anos depois Roberto Dias, zagueiro e volante e um dos maiores nomes do São Paulo em todos os tempos. — Foi um dia inesquecível. Nós pedíamos para o Santos parar com o cai-cai e voltar ao campo e jogar bola, mas eles não queriam nem saber e fugiram da partida — recorda-se Dias, deliciado.

Satisfeito, florzinha?

Ainda no primeiro tempo, nós conseguimos três gols. Primeiro com Benê, que estava em grande forma, depois com Sabino, de pênalti. Nesse lance, os jogadores do Santos chamaram com Armando, que sempre chamava os jogadores pelo primeiro nome e nunca pelo apelido. Quando o Sabino fez o gol, o Coutinho disse: ‘Satisfeito, florzinha?’. No ato ele expulsou o Coutinho, falando: ‘Pode ir embora, seu Honório’. Depois disso foi a vez de Pelé abrir os braços e reclamar. Armando, autoritário, o expulsou também. Na volta do intervalo, logo fizemos 4 a 1 e o Lula mandou os jogadores caírem.

BELLINI

4 SÃO PAULO

1 SANTOS

Data: 15/8/1963 Estádio: Pacaembu

São Paulo: Suly; Deleu e Bellini; Roberto Dias, Jurandir e Ilzo; Faustino, Martinez, Pagão, Benê e Sabino. T: Osvaldo Brandão.

Santos: Gilmar; Aparecido e Mauro; Zito, Dalmo e Geraldino; Dorval, Lima, Coutinho, Pelé e Pepe. T: Lula

Gols: Faustino 5', Pelé 21', Benê 37', Sabino 40', Pagão 51'.

Expulsões: Pelé e Coutinho.

Juiz: Armando Marques

De campeão o time virou até **PIADA** entre os próprios torcedores. Mas a **PRIORIDADE** era completar a construção do Morumbi

Gol! Gol! Essa entrou!

O São Paulo continuava a descer perigosamente. Agenor foi lançado na esquerda e 'pingou' a bola sobre a pequena área. Peixinho, afobadamente, pois estava sozinho, atirou longe. Mauro chamou a atenção de Laércio: 'Laércio, Laércio!... Bola na pequena área é tua, já te falei'. O arqueiro respondeu qualquer coisa que não entendemos e Mauro voltou a falar: 'Essa já é a segunda vez que você bobeia.' Vinte minutos: gol do São Paulo, Peixinho! O garoto, emocionado, pulou no colo de Agenor, enquanto Gino não parava de berrear, exultando: 'Gol, gol!... Essa entrou! Grande Peixinho, grandel!'

"ÚLTIMA HORA"

2 SÃO PAULO

1 SANTOS

Data: 12/12/60 Estádio: Morumbi
Renda: NCr\$ 139.945,00

São Paulo: Poy, Ademar, Vilásio, Gersio e Riberto; Dino e Gonçalves; Peixinho, Paulo, Gino e Agenor. T: Flávio Costa.

Santos: Laércio, Dalmo, Mauro, Calvet e Zé Carlos; Zito e Mengálvio; Sormani, Coutinho, Pelé e Pepe. T: Lula.

Gols: Pepe 49', Dino (pênalti) 52', Peixinho 65'.

Cartões Vermelhos: Gonçalves, Laércio e Zito.

Juiz: Romualdo Arppi Filho.



Os jogadores do São Paulo se abraçam após a conquista do título paulista de 1970, com uma vitória por 2 a 1 em cima do Guarani, em Campinas

Os anos 60 continuavam sendo de ilusões para os tricolores. A equipe não ajudava e conseguia apenas alguns resultados pouco expressivos.

Apesar de tudo, os "timinhos" são-paulinos da década de 60 deram algumas grandes alegrias à torcida. Foi o caso da conquista da Pequena Copa del Mundo pela segunda vez, na Venezuela (a primeira foi em 1955). Na decisão, o Tricolor derrotou ninguém menos que o Real Madrid, o melhor time do mundo na época, ao lado do Santos. Foi um jogo que teve até ataque terrorista.

Com Puskas e tudo, o Real perdeu por 2 a 1.

Mas os desempenhos seguiam magros nos Campeonatos Paulistas. Em 1965, nada além do quinto lugar, com 13 vitórias, sete empates e dez derrotas. No ano seguinte, quarto lugar (quinto, se considerado o desempate por saldo de gols), empatado com o surpreendente Comercial de Ribeirão Preto. A campanha foi um pouco melhor: 12 vitórias, dez empates e seis derrotas.

O Torneio Rio-São Paulo também não dava motivo para festa. A melhor colocação do São Paulo foi o vice-cam-

peonato em 1962 e 1965. A maior decepção foi em 1965, quando o time perdeu por 5 a 0 para o Palmeiras num jogo que praticamente decidiu o torneio. Nas outras edições do Rio-São Paulo nos anos 60, o time esteve abaixo da crítica. Sétimo em 1960, oitavo em 1961 e 1963, décimo (e último) colocado em 1964, quinto em 1966.

Os times não eram extraordinários, mas a torcida nunca deixou de ter ídolos. Entre eles, o centroavante Prado, terceiro artilheiro do Paulista de 1965, com 27 gols; o zagueiro Bellini, que, mesmo em fim de carrei-



O jogo desempate de 1967

Em 1967, o Torneio Rio-São Paulo foi ampliado, ganhando o apelido de Robertão (do nome de Roberto Gomes Pedrosa, ex-goleiro e cartola do São Paulo) e a participação de clubes de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraná, numa espécie de protótipo do futuro Campeonato Brasileiro. Mas o Tricolor não conseguiria nunca pôr a mão no troféu que levava o nome de um de seus maiores dirigentes.

Na primeira edição do Robertão, o São Paulo ficou apenas em quinto lugar no seu grupo (os dois primeiros passavam para o quadrangular final), com três vitórias, sete empates e quatro derrotas.

No segundo semestre, a esperança era o Campeonato Paulista. E parecia que o São Paulo finalmente sairia da fila. O time havia terminado na frente o primeiro turno com 21 pontos, ao lado do Santos, e parecia que iria repetir a dose no segundo. O time era bom. Picasso, Renato, Bellini, Dias e Edílson; Lourival e Nenê; Válter, Djair, Babá e Paraná. O técnico era Sílvio Pirillo. O São Paulo chegou à última rodada a dois pontos do título. Bastava derrotar o Corinthians. E o time vencia por 1 a 0, gol do meio-campo Lourival. A torcida já comemorava quando Benê (não confundir com o jogador de mesmo nome que atuou no São Paulo) empatou o jogo, para desespero da torcida tricolor.

O time teria, então, que enfrentar o Santos em uma partida extra, para ver com

quem ficaria o título. Embora já não fosse o temível Santos do começo da década de 60, ainda havia Pelé. E jovens craques, como Clodoaldo e Edu. O jogo foi marcado para o Pacaembu, campo neutro.

Aconteceu aquilo que todos tricolores temiam: o Santos já vencia por 2 a 0 no primeiro tempo, gols de Edu e Toninho Guerreiro, praticamente selando a sorte do campeonato. Babá ainda fez um gol aos 4 minutos do segundo tempo, mas não deu para virar.

– Foi uma fatalidade, estávamos tão perto do título e ele escapou por pouco – lamentou Roberto Dias.

Babá, autor do gol de honra tricolor, ficou na frente de Pelé na artilharia do Paulista (16 a 15). Foi o vice-artilheiro do campeonato, atrás apenas de Flávio, do Corinthians, que fez 21 gols. Mas isso não bastava para a torcida são-paulina, que sonhava com o dia em que terminaria o jejum.

Morumbi pelo Pacaembu

O Campeonato Paulista de 1968 foi disputado no primeiro semestre. Diferentemente do ano anterior, o São Paulo não chegou a disputar o título. Ficou 17 pontos atrás do Santos, campeão. O ataque fazia poucos gols (39 em 26 jogos) e tomava muitos (36).

No Robertão, mais uma campanha decepcionante. Outro quinto lugar na sua chave, com apenas quatro vitórias em 16 jogos.

Enquanto isso, a obra do Morumbi se aproximava do fim. O clube rechaçou uma proposta indecorosa da prefeitura de São Paulo: uma permuta entre o Morumbi pelo Pacaembu. Eles prometiam terminar a obra do Cícero Pompeu de Toledo.

Tiros contra os espectadores

Ao final do primeiro tempo, registrou-se incidente político: elementos da Frente de Libertação Nacional atiraram bombas e deram tiros contra os espectadores e o jogo teve seu segundo período iniciado com mais de 40 minutos de atraso (...). O domínio absoluto do São Paulo transcorreu até ao final, aproveitando-se das falhas da defesa do Real. Além de um pênalti não marcado, o árbitro deixou os espanhóis usarem livremente o jogo violento (...).

BELLINI, EX-ZAGUEIRO

2 SÃO PAULO 1 REAL MADRID

Data: 23/8/1963 Local: Caracas

São Paulo: Suli, Deléu, Belini, Jurandir e Ilzo (Riberto); Roberto Dias e Leal; Faustino (Nondas), Cecílio Martínez (Faustino), Benê e Sabino. T: Osvaldo Brandão.

Real Madrid: Araquistain, Isidro, Santamaría, Moeller e Casado; Pachin e Puskas; Amancio, Feliz Ruiz, Evaristo e Gento. T:

Gols: Moeller (contra) 12', Evaristo 20', Nondas 59'.

Juiz: Benito Jackson (Venezuela).

ra, encarnou como poucos o espírito tricolor; e o atacante Benê, trazido do Guarani.

– Não é verdade que as equipes do São Paulo eram más. Tínhamos bons jogadores, mas era a época do Santos de Pelé que parecia predestinado a ganhar tudo. Eu tive muito orgulho em vestir essa camisa até 1968, quando me despedi do futebol. Foram anos inesquecíveis – comenta o capitão da Copa do Mundo de 1958, na Suécia, que era do São Paulo quando disputou seu último Mundial, em 1966, na Inglaterra.

O Cláudio pegou todas

Nós tínhamos feito uma boa campanha e ficamos mais uma vez para decidir com o Santos no quadrangular final quem venceria o Campeonato Paulista daquele ano. Aquele 0 x 0 foi um jogo complicado. Nós jogamos melhor e tivemos boas chances com Téia e Zé Roberto, mas o Cláudio impediu todas. Eu tinha a missão de marcar o Pelé em cima e acho que consegui fazer bem minha tarefa. O time do Santos era muito forte e lutava pelo tricampeonato. Nós tínhamos uma chance de ser campeões, mas não conseguimos converter os gols. No final, ficamos sem o troféu.

ROBERTO DIAS

0 SANTOS

0 SÃO PAULO

Data: 21/6/1969 Estádio: Morumbi
Público: 31.999 pagantes

Santos: Cláudio; Carlos Alberto, Ramos Delgado, Djalma Dias e Rildo; Clodoaldo e Negreiros; Toninho Guerreiro, Edu, Pelé e Abel. T: Antoninho.

São Paulo: Picasso; Cláudio, Jurandir, Dias e Edílson; Terto e Nenê; Paraná, Zé Roberto, Téia e Babá. T: Diede Lameiro.

Juiz: Joaquim Campos

A tragédia do Campeonato Paulista de 1967 já havia sido esquecida e o time havia feito uma boa contratação para o Campeonato Paulista de 1969: o centroavante da Ferroviária de Araraquara, Téia, que havia sido artilheiro do Paulistão de 1968, com 20 gols, um a mais do que Toninho Guerreiro.

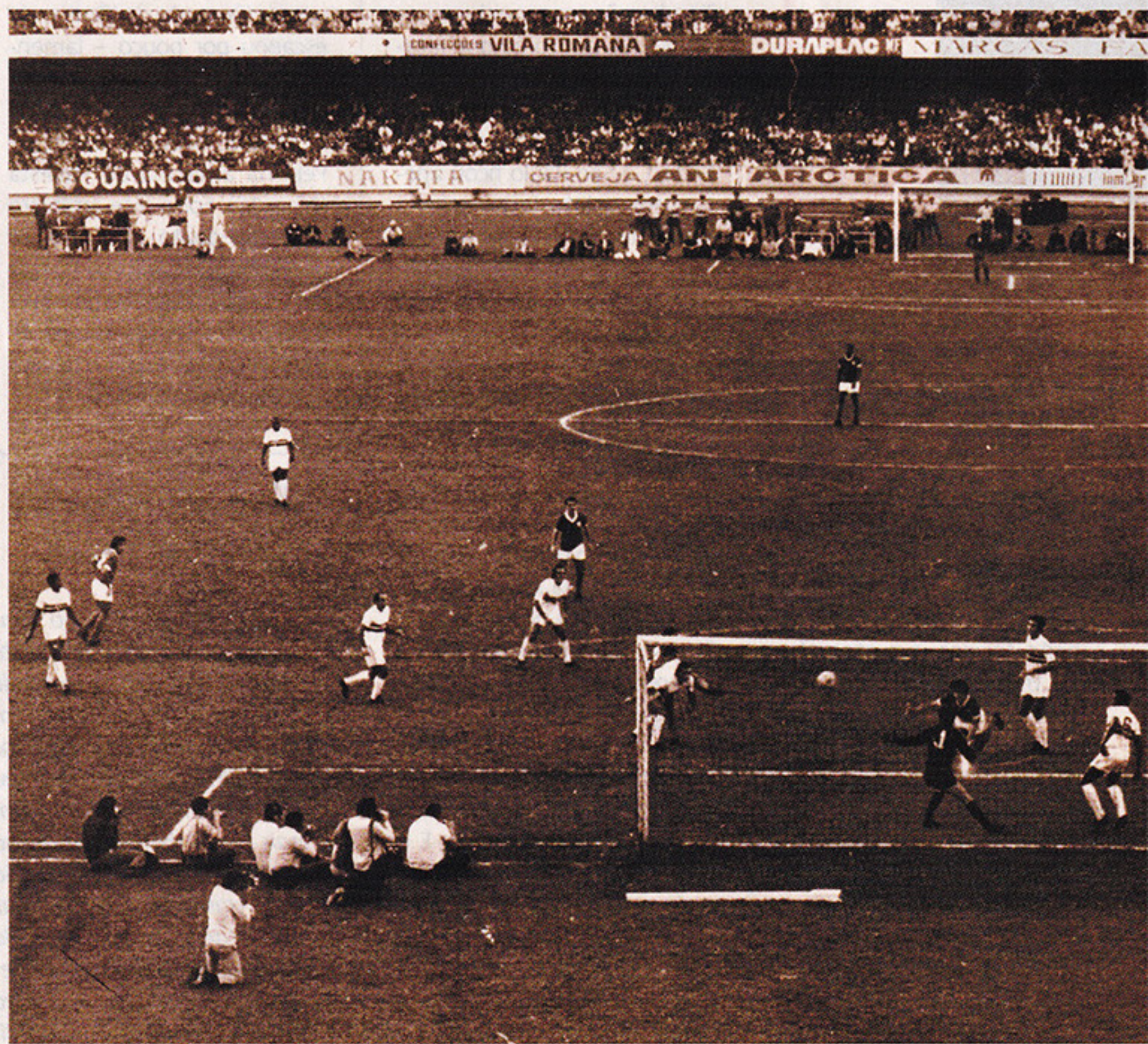
No campeonato de 1969, o time ficou com o segundo lugar do Grupo B, que compreendia Corinthians, América, Guarani, Botafogo, São Bento

e Paulista. Foram 34 pontos em 26 jogos, três pontos a menos que o Corinthians. Era a quarta melhor campanha do torneio. O regulamento previa um quadrangular final entre os dois primeiros colocados de cada grupo. Sem surpresa, Santos, Palmeiras, Corinthians e São Paulo passaram.

Na última rodada, Santos e São Paulo se enfrentavam pelo título. O Santos tinha quatro pontos, contra dois do São Paulo. Com o empate em 0 a 0, o tri foi para a Vila.

Nova festa no Morumbi

No Robertão de 1969, a campanha tricolor foi muito fraca. Como no ano anterior, foram somente quatro vitórias em 16 jogos e o 15º lugar entre 17 participantes. A única alegria são-paulina no ano foi a conquista do Troféu Colombino, um torneio amistoso dis-



De cabeça ou com a mão? A polêmica decisão de Armando Marques de invalidar o gol de Leivinha deu ao São Paulo o título paulista de 1971

O Morumbi teve sua **INAUGURAÇÃO DEFINITIVA** em 1970, contra o **PORTO**. O amistoso terminou 1 a 1

putado na Espanha.

A inauguração do Morumbi na sua forma atual ocorreu finalmente no dia 25 de janeiro de 1970. A década começava com esperança de vida nova para o São Paulo. A partida comemorativa terminou em 1 a 1 com o Porto, de Portugal, e teve a presença do presidente da República, o general Emílio Garrastazu Médici e do governador paulista, Abreu Sodré. Era o auge da ditadura militar.

Para aumentar as esperanças são-paulinas para os

anos 70, o clube fez duas grandes contratações, mostrando que os tempos de contenção de despesa eram coisa do passado: Toninho Guerreiro, do Santos, tricampeão paulista; e Gérson, o fabuloso "Canhotinha de Ouro", vendido pelo Botafogo por Cr\$ 900 mil.

Os dois tinham coisas a provar. Gérson ainda viria a ser campeão do mundo. Estava com 29 anos e havia quem dissesse que já estava velho. Toninho Guerreiro tinha, enfim, a oportunidade de sair da sombra de Pelé e provar que era um artilheiro com brilho próprio. Parte da crônica esportiva achava que ele só marcava gols porque jogava ao lado do Rei.

— Gérson será o Sastre dos anos 40 e Zizinho dos anos 50 — repetiam os dirigentes tricolores quando eram questionados sobre a contratação.

Gérson foi um dos mestres do tricampeonato mundial no México em 70, ao lado de Pelé, Carlos Alberto, Jairzinho, Tostão, Rivelino e outros. Toninho acabou ficando de fora da Seleção de Zagallo. Falta de sorte, porque João Saldanha, que deixou o comando do Brasil às vésperas do Mundial, disse anos mais tarde que teria convocado o atacante são-paulino para a Copa.

O treinador Dede Lameiro foi substituído por Zezé Moreira, irmão de Aymoré, campeão mundial com a Seleção Brasileira em 1962, no Chile.

Outra grande contratação foi o lateral-direito uruguaio Pablo Forlan.

O Paulistão de 1970 foi relativamente curto, disputado logo após a Copa do Mundo, com um regulamento simples: dez clubes se enfrentaram em dois turnos, com pontos corridos. A revelação do torneio foi

o jovem time da Ponte Preta, onde militavam vários nomes que se consagrariam no São Paulo anos mais tarde, como o lateral-direito Nelsinho, o zagueiro Samuel, o volante Teodoro e o técnico Cilinho.

Com um time fortíssimo, o São Paulo não teve dificuldade em passar pelos rivais. Apesar de uma derrota para o Santos por 1 a 0 (no primeiro turno o Tricolor venceu por 3 a 2) e de alguns tropeços, como empates contra Ponte Preta e Guarani, o time terminou cinco pontos à frente do Palmeiras e da Ponte, comemorando o primeiro título no novo Morumbi. A partida que valeu o título, porém, foi disputada em Campinas, contra o Guarani. O São Paulo jogou sem Gérson, que torceu o tornozelo esquerdo na rodada anterior (vitória por 2 a 0 sobre a Ponte Preta, no Morumbi).

O título foi uma vitória pessoal para dois ídolos são-paulinos dos anos 60, Roberto

Dias e Benê. Depois de amargar pacientemente os anos de jejum e da construção do Morumbi, eles eram recompensados finalmente com um título paulista. Benê, que estava na reserva, entrou no lugar de Terto durante o jogo.

A conquista também representou uma vingança para Toninho Guerreiro, que se sentia injustiçado no Santos. Para completar sua alegria, ele terminou o campeonato como artilheiro, com 13 gols, quatro a mais que Douglas, seu substituto no Santos.

No Robertão de 1970, porém, o São Paulo relaxou. Mais uma vez, não fez boa campanha. Ficou em 14º lugar na classificação geral, com três vitórias, cinco empates e oito derrotas. Em seu grupo, ficou à frente apenas do América-RJ. O São Paulo ainda não dava importância às competições nacionais, mas ainda na década de 70 o clube deixaria de ser só um campeão regional.



AGÊNCIA ESTADO

O coração quase parou

A grande bandeira do clube desfraldada no gramado, desfile de 1.200 atletas ao som da banda da Guarda Civil, presença de autoridades esportivas e políticas formam o cenário colorido que o Morumbi mostrava antes de começar o jogo. Este cenário ganhou vida quando o presidente Laudo Natel entrou em campo (...) 'Sinto-me como se o coração quisesse parar com esta saudação. Mas são os são-paulinos os verdadeiros realizadores desta obra.(...)'

"ÚLTIMA HORA"

1 SÃO PAULO

1 PORTO

Data: 25/1/70 Estádio: Morumbi
Público: 100 mil

São Paulo: Picasso, Édson (Cláudio), Jurandir, Roberto Dias e Tenente; Lourival e Gérson; Minuca, Zé Roberto (Babá), Toninho (Téia) e Paraná. T: Zezé Moreira.

Porto: Vaz; Acácio, Valdemar, Vieira Nunes e Sucena; Pavão e Rolando; Gomes, Chico (Seninho), Pinto (Ronaldo) e Nóbrega.

Gols: Vieira Nunes 32', Minuca 35'.

Juiz: José Favilli Neto

Roberto Dias foi um exemplo para o São Paulo, onde começou em **1959** e ficou até **1971**, superando até um problema no coração

ROBERTO DIAS, CORAÇÃO TRICOLOR

Durante os anos 60, numa época difícil na história do São Paulo, o craque Roberto Dias conseguiu, com sua habilidade, técnica e espírito de raça, ser o grande destaque do time.

Ex-volante e zagueiro do Tricolor, Dias foi um dos jogadores mais regulares que já passaram pelo Morumbi.

– Tudo que sou eu devo ao São Paulo – diz, em sua casa simples. – Jogava no clube pelo amor à camisa e acho que atuei bem todos esses anos.

Roberto Dias iniciou a carreira no clube em 1959, aos 16 anos, a convite do técnico Vicente Feola. Jogando pelo juvenil do clube, o ex-jogador foi, em 1960, disputar os Jogos Olímpicos de Roma, pela Seleção Brasileira de Futebol.

Considerado um marcador duro, mas leal, incapaz de fazer faltas violentas aos adversários, Roberto Dias estreou nos profissionais do São Paulo em 60, com apenas 17 anos.

– Sempre fui titular no São Paulo, nunca dei problema e também nunca quis deixar o clube – recorda.

No começo, o Dias jogava como volante. Mas em 1964, com a entrada do técnico Osvaldo Brandão, ele passou a atuar como zagueiro, onde também foi muito bem.

Campeão Paulista de 1970, ano em que o São Paulo quebrou o jejum de 13 anos sem títulos, Dias ganhava elogios até de seus adversários.



Em 70, o amor de Roberto Dias pelo clube foi recompensado com o título paulista

QUEM É ELE

- **Nome:** Roberto Dias
- **Nascimento:** 7/1/43
- **Local:** São Paulo (SP)
- **Quando jogou:** 12 anos (1959-1971)
- **Títulos no clube:** Paulista (70 e 71)
- **Outros clubes:** Ceub, Dom Bosco, Nacional (SP)
- **Características:** Zagueiro e volante técnico habilidoso e de grande visão de jogo, tinha muita garra. Pelo São Paulo atuou em 592 jogos marcando 123 gols. Foi expulso apenas duas vezes, por reclamação. Foi considerado um dos melhores marcadores de Pelé.

Até o Rei Pelé o elogiava

Certa vez, em um Santos x São Paulo, Dias grudou em Pelé e não o soltou. O São Paulo venceu por 1 a 0 e Pelé mal pegou na bola. Na etapa final, o

Rei jogou mais recuado, para fugir da marcação de Dias.

– O Pelé me disse que se ficasse como atacante naquela partida, estaria morto. Por isso optou por jogar mais atrás. Considerei isso um grande elogio à minha pessoa.

No início de 1971, Dias teve um problema cardíaco diagnosticado, o que o afastou do futebol durante dois anos.

Em 1973, já recuperado, Dias jogou mais uma temporada pelo Tricolor, até receber passe livre e deixar o clube para ir jogar no futebol mexicano.

– Os médicos disseram que meu problema tinha melhorado e que poderia continuar a jogar por mais alguns anos ainda – diz o ex-jogador, que dá aulas nas escolinhas de base do São Paulo desde 1987.

ESPORTE COMO VOCÊ NUNCA VIU.



LANCE!

www.lancenet.com.br o diário dos esportes

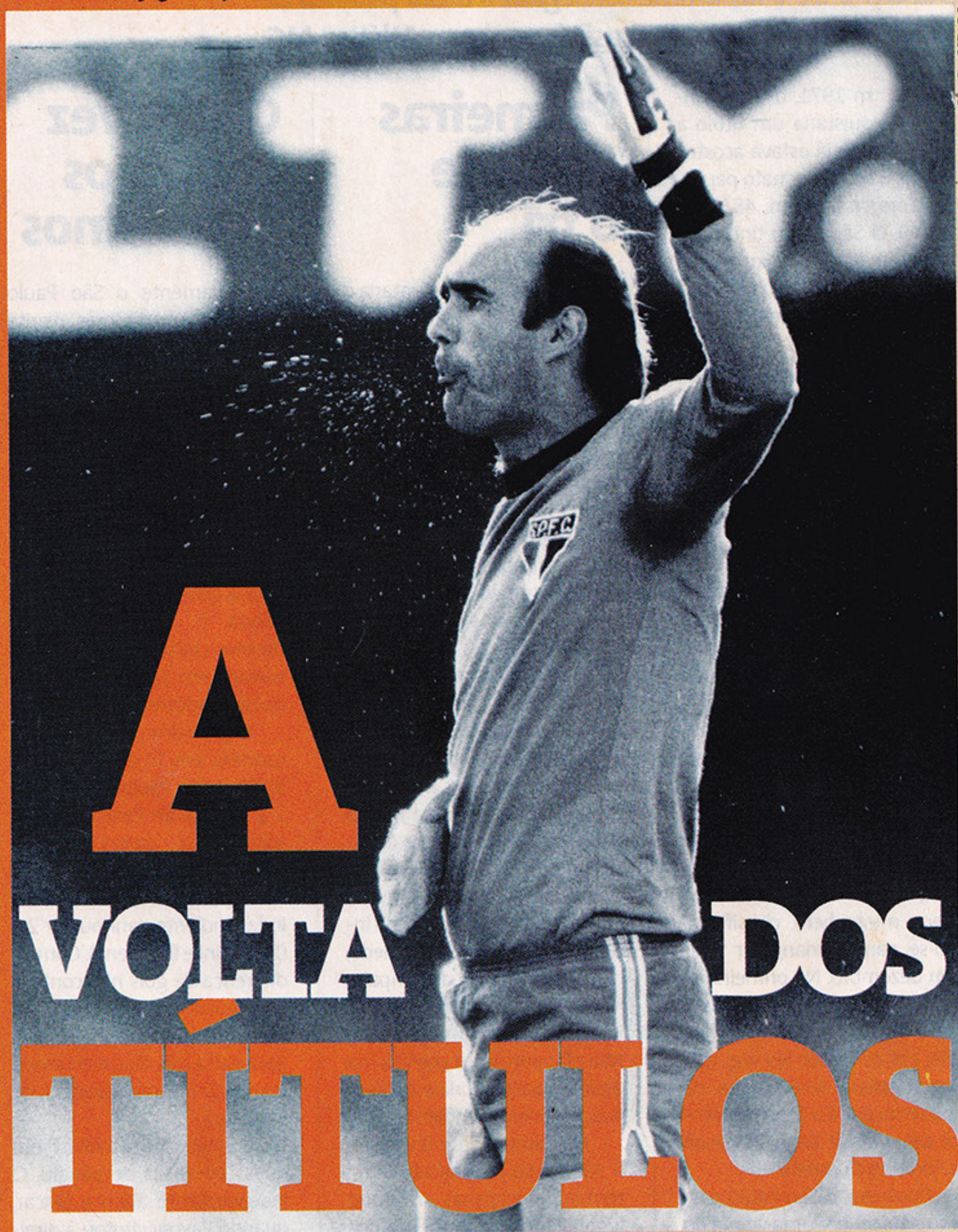
O São Paulo saiu da fila em **1970**. A partir daí, o Morumbi assistiria a **CONQUISTAS SUCESSIVAS** do Tricolor na nova casa



ÚLTIMA HORA/ACERVO ARQUIVO DO ESTADO DE S. PAULO

Canhoto encara a defesa corintiana, num jogo noturno no Pacaembu. O ponta-esquerda maranhense, comparado a Garrincha pela sua habilidade, foi ídolo da torcida entre 1954 e 1963

Valdir Peres, o jogador que mais vezes atuou pelo São Paulo: um líder da equipe nos anos 70 e 80



AGÊNCIA ESTADO

A quarta era da história do São Paulo começa com um título paulista e mais títulos. O primeiro deles foi o Campeonato Paulista de 1970. Já com Gérson e Toninho Guerreiro, mas ainda sem o meia uruguaio Pedro Rocha, que entraria no ano seguinte, o time conseguiu acabar com o jejum de 13 anos, que tanto incomodava os são-paulinos.

O bicampeonato veio em cima do Palmeiras, com um gol de Toninho Guerreiro. Em 1975, novo título estadual, na decisão contra a Portuguesa de Desportos. Em 1977, a maior glória da história são-paulina até então: o título brasileiro, conquistado numa decisão empolgante com o Atlético-MG, no Mineirão.

1980 marca o início de uma década gloriosa para o São Paulo. Ela começou com a conquista do título paulista, na final contra o Santos, graças a um gol de Serginho Chulapa. Assim como nos anos 40, a década de 80 foi são-paulina, com os títulos paulistas de 80, 81, 85, 87 e 89, além do segundo título brasileiro, em 1986. Esse veio numa das decisões mais emocionantes da história do futebol brasileiro, contra o Guarani, em Campinas. Um gol salvador de Careca nos instantes finais da prorrogação pôs o São Paulo na rota do título, conquistado nos pênaltis.

Eram os anos dos "Menu-dos do Morumbi". O experiente Careca se uniu a jovens revelações tricolores, como Müller e Sidney, para tornar o São Paulo uma das equipes de futebol mais vistosas no mundo, naqueles anos.

Parecia que a torcida são-paulina jamais conheceria década mais feliz. Mas os anos 90 seriam ainda melhores.

Evolução das camisas

1984: Usada em poucos amistosos, essa camisa não agradou à torcida



1985: Outra tentativa fracassada de adotar um uniforme original



1987: É adotada uma gola em V, vermelha, na camisa número dois



Após o bi paulista em **70/71**, o time conseguiu o título paulista de **1975** e em **1977** o Campeonato Brasileiro, sobre o Atlético-MG

Finalmente o título veio

Havia uma expectativa muito grande em torno daquela partida em Campinas. Se ganhássemos, acabaríamos com um jejum de 13 anos. Desde 1957 o São Paulo não conseguia vencer nenhum campeonato. Eu senti meus companheiros muitos nervosos antes do jogo. Mas foi só entrarmos em campo para que tudo isso revertisse em motivação. Fizemos 2 a 0 no primeiro tempo e mostramos muita tranquilidade. Tínhamos jogadores experientes na época, como o Gérson, o Terto, o Forlan e Toninho Guerreiro. Acabamos sofrendo o segundo gol, mas saímos de lá como campeões.

ROBERTO DIAS

1 GUARANI

2 SÃO PAULO

Data: 9/9/1970 Estádio: Brinco de Ouro Renda: Cr\$ 92.988,00

Guarani: Pérez; Wilson, Cidinho, Tininho (Guassi) e Ferrari (Cido); Hélio e Milton; Vágner, Capelozza, Vanderlei e Caravetti. T: Renganeschi.

São Paulo: Sérgio; Forlan, Jurandir, Dias e Gilberto (Tenente); Édson e Nenê; Paulo, Terto (Benê), Toninho e Paraná. T: Zezé Moreira.

Gols: Toninho 27', Paulo 34', Vágner 67'.

Juiz: Armando Marques

Em 1971, o time conquistaria um título a que já estava acostumado, o bicampeonato paulista. Fora assim em 45/46 e 48/49. O São Paulo tinha um time ainda mais experiente, reforçado pelo uruguaio Pedro Rocha, estrela do Peñarol e da seleção de seu país.

Com Gérson e Pedro Rocha no meio-campo, era difícil perder qualquer campeonato. O time conseguira o título em cima do rival Palmeiras, com um gol de Toninho Guerreiro, aos 5 minutos da decisão. Toninho, aliás era pentacampeão paulista (três pelo Santos e dois pelo tricolor), feito único na história do futebol paulista.

O lance mais polêmico do jogo foi o gol anulado de Leivinha pelo juiz Armando Marques, que alegou mão do jogador palmeirense. O São Paulo era bicampeão.

No mesmo ano, um novo torneio: o primeiro Campeonato Brasileiro. O São Paulo estreou muito bem, classificando-se para o triangular final, em dezembro. No primeiro jogo, porém, perdeu por 1 a 0 para o Atlético-MG, no Mineirão, gol de Oldair. No segundo jogo, goleou o Botafogo de Jairzinho por 4 a 1, no Morumbi, com gols de Terto (2), Forlan e Toninho Guerreiro.

Com isso, o São Paulo passou a torcer por uma vitória do Botafogo na última partida, contra o Atlético-MG, no Maracanã (o triangular era em um único turno). Mas não deu: o Galo venceu por 1 a 0, gol de Dario, e ficou com a taça. O São Paulo foi vice do primeiro Brasileirão. Com o vice, classificou-se pela primeira vez para a Taça Libertadores da América, como segundo representante do país, ao lado do próprio Atlético-MG.

Palmeiras impede o tri

Em 1972, o time tentaria o tricampeonato, feito inédito para o clube. Mas estava difícil. O rival, mais uma vez, o Palmeiras. Pela primeira vez, duas equipes chegavam à decisão invictos. Melhor para o Palmeiras, que jogava pelo empate, por ter um ponto a mais (37 a 36). O zero a zero tirou o título do Morumbi. Novamente o Palmeiras tirava um tri do São Paulo (já havia sido assim em 47 e 50).

Na Libertadores, o time começou bem, classificando-se para a segunda fase com uma vitória heróica sobre o Olimpia, em Assunção, por 1 a 0, gol de Zé Carlos. Na segunda fase, o São Paulo caiu na chave de Independiente (Argentina) e Barcelona (Equador). Na última rodada, jogaria contra o Independiente, em Avellaneda, com a vantagem do empate. Mas um gol olímpico de Balbuena e um segundo gol, de Mircoli, num lance confuso na área, deram a vitória e a classificação ao Independiente.

No Campeonato Brasileiro, o São Paulo não foi tão bem, terminando apenas em nono lugar. Pedro Rocha foi um dos artilheiros da competição, ao lado de Dario, com 17 gols.

Em 73, o São Paulo foi mal no Paulistão, mas chegou perto do título brasileiro. Classificou-se para o quadrangular final, com Palmeiras, Cruzeiro e Internacional, mas perdeu o título ao empatar com o Palmeiras no último jogo. Mais uma vez vice-campeão, o São Paulo voltaria a disputar a Libertadores em 74.

Outra vez contra os argentinos

Novamente o São Paulo cairia na Libertadores diante do Independiente. Na primeira fase, o time passou fácil pelo Palmeiras (vingando-se da perda do título brasileiro) e pelos bolivianos Municipal e Jorge Wilsterman. A segunda fase, contra o Millonarios (Colômbia) e o Defensor Lima (Peru), foi mais fácil ainda. O time estava classificado para a final, contra o Independiente. O mesmo clube que o havia eliminado em 72, o bicho-papão da Libertadores.

O primeiro jogo foi no Paquetaembu, em 12 de outubro de 1974. O São Paulo ganhou por 2 a 1, gols de Pedro Rocha e Mirandinha, contra um de Saggiorato.

Na volta, em Avellaneda, o Independiente ganhou por 2 a 0 (Bochini e Balbuena). Como a diferença de gols não contava no regulamento da época, foi marcada uma terceira partida, para dali a três dias, em campo neutro (o estádio Nacional, de Santiago).

O jogo foi decidido em duas cobranças de pênalti. O Independiente abriu o placar, quando Pavoni chutou à direita do cabeludo (na época) Valdir Peres. Depois foi a vez de Zé Carlos, quando o São Paulo teve um pênalti a seu favor. Ele chutou forte, mas o goleiro argentino Gay pulou certo e defendeu. O jogo acabou 1 a 0 e o Independiente se sagrou tricampeão da Libertadores.

No Brasileirão, o São Paulo ficou apenas em décimo lugar na classificação geral. No Paulistão, esteve a um passo de



Em 1981, uma vitória histórica do São Paulo no Morumbi: 6 a 2 em cima do rival Palmeiras, que começava a amargar um longo período sem títulos. Na foto, mais um gol são-paulino

chegar à final, mas terminou o segundo turno um ponto atrás do Palmeiras e foi eliminado.

Para 1975, o clube apresentou um time jovem e com muitas caras novas, como o centroavante Serginho e o meia Murici, mas cumpriu grande papel no Paulistão. Conquistou invicto o título do primeiro turno. O time comandado pelo ex-goleiro José Poy, mostrava futebol de campeão. Na final, enfrentaria a Portuguesa, que ganhou o segundo turno. No primeiro jogo, São Paulo 1 x 0 (Pedro Rocha).

O empate era do São Paulo no tempo normal para a segunda partida, mas deu Portuguesa: 1 x 0, gol de Enéas, aos 31 minutos do primeiro tempo. Na prorrogação, 0 a 0. O jo-

go foi para as cobranças da marca do pênalti. O São Paulo venceu por 3 a 0 (gols de Pedro Rocha, Serginho e Chicão).

No Brasileirão de 75, o São Paulo foi eliminado na terceira fase, terminando em quinto lugar na classificação geral.

1976 foi um ano decepcionante. No Campeonato Paulista, nada além do sexto lugar (o Palmeiras foi o campeão). No Brasileiro, o time nem passou da primeira fase, fazendo 13 jogos, ganhando quatro e perdendo cinco. Pela primeira vez na década, o São Paulo não passava um ano inteiro sem chegar perto de nenhum título importante. Mudanças à vista para 1977, que seria finalmente o ano da conquista do primeiro título nacional são-paulino.

Eu estava encoberto

Logo no início da partida, fizemos 1 a 0 com o Toninho Guerreiro. Depois, o Palmeiras reagiu e foi buscar o empate. Numa bola cruzada pela direita, por Eurico, o Leivinha se antecipou e fez o gol, que foi anulado por Armando Marques. Até hoje muita gente discute se ele tocou ou não com a mão antes de marcar. E esse detalhe foi fundamental para a nossa conquista, já que abalou a equipe deles. Eu estava perto do lance, porém encoberto e não sei dizer com certeza

PEDRO ROCHA

0 PALMEIRAS
1 SÃO PAULO

Estádio: Morumbi Público: 103.887
pagantes Data: 27/6/71

Palmeiras: Leão, Eurico, Luís Pereira, Minuca e Dé; Dudu e Ademir da Guia. Edu, Leivinha, César e Pio (Fedato). T: Mário Travaglini.

São Paulo: Sérgio, Forlan, Jurandir, Arlindo e Gilberto; Edson, Gérson e Pedro Rocha (Carlos Alberto); Terto, Toninho Guerreiro e Paraná. T: Osvaldo Brandão.

Gol: Toninho 5'.

Cartões Vermelhos: Fedato e Eurico

Juiz: Armando Marques

Sai quase morto dali

Primeiro foi a expectativa do Reinaldo, que ia jogar ou não. Depois, do Serginho, que chegou até de helicóptero em Belo Horizonte. Naquela decisão o Minelli me colocou para marcar o Toninho Cerezo, que era o principal jogador do Atlético-MG depois do Reinaldo na época. Lembrou-me que sai quase morto depois do jogo. Além disso, teve a história do Valdir Peres, que ficava provocando os jogadores do Atlético dizendo que eles iriam errar os pênaltis. Aquilo foi decisivo para a nossa conquista. O Toninho Cerezo acabou chutando para fora a última penalidade.

DÁRIO PEREYRA

0 ATLÉTICO-MG

0 SÃO PAULO

Data: 5/3/1978 **Estádio:** Mineirão **Público:** 102.974 pagantes

Atlético-MG: João Leite; Alves, Márcio, Vantuir e Valdemir; Cerezo, Ângelo e Marcelo (Paulo Isidoro); Serginho, Caio (Joãozinho Paulista) e Ziza. T: Barbatana

São Paulo: Valdir Peres; Getúlio, Tecão, Bezerra e Antenor; Chicão, Teodoro (Peres), Dário Pereyra; Zé Sérgio, Mirandinha e Viana (Neca). T: Rubens Minelli.

Juiz: Arnaldo César Coelho.

Valdir Peres; Getúlio, Tecão, Bezerra e Antenor; Chicão, Teodoro e Dário Pereyra; Viana, Mirandinha e Zé Sérgio. Esse foram os heróis da famosa batalha em 1977 no Mineirão, contra o Atlético-MG, que garantiu o primeiro título brasileiro ao clube. Sem o artilheiro Serginho, suspenso, o São Paulo enfrentou o favoritismo do Galo mineiro.

Antes do jogo, por exemplo, o treinador Rubens Minelli fez o que pôde para confundir o

adversário. Pediu que Serginho viesse de São Paulo para Belo Horizonte, de helicóptero, vestindo o uniforme do São Paulo e andasse pelos corredores avisando que iria jogar.

– Mas como Serginho vai jogar, se está suspenso? – reclamavam os atleticanos, caindo na armadilha. – E por que nós não podemos contar então com o Reinaldo (artilheiro do certame e que também estava suspenso)?

Serginho não jogou, mas a manobra perturbou os adver-

sários. O time da casa começou em cima, querendo resolver logo a partida. O São Paulo se segurou como podia. Sem Reinaldo, o ataque mineiro perdia muito. Restava aos esforçados Serginho, Caio e Ziza substituir o implacável atacante mineiro.

O jogo foi muito catimbanda. Chicão pisou em Ângelo, do Atlético, caído no chão, num episódio que provocou muita polêmica. Com o empate em 0 a 0, veio a decisão por pênaltis. Aí brilhou a estrela de



Éverton foi o grande herói da semifinal do Brasileiro de 81, marcando o gol que decretou a virada contra o Botafogo e a classificação para a decisão

O São Paulo foi **CAMPEÃO PAULISTA** em 1975 com uma equipe na qual ninguém apostava. O destaque era **SERGINHO**, artilheiro com 22 gols

Valdir Peres, que soube enervar o adversário.

Mas o São Paulo começa perdendo. Getúlio bate. João Leite defende. Mineirão em festa. É a vez de Cerezo, que isola a bola. Chicão erra outra. Ziza fez para o Atlético. Mas Peres, Antenor e Bezerra converteram para o São Paulo e apenas Alves faria ainda para o Atlético-MG. São Paulo campeão brasileiro!

O São Paulo finalmente conseguiu o título que deixara escapar em 1971 e 1973.

Era o melhor do Brasil. Mas o restante da década não seria tão bom. No Paulista, o time perdeu a final de 78 para o Santos; em 79, nem chegou às semifinais. No Brasileiro, foi eliminado na terceira fase em 78. Em 79 nem participou, assim como outros clubes paulistas. Na Libertadores de 78, nada deu certo e o time foi eliminado na primeira fase pelo Atlético-MG.

Mas o time não dormiu nos louros do passado e já começou a década de 80 sendo campeão paulista. Após um Campeonato Brasileiro razoável (nono lugar), o time investiu pesado em contratações para o Campeonato Paulista: Renato, Paulo César, Assis, Gassem, Almir e Oscar. Com esses reforços, o time comandado por Carlos Alberto Silva (campeão brasileiro pelo Guarani, em 78) chegou às finais contra o Santos.

Os dois jogos foram 1 a 0 para o São Paulo, e em ambos, gol de Serginho.

Bicampeão em cima da Ponte

O clube começou mal o ano de 1981 e perdeu o Campeonato Brasileiro dentro do Morumbi para o Grêmio no dia 3 de maio, com um gol do centroavante Baltazar.

A decepção foi ainda maior porque nas semifinais o time tinha superado na raça o surpreendente Botafogo. A vitória por 3 x 2 sobre o clube carioca, no Morumbi, se deveu aos gols de Éverton no segundo tempo, que viraram um jogo que o Tricolor estava perdendo por 2 x 0.

Mas, para não perder o

costume, conseguiria mais um bicampeonato paulista. Dessa vez, em cima da Ponte Preta de Campinas. O regulamento do campeonato foi complicado. No primeiro turno, a Ponte havia vencido. O São Paulo passou à final derrotando o São José por 3 a 2. Na primeira partida entre São Paulo e Ponte, um empate de 1 a 1, gols de Toninho Oliveira e Serginho.

Na finalíssima, um gol de Renato e outro golaço de Serginho, dando um "chapéu" em Carlos e tocando para o gol vazio. Foi um delírio!

O São Paulo começava a década de 80 igual à década de 70: conquistando um bicampeonato paulista.

Em 82, o clube tem pela quarta vez na história a chance do sonhado tricampeonato paulista. Mas sucumbe diante do Corinthians, da Democracia Corintiana e de Biro-Biro, Zennon, Sócrates e Casagrande. As derrotas por 1 a 0 e 3 a 1 para o Corinthians, na finalíssima,

puseram tudo a perder.

Veio então o ano de 1983. O clube contratou Careca para o comando do ataque, enquanto Serginho Chulapa se transferia para o Santos. No primeiro semestre, quinto lugar no Campeonato Brasileiro. Careca foi o vice-artilheiro do Brasileirão, com 17 gols, cinco a menos que... Serginho. No segundo semestre, mais uma final paulista contra o Corinthians. E outra derrota. O clube, então, inicia uma reformulação no elenco.

Sai o treinador Mário Travaglini e entra Cilinho, até então conhecido como bom técnico para clubes do interior. Na capital, ele iria inaugurar uma era de títulos para o São Paulo.

O Campeonato Paulista de 1984 foi jogado como nos velhos tempos, ou seja, em pontos corridos, pela primeira vez desde 1972. Apesar de uma goleada sobre o Santos (que acabaria campeão) por 4 a 1, o São Paulo acabou em terceiro.

Forças nem sei de onde

Sofremos dois gols logo de cara. Ao invés de desanimarmos, continuamos em busca do resultado. No primeiro tempo, acabei diminuindo para 2 a 1. Partimos para o tudo ou nada. Quando o Éverton entrou na equipe as coisas melhoraram ainda mais. Ele empatou o jogo e, quase no final, com um golaço, virou para 3 a 2. Foi uma virada mais na base da raça do que na técnica. Por isso ficou muito marcado para nós. Arrancamos força nem sei de onde naquele jogo.

SERGINHO

3 SÃO PAULO 2 BOTAFOGO

Data: 26/4/1981 Estádio: Morumbi Público: 98.650 pagantes

São Paulo: Valdir Peres, Getúlio, Oscar, Dário Pereyra e Marinho Chagas; Almir, Heriberto (Éverton) e Renato; Paulo César, Serginho e Zé Sérgio. T: Carlos Alberto Silva.

Botafogo: Paulo Sérgio, Perivaldo, Gaúcho, Zé Eduardo e Gaúcho Lima; Rocha, Ademir Lobo e Mendonça (Gilmar); Ziza (Édson), Marcelo e Jerson. T: Paulinho de Almeida.

Gols: Jerson 10', Mendonça 18', Serginho 45', Éverton 66' e 68'.

Cartão Vermelho: Gaúcho Lima.

Juiz: Bráulio Zanotto.



AGÊNCIA ESTADO

Com o técnico Pepe o São Paulo conquistou o **CAMPEONATO BRASILEIRO**, e no ano seguinte o Paulista, **COM CILINHO**

A liderança de Careca

Quando o São Paulo chegou naquela decisão, muita gente já considerava o time como campeão antes da hora. Havia muitas faixas, fogos e tudo mais nos dias anteriores. A diretoria do clube ficou preocupada com o clima de oba-oba e veio pedir para que eu e os jogadores mantivéssemos um discurso humilde. No dia do jogo, o Careca, no vestiário, mostrou seu espírito de liderança e disse: 'Vocês podem comprar as faixas, que nós já somos campeões. Ninguém vai tirar esse título da gente'. Dessa forma, a equipe ficou mais fortalecida. Os jogadores acabaram fazendo uma grande final.

CILINHO

1 PORTUGUESA

2 SÃO PAULO

Data: 22/12/1985 Estádio: Morumbi Público: 99.025 pagantes

Portuguesa: Serginho, Luciano, Luís Pereira, Eduardo e Albérís; Célio, Toninho e Edu; Toquinho (Jorginho), Luís Müller e Esquerdinha. T: Jair Picerni.

São Paulo: Gilmar, Zé Teodoro, Oscar, Dário Pereyra e Nelsinho; Márcio Araújo, Silas (Pita) e Falcão (Freitas); Müller, Careca e Sidney. T: Cilinho.

Gols: Sidney 24', Esquerdinha 32', Müller 67'.

Cartões Vermelhos: M. Araújo, Albérís, Eduardo, Careca e Zé Teodoro

Juiz: José Carlos Gomes



Müller enfrenta a marcação de Ricardo Rocha, em uma das decisões mais emocionantes do futebol nacional, a final do Campeonato Brasileiro de 1986

Cilinho começou a revelar jovens valores, como Bernardo, Silas, Sidney e um ponta-direita endiabrado, que daria o que falar e seria o maior recordista de títulos do clube: Müller.

Para o Campeonato Paulista de 1985, o time traria ainda um grande reforço: o meia Falcão, o Rei de Roma, que estava em fim de carreira, mas seria a experiência em campo.

Falcão chegou graças a um "pool" de empresas, mas quem brilhava era a rápida e mortal dupla Müller e Careca. Ambos foram artilheiro e vice do torneio (Careca marcou 23

gols, contra 20 de Müller). Eram praticamente imarcáveis. Em um clássico contra o Palmeiras (vitória de 3 a 2), Müller marcou um gol de placa, deixando vários marcadores no chão.

Mas algumas coisas não iam bem no São Paulo. Falcão não mostrava o mesmo futebol de 82 e Cilinho o pôs na reserva de Márcio Araújo. O Rei de Roma não conseguia uma vaga naquele time veloz, mas por fim participou da finalíssima, no lugar de Pita. O adversário seria o mesmo de dez anos antes, a Portuguesa.

Só que dessa vez não houve

pênaltis ou incertezas. O São Paulo venceu a primeira com gols de Dário Pereyra e dois de Careca. Jorginho descontou para a Lusa no final.

Na finalíssima, o São Paulo só precisava de um empate, mas saiu na frente com um gol de Sidney, aos 24 minutos. Oito minutos depois, Esquerdinha igualava a partida. O time luso, que tinha o veterano zagueiro Luís Pereira como destaque, pressionava para tentar a vitória. Até que Müller, aos 22 minutos do segundo tempo, deu a vitória ao São Paulo.

Para 1986, o São Paulo prometia mais títulos. O bicam-



pírita" de Careca. Ele recebeu uma cobrança de lateral, virou o corpo e chutou. A bola bateu nas duas traves e foi parar dentro do gol de Paulo Victor.

Nas finais o São Paulo enfrentaria o forte Guarani, de João Paulo, Evair e Ricardo Rocha. No Morumbi, empate por 1 a 1. Em Campinas, com o Brinco de Ouro completamente lotado, o Guarani fez 1 a 0, com um gol contra de Nelsinho, logo aos 2 minutos. Bernardo, sete minutos depois empataria a partida, que foi para a prorrogação. Careca e Evair travavam uma batalha particular pela artilharia, já que ambos tinham 24 gols. Logo a um minuto da prorrogação, Pita marcou o segundo gol, mas seis minutos depois o Guarani voltaria a empatar, com Marco Antônio Boiadeiro. João Paulo colocaria o Guarani em vantagem aos 2 minutos do segundo tempo, parecendo que daria números finais ao jogo. Foi quando o goleiro Gilmar bateu um tiro de meta e a bola sobrou para Careca pegar de sem pulo e fulminar o goleiro Sérgio Néri. O São Paulo acabaria ganhando nos pênaltis o segundo título brasileiro de sua história e Careca se torna o artilheiro, com 25 gols.

Careca logo seria vendido ao Napoli, da Itália, para jogar ao lado de Maradona.

O título paulista de 1987

Eufórico pelo título brasileiro, o time partiu para o Paulista de moral alto e com certeza de uma boa participação. Cilinho voltara ao comando do São Paulo. Pôs Edivaldo na

ponta-esquerda e Lê em lugar de Careca. O time fez uma campanha boa, ficando em terceiro lugar no total de pontos ganhos na primeira fase, atrás de Santos e Palmeiras. Nas semifinais, eliminou o Palmeiras em dois jogos (0 a 0 e 3 a 1), sendo que no último o meia reserva Neto fez um gol de falta entre as pernas do então palmeirense Zetti.

O grande destaque era o meia Pita, que atravessava o maior momento da carreira. Logo depois, ele seria vendido ao Strasbourg, da França.

A final foi contra o surpreendente Corinthians, penúltimo colocado no primeiro turno, ao lado do Bandeirante, e campeão do segundo.

Na primeira partida, vitória tricolor por 2 a 1, gols de Edivaldo e Lê, contra um de João Paulo, que jogaria apenas por um simples empate para ser campeão na segunda partida.

O Corinthians tentou imprimir um ritmo forte na parti-

da, enquanto o São Paulo procurava tocar a bola e partia nos contra-ataques, com Müller e Edivaldo. No gol do Corinthians estava Valdir Peres, que defendera o São Paulo por tantos anos. O Corinthians tentou, mas o jogo não saiu de um empate sem abertura de contagem. São Paulo campeão.

Cilinho saiu do comando durante o Campeonato Paulista. Entrou Carlos Alberto Silva. Sua maior missão era fazer deslanchar aquele meia vindo do Botafogo de Ribeirão Preto: Raí, irmão de Sócrates.

O São Paulo eliminou o Bragantino de Wanderley Luxemburgo e foi decidir o título contra o São José. Na primeira partida, um gol contra de André Luís aos 41 minutos do segundo tempo, deu ao São Paulo a vantagem de jogar pelo empate na segunda partida. E mais uma vez o São Paulo foi campeão com um 0 a 0 na partida final, repetindo 1987.

Fui lá... e errei

Fiz o gol nos acréscimos da prorrogação, quando muita gente já estava deixando o estádio. Foi uma emoção indescritível. Depois, nos pênaltis, todo o sofrimento se confirmou. Quando eu fui bater, disse para os meus companheiros: 'Podem ficar tranquilos que esse troféu ninguém tira da gente'. Porém, fui lá e errei. Felizmente o Guarani perdeu outras cobranças e fomos campeões. Quem foi ao estádio naquele dia com certeza pagaria de novo para assistir ao jogo.

CARECA

3 GUARANI 3 SÃO PAULO

Data: 25/2/1987 Estádio: Brinco de Ouro Público: 37.370 pagantes

Guarani: Sérgio Néri, Marco Antônio, Ricardo Rocha, Valdir Carioca e Zé Mário; Tosin, Tite e Marco Antônio Boiadeiro; Catatau (Chiquinho Carioca), Evair e João Paulo. T: Gainete.

São Paulo: Gilmar, Fonseca, Wágner Basílio, Dário Pereyra e Nelsinho; Bernardo, Silas (Manu) e Pita; Müller, Careca e Sidney (Rômulo). T: Pepe.

Gols: Nelsinho (c) 2', Bernardo 9', Pita 91', Boiadeiro 97', J. Paulo 107' e Careca 118'.

Cartões Amarelos: Ricardo Rocha e Careca.

Cartão Vermelho: Wágner Basílio.

Juiz: José de Assis Aragão.

Müller fez o **GOL** que deu
o título **MUNDIAL** ao São Paulo em 1993

MÜLLER, O SUPERCAMPEÃO

Poucos atletas foram
tão velozes como ele.
E poucos foram tan-
tas vezes campeões pelo São
Paulo.

Müller surgiu no São Paulo em 1985. Era um dos "Menu-dos do Morumbi", alusão a um conjunto musical porto-rique-nho, composto por adolescen-tes, que fazia furor à época. Müller foi lançado como pon-ta-direita por Cilinho. Parecia um bólido e deixava os marca-dores apavorados com sua ve-locidade.

— O São Paulo foi o clube que me lançou para o futebol brasileiro. Minha parceria com o Careca era perfeita. Ele era rápido e inteligente e sempre abria espaços para que eu en-trasse em diagonal ou desse um passe açucarado para um companheiro.

— Era muito fácil jogar ao la-do dele. Bastava dar a bola e correr para a área. Ele puxava sempre dois marcadores e fa-cilitava meu serviço na finali-zação — completa Careca.

Müller conquistou vários tí-tulos e era considerado um verdadeiro talismã nos mo-mentos mais complicados.

— Era só dar a bola para o Müller que ele sempre achava uma solução para o lance, fos-se um drible ou um passe no espaço vazio. Sempre vinha coisa boa dele — lembra Raí.

Era também um jogador versátil. Começou na direita e chegou a jogar como ponta-esquerda com Telê Santana.



Foram duas passagens pelo São Paulo: nas duas, Müller cansou de ganhar títulos pelo clube

— Como tínhamos o Cafu e o Vitor daquele lado, eu deslo-quei o Müller para a esquerda, já que ele utilizava bem os dois pés e tinha uma grande noção de espaço. Ele sabia se virar para qualquer canto do campo — recorda Telê. — Ele foi, segu-ramente, um dos jogadores mais inteligentes com quem trabalhei — completa.

A opinião é reforçada por

Wanderley Luxemburgo, en-cantado com o futebol do ca-misa 7 no tempo em que esti-veram juntos no Palmeiras e no Santos.

— Müller foi o melhor ata-cante com quem trabalhei e dono de uma inteligência fora do normal.

Müller lembra com carinho das duas finais dos Mundiais interclubes, contra o Barcelona

e contra o Milan.

— Com o Barcelona, eu dei um drible seco no Ferrer e o Raí fez o primeiro gol. Contra o Milan, fiz um gol de calcanhar que deu o título.

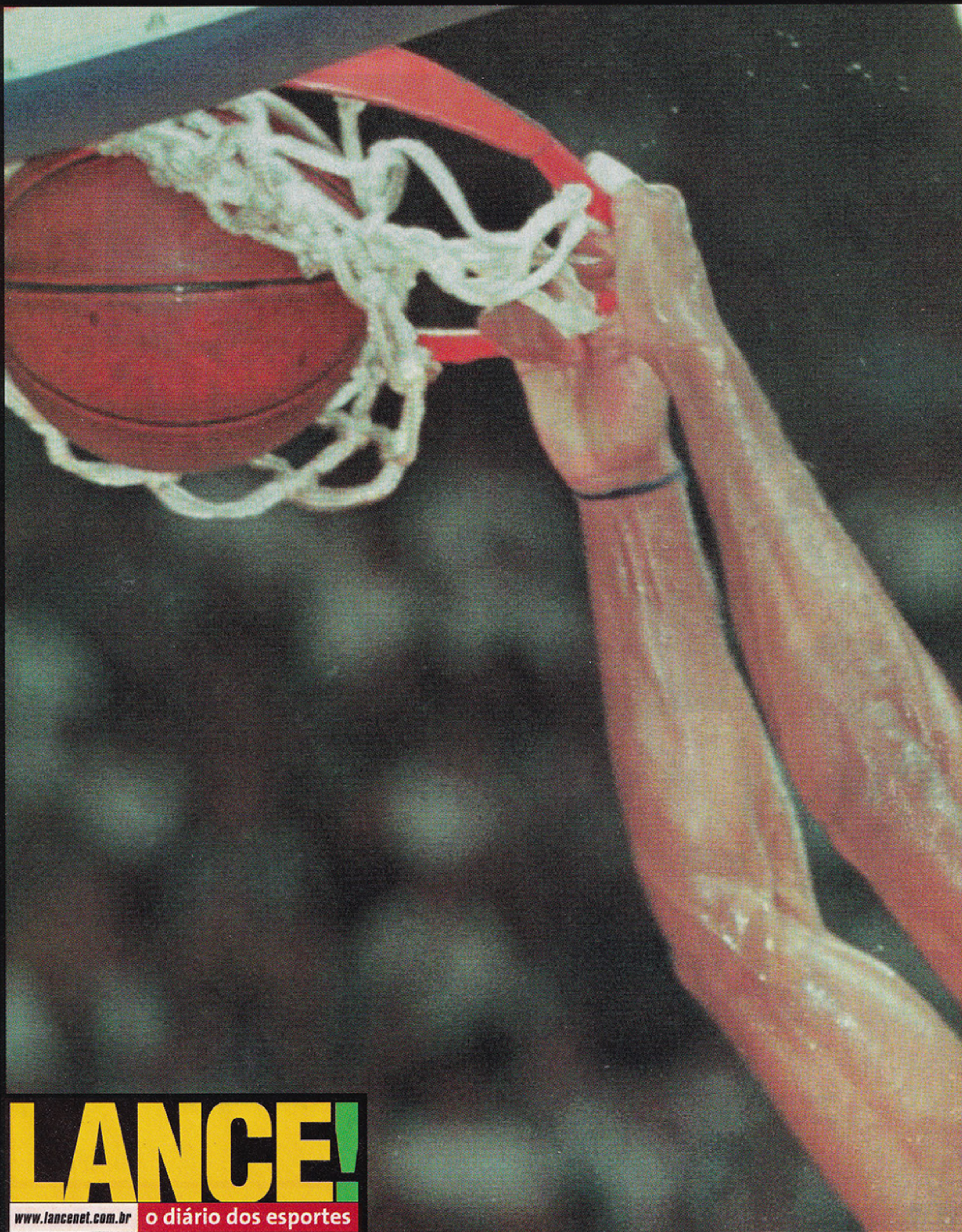
Após o gol, desabafou em cima de Costacurta, que o ha-via provocado o jogo inteiro.

— Foi uma delícia de gol, acho que o mais importante que fiz pelo São Paulo.

QUEM É ELE

- **Nome:** Luís Antônio Corrêa da Costa
- **Nascimento:** 31/1/1966
- **Local:** Campo Grande (MS)
- **Quando jogou:** 9 anos (1984-1988, 1991-1994 e 1996)
- **Títulos no clube:** Campeonato Paulista (85, 87, 91 e 92), Brasileiro (86 e 91), Recopa Sul-americano (93 e 94), Supercopa (93), Libertadores (92 e 93) e Mundial (92 e 93)
- **Outros clubes:** Torino, da Itália, Kashiwa Reysol, do Japão, Palmeiras, Perugia, da Itália, Santos e Cruzeiro
- **Características:** Habilidoso, artilheiro e com estrela.

Esporte como você nunca viu.



LANCE!

www.lancenet.com.br

o diário dos esportes

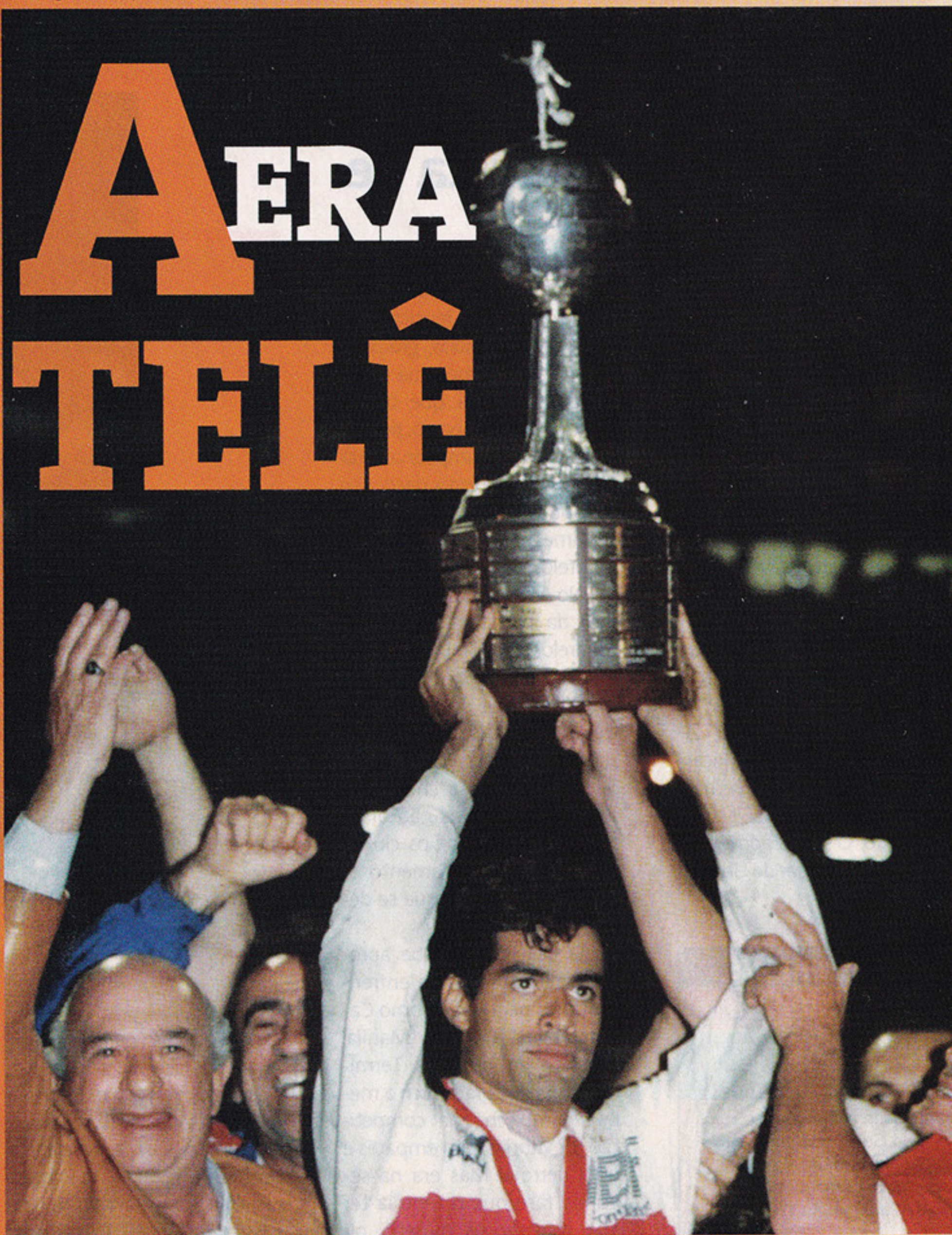
O São Paulo foi o **TIME DA DÉCADA** em São Paulo, com **CINCO TÍTULOS** estaduais: 80, 81, 85, 87 e 89



AGÊNCIA ESTADO

Serginho Chulapa ficou tão famoso pelo faro oportunista de artilheiro quanto pelas confusões em que se envolvia dentro de campo (aqui, num clássico contra o Palmeiras)

Raí ergue a Taça Libertadores após a vitória nos pênaltis sobre o Newell's Old Boys, da Argentina



AGÊNCIA ESTADO

A ERA TELÊ

A era Telê Santana é a mais gloriosa do São Paulo. Foi com o treinador da Seleção Brasileira nas Copas do Mundo de 82 e 86 que o São Paulo atingiu níveis nunca antes imaginados.

O São Paulo estava no fundo do poço, rebaixado para a segunda divisão do Campeonato Paulista. Telê chegou para ficar apenas três meses, tempo suficiente para treinar o time no Campeonato Brasileiro. Acabou ficando cinco anos e conquistando inúmeros troféus.

Em seu primeiro campeonato, conseguiu um vice brasileiro, perdendo para o Corinthians. Depois seguiu-se um bi paulista (91 e 92), um Brasileiro (91), o bicampeonato da Taça Libertadores (92 e 93) e do Mundial Interclubes (92 e 93), além de outros torneios, como Supercopa dos Campeões, Recopas, Teresa Herrera, Ramón de Carranza, entre outros. Nunca o São Paulo conquistou tanto em tão pouco tempo.

Foi considerado também o "pai" de vários jogadores, como Raí, que de um jogador médio virou o símbolo dos anos 90 e maior ídolo do clube em todos os tempos. E não foi só: fez Cafu jogar de lateral-direito, volante, ponta-direita e meia. Aproveitou um meia veterano, Cerezo, como poucos. Promoveu Leonardo de lateral-esquerdo para meia; pegou um reserva do Bragantino, Pintado, transformando-o no cão de guarda da defesa tricolor.

Era o período de toque de bola refinado e contra-ataques enlouquecedores, com seis ou sete jogadores descendo ao mesmo tempo e aproveitando as jogadas de linha de fundo.

Por tudo isso, Telê pode ser considerado o maior nome do clube nos anos 90.

Evolução das camisas

1996: Calções e meias pretos, uma combinação rara no uniforme tricolor



1998: Frisos tricolores nas golas, na barra do calção e nas meias



1999: As listras vermelhas e pretas se tornam mais grossas do que nunca antes



Telê Santana chegou ao clube em 1990 para ficar apenas três meses.

— Nem aluguei apartamento para ficar em São Paulo. Vou morar no CT (Centro de Treinamento). Vim só para dar uma ajuda ao São Paulo, mas depois disso vou embora. Não fico nem mais um dia.

Esse foi o comentário do velho treinador na chegada. O time vinha mal das pernas, com o rebaixamento para a Segunda Divisão do Campeonato Paulista.

Telê chegou para dirigir a equipe no Campeonato Brasileiro sem muitas esperanças. O time foi se arrumando, chegou às finais com o Corinthians e acabou ficando com o vice-campeonato.

A missão mais complicada era convencer o treinador a ficar no clube. Jogadores como Raí, Leonardo, Cafu e Antônio Carlos tinham crescido sob seu comando, e a conquista do

Brasileiro no primeiro semestre de 91 foi a maior prova disso. Em 23 jogos, foram 12 vitórias, 7 empates e 4 derrotas. O time marcou 28 gols e sofreu 15. As finais foram contra o Bragantino de Carlos Alberto Parreira em duas partidas complicadas. Na primeira, uma vitória por 1 a 0, gol de Mário Tilico. A finalíssima seria em Bragança Paulista e bastava apenas um empate para ficar com o título. O 0 a 0 foi o suficiente e o São Paulo, que pôde, enfim, levantar o primeiro título da década. Telê calou a boca de quem o chamava de pé-frio pela perda dos Mundiais de 82 e 86.

— O São Paulo foi campeão com dignidade e justiça e não aceito esse adjetivo — disse.

Era um timaço: Zetti, Zé Teodoro, Antônio Carlos, Ricardo Rocha e Leonardo; Bernardo, Ronaldo, Cafu e Raí; Müller e Macedo. O clube adquiria o direito de participar da Libertadores de 92.

O título paulista de 1991

O Campeonato Paulista de 1991 seria o mais inusitado de todos já disputados, graças a uma virada de mesa na Federação, feita para que o São Paulo, então rebaixado, pudesse disputar o campeonato da primeira. Para tanto, dividiu-se a disputa em dois grupos de 14 times, os grupos Verde e Amarelo.

No Verde, ficariam os times da primeira divisão. No Amarelo, o São Paulo e os demais da Segunda Divisão. Os cinco melhores do Verde e os três melhores do Amarelo passariam às finais. Absurdo? Pode até ser. Mas a choradeira das outras torcidas não tinha razão de ser: todos os clubes aceitaram o regulamento, e dentro de campo é que se decidiria o melhor.

O São Paulo soube aproveitar a vantagem de enfrentar times pequenos, como Catanduvense, Olímpia, Marília, São José, entre outros. Terminou a primeira fase com a melhor campanha da competição, 17 vitórias, oito empates e uma derrota. Mas era na segunda fase que o time ia ter que mostrar se merecia ou não continuar entre os grandes paulistas.

O São Paulo caiu no mesmo grupo de Palmeiras, Guarani e Botafogo. Por ter feito o maior número de pontos na competição, tinha a vantagem de se classificar para a decisão em caso de empate em pontos na segunda fase.

No jogo decisivo da segunda fase, o Palmeiras precisava vencer para ficar com a vaga.



O jogo foi nervoso e acabou 0 a 0, com Zetti sendo o nome da partida. Quase no final, o centroavante Evair, do Palmeiras, colocou uma bola no travessão, mas o gol palmeirense não saía. São Paulo classificado. A final seria contra o rival o Corinthians, uma revanche da decisão do Brasileiro de 90. O primeiro jogo passou para a história. O São Paulo venceu por 3 a 0, com três gols do meia Raí, que foi artilheiro do torneio com 20 gols. Na partida final, bastou um 0 a 0. O São Paulo era ao mesmo tempo campeão estadual e brasileiro.

A nossa volta ao topo

Sáimos praticamente da Série A-2 e demos uma arancada no final. A decisão contra foi bastante equilibrada. No primeiro jogo, procuramos dar tudo de nós, pois aquela era a volta do São Paulo ao topo do futebol brasileiro. Eu estava passando por um momento de graça, e acertei um chute de fora da área, na gaveta. A partir daí, mudamos o panorama da partida. Fiz mais dois. Foi um jogo perfeito. Vencemos mais por méritos nossos que por erros do adversário.

RAÍ

0 CORINTHIANS 3 SÃO PAULO

Data: 8/12/1991 Estádio: Morumbi
Público: 102.821
Renda: Cr\$ 369.297.000,00

Corinthians: Ronaldo, Giba, Marcelo, Guinei e Jacenir; Márcio (Tupãzinho), Wilson Mano e Ezequiel; Marcelinho Paulista, Dinei e Paulo Sérgio. T: Cilinho

São Paulo: Zetti, Cafu, Adílson (Sérgio), Ronaldo e Nelsinho; Sidney, Suélio (Rinaldo) e Raí; Müller, Macedo e Elivélton. T: Telê Santana

Gols: Raí 16', 59' (pênalti) e 62'

Cartão Vermelho: Dinei.

Juiz: Oscar Roberto Godoi.

A conquista da Libertadores veio na **DECISÃO POR PÊNALTIS**. Os argentinos perderam **TRÊS COBRANÇAS**. Zetti decidiu



O time do São Paulo comemora a conquista da Libertadores de 92. A partir da esquerda, Raí, Pintado, Ronaldo, Antônio Carlos, Cafu, Elivélton, Macedo e Suélio

O primeiro título da Taça Libertadores da América

De volta à Libertadores, o São Paulo estava disposto a não deixar o título escapar. Mas logo na estreia foi derrotado pelo Criciúma por 3 x 0. Não era motivo de grande preocupação, já que três dos quatro times do grupo se classificariam, e os outros adversários eram dois clubes bolivianos. A reação começou com uma vitória sobre o San José da Bolívia por 3 x 0 e um empate com o Bolívar por 1 x 1.

Nos jogos de volta, goleou o Criciúma por 4 x 0, empatou com o San José (1 x 1) e venceu o Bolívar (2 x 0).

Nas oitavas-de-final, eliminou o Nacional do Uruguai. 1 x 0 no Centenário, de Montevideu, gol de Elivélton, e 2 x 0 no Morumbi (Ronaldo e Antônio Carlos).

O perigoso Criciúma do técnico Levir Culpi foi a vítima seguinte, nas quartas. O primeiro jogo foi no Morumbi. O

São Paulo arrancou a vitória com um gol de Macedo a oito minutos do fim. No caldeirão do Heriberto Hülse, em Criciúma, o Tricolor garantiu a vaga. 1 a 1. Palhinha fez o gol da classificação. Nas semifinais, com o Barcelona de Guayaquil (Equador), 3 x 0 aqui, 0 x 2 lá. A final seria contra o Newell's Old Boys da Argentina. Que sufoco! O Newell's venceu o primeiro jogo por 1 x 0, gol de Berizzo, de pênalti. No Morumbi, o São Paulo deu o troco: 1 x 0, gol de Raí, também de pênalti. Na decisão por pênaltis, os argentinos erraram três. São Paulo campeão.

Eles gritavam o meu nome

Foi a final mais emocionante da minha vida. Precisávamos da vitória por qualquer resultado. Tentamos evitar a decisão por pênaltis, mas não deu. Quando o juiz apitou, 100 mil são-paulinos gritavam o meu nome e aquela decisão ficou praticamente nas minhas mãos. O Ronaldão perdeu o primeiro pênalti, mas depois um argentino chutou para fora. Depois todos acertaram até o último chute, quando eu defendi a cobrança de Gamboa. Foi uma conquista inesquecível e com méritos também para o treinador de goleiros Valdir de Moraes, que sabia como os argentinos iriam cobrar.

ZETTI

1 SÃO PAULO

0 NEWELL'S

Data: 17/6/1992 Estádio: Morumbi
Público: 105 mil pagantes

São Paulo: Zetti; Cafu, Antônio Carlos, Ronaldo e Ivan; Adilson, Pintado, Raí e Palhinha; Müller (Macedo) e Elivélton. T: Telê Santana

Newell's Old Boys: Scoponi; Saldaña, Gamboa, Pochettino e Berizzo; Llop, Berti, Martino (Domizzi) e Lunari; Zamora, A Mendoza

Gol: Raí (pênalti) 82'. Nos pênaltis, São Paulo 3 x 2.

Juiz: J. J. Torres (Colômbia)

O São Paulo se tornou **BICAMPEÃO DO MUNDO** derrotando duas superpotências do futebol mundial, **BARCELONA E MILAN**

Um dos jogos mais difíceis

Nós sabíamos que iríamos enfrentar uma grande equipe naquela final. Porém, não esperávamos que eles fossem jogar tanto. Para piorar nossa situação, o Barcelona fez 1 a 0 logo de cara. Foi uma das partidas mais difíceis que enfrentamos naquela época, assim como a final contra o Milan. Aos poucos, voltamos a jogar bom futebol e conseguimos o empate. Depois, no fim do segundo tempo, o Raí, que foi importantíssimo na final, fez um belo gol de falta, do jeito que sempre fazíamos nos treinamentos. Foi uma alegria imensa, tanto para mim quanto para o São Paulo.

TELÊ SANTANA

2 SÃO PAULO 1 BARCELONA-ESP

Estádio: Nacional (Tóquio, Japão)
Público: 60 mil Data: 13/12/1992

São Paulo: Zetti, Vítor, Adilson, Ronaldão e Ronaldo Luiz; Pintado, Toninho Cerezo (Dinho), Cafu e Raí; Müller e Palhinha. T: Telê Santana

Barcelona: Zubizarreta, Ferrer, Guardiola, Ronald Koeman e Bakero (Goicochea); Eusebio, Witschige, Stoitchkov e Michael Laudrup; Amor e Beguiristain (Nadal). T: Johann Cruyff

Gols: Stoitchkov 13', Raí 26' e 79'

Juiz: Juan Carlos Loustau (ARG).



Em pé, a partir da esquerda, Zetti, Dinho, Ronaldão, Cafu, Leonardo e Cerezo; agachados, Müller, Doriva, Válber, Palhinha e André. Bicampeões do mundo

Logo após o título da Libertadores, o São Paulo promoveu um excursão à Europa. A ideia básica era aproveitar o intervalo entre o Campeonato Brasileiro e o Paulista para dar mais experiência internacional ao time. O time venceu os torneios Teresa Herrera e Ramón de Caranza, arrasando Real Madrid (4 a 0) e Barcelona (4 a 1). O Barça seria, inclusive, seu rival em Tóquio.

O time virou manchete em todas as partes do planeta e até reservas como o atacante Catê eram sondados pelo mercado europeu.

Bicampeão paulista em 1992

Com o time afinado e jogando da forma como Telê Santana gostava, o São Paulo entrou como grande favorito para o Campeonato Paulista. A maior novidade do torneio foi a parceira Palmeiras-Parmalat, mas o título ficou mesmo com o tricolor. Foi uma campanha perfeita: 21 vitórias, 9 empates e apenas 4 derrotas. O time marcou 63 gols e sofreu 29.

A primeira partida final foi no dia 5 de dezembro, contra o Palmeiras. O primeiro jogo foi bem disputado, mas o São Paulo sempre comandou o placar. Raí foi o grande destaque da partida, com três gols, repetindo o feito da final do Paulista do ano anterior, contra o Corinthians.

A segunda partida foi disputada no dia 20 de dezembro. O São Paulo foi melhor novamente e com gols de Müller e Cerezo venceu por 2 a 1, ficando com o título. Só faltou fazer o artilheiro da competição. Raí fez 15 gols, dois a menos que Válber, do Mogi.



AGÊNCIA ESTADO

O título mundial em Tóquio

Entre uma partida e outra do Paulista, o São Paulo foi para Tóquio enfrentar o Barcelona. O time espanhol era considerado favorito pela imprensa japonesa e européia. A vitória de 4 a 1 sobre o mesmo Barcelona, em agosto, foi considerado um resultado anormal, já que o time catalão estava em início de temporada e sem sua melhor condição.

O jogo começou quente e o Barcelona melhor. Aos 12 minutos, o atacante búlgaro Hristo Stoichkov abriu o placar, encobrindo Zetti. Parecia que o São Paulo sentiria o golpe e não teria como reagir. Foi aí que começou a brilhar a estrela de Raí.

Ele começou a comandar o time em campo, não permitindo que o São Paulo se abatesse. E aos 27 minutos, veio a recompensa. Müller aplicou um drible humilhante no lateral-direito Ferrer e cruzou para Raí completar de barriga.

O gol acordou a equipe, que continuou a pressionar o Barcelona. Com toques rápidos e toque de bola envolvente pelas laterais, Ronaldo Luiz-Müller e Vitor-Cafu infernizavam a defesa catalã. A vitória poderia ter saído em um lance de Müller, que encobriu Zubizarreta, mas Ferrer tirou em cima do gol. O São Paulo continuava martelando até os 34 minutos do segundo tempo. Falta na boca da área. Raí toca no ângulo direito, no alto, sem defesas para Zubizarreta. Emocionado, corre até o banco e abraça Telê Santana, todo sorrisos pela vantagem alcançada. O Barcelona estava desorientado. Como parar o time brasileiro, que até os 43 minutos do segundo tempo, executava o "um-dois" em cima do lateral-esquerdo Sergi com Vitor e Cafu? Como parar o diabólico Müller, que infernizava Ferrer, e Cerezo, que ditava o ritmo no meio-campo?

Não podiam ser parados, era o que o Barcelona descobria. No final, vitória de 2 a 1 e o cumprimento do treinador catalão Johann Cruyff em Telê, exaltando o feito do clube brasileiro.

— O São Paulo foi impecável a partida inteira. Venceu

com justiça — ressaltou o ex-astro da Laranja Mecânica.

O estádio Nacional de Tóquio teve o gramado invadido por torcedores que vibravam com o feito. Pela primeira vez, o esquema de segurança do gramado havia sido rompido pela torcida.

— Foi uma conquista do grupo todo, que jogou com enorme coração e mereceu o título — disse Telê.

Para Raí, eleito o melhor da partida e premiado com um carro Toyota, o São Paulo jogou como um digno campeão mundial e não deu chances ao Barcelona.

— Vencemos porque jogamos melhor. Foi uma vitória do futebol brasileiro — exaltou o capitão Raí.

A volta para o Brasil teve desfile em carro aberto pelas ruas, mas o time se concentrou logo em seguida, pois ainda teria a segunda partida contra o Palmeiras pela decisão do Campeonato Paulista.

Bastou o primeiro gol

Para nós, aquela decisão era uma continuação de todo o trabalho de 1992. Foi uma final muito nervosa, pois tínhamos pela frente um adversário que vinha bem na competição e também a obrigação de vencer por um bom resultado. Sentimos isso no começo. Mas bastou sair o primeiro gol, depois de uma jogada em que eu chutei a bola na trave e o zagueiro deles fez contra, para relaxarmos. Depois dali, os gols foram saindo com naturalidade.

PALHINHA

A venda de Raí para a França

O título fez com que várias equipes viessem atrás dos jogadores tricolores. Vitor foi emprestado para o Real Madrid da Espanha, e Raí, vendido ao Paris Saint-Germain por US\$ 2,4 milhões de dólares. Mas como os torneios na Europa estavam em andamento, ele só iria para a França no segundo semestre de 1993.

O resto da equipe também teve propostas; Cafu, da Espanha, e até Cerezo, que havia sido campeão italiano pela Sampdoria, foi cotado para voltar ao time.

O sucesso do time era enorme e iriam agora em busca de um título inédito para o clube: um tricampeonato paulista. O Paulista era a próxima façanha a ser vencida.

5 SÃO PAULO 1 U. CATÓLICA-CHI

Estádio: Morumbi Público: 100 mil
Data: 19/5/1993

São Paulo: Zetti, Vitor (Catê), Valber, Gilmar e Ronaldo Luiz (André); Pintado, Dinho, Cafu e Raí; Palhinha e Müller. T: Telê Santana

Universidade Católica: Wirth, Andrés Romero, Sérgio Vásquez, Daniel López (Barrera) e Contreras; Lunari, Lepe, Parraguez e Tupper; Luis Pérez (Reinoso) e Almada. T: Ignacio Prieto

Gols: D. López (contra) 30', Vitor 40', Gilmar 54', Raí 60', Müller 65' e Almada (pênalti) 85'.

Juiz: José Torres (Colômbia).

Fechei com chave de ouro

Aquela partida para mim foi, além do título e do prêmio de melhor jogador em campo, uma conquista que veio fechar com chave de ouro a minha carreira. Estava com 38 anos, pude jogar muito bem e ajudar o São Paulo a ser bicampeão mundial. Entramos em campo bastante decididos. Foi uma partida muito equilibrada, com um grande volume de jogo e poucas faltas. O número de gols pode mostrar isso. Outra coisa inesquecível foi que eu pude marcar um gol em cima do time que fez um pré-contrato uma vez comigo e depois me dispensou, alegando que eu estava machucado.

TONINHO CEREZO

3 SÃO PAULO

2 MILAN-ITA

Estádio: Nacional (Tóquio, Japão)
Público: 52.275 Data: 12/12/1993

São Paulo: Zetti, Cafu, Válber, Ronaldão e André; Dinho, Doriva, Toninho Cerezo e Leonardo; Müller e Palhinha (Juninho). T: Telê Santana

Milan: Rossi, Panucci, Costacurta, Franco Baresi e Maldini; Albertini (Alessandro Orlando), Donadoni e Desailly; Massaro, Papin e Raducioiu (Tassoti). T: Fabio Capello

Gols: Palhinha 19', Massaro 48', T. Cerezo 59', Papin 81' e Müller 86'

Juiz: Joel Quinou (França).

Com Raí ainda, o time conseguiu o bicampeonato da Libertadores. Como campeão do ano anterior, o São Paulo entrou diretamente nas oitavas-de-final. Eliminou – novamente – o Newell's Old Boys. Perdeu lá por 2 x 0, mas enfiou 4 x 0 na volta, no Morumbi.

Nas quartas-de-final, pegou o Flamengo, campeão brasileiro. No Maracanã, empate em um gol. No Morumbi, mais uma vez o São Paulo se garantiu, com gols de Müller e

Cafu. 2 x 0.

Na semifinal, uma vitória apertada no Morumbi (1 x 0, gol de Raí) preocupou a torcida. Mas o time soube segurar o empate sem gols no Defensores del Chaco, garantindo presença na decisão.

Acabou sendo mais fácil que se imaginava. No jogo de ida, no Morumbi, uma atuação perfeita e vitória por 5 x 1 sobre o Universidad Católica, do Chile, praticamente sacramentando o bi. No segundo jogo, em Santiago, a torcida

chegou a levar um susto: o time chileno fez 2 x 0 com apenas 15 minutos. Mas precisava de pelo menos mais dois gols, e o time de Telê tocou a bola até o final.

Raí foi embora, vendido para o PSG. O clube repatriou Leonardo e o colocou com a camisa 10. O time perdeu também Pintado, que foi para o Cruz Azul do México.

Mesmo assim a rotina de títulos continuava. O time foi campeão da Supercopa dos Campeões, derrotando o Fla-



Denílson prepara o passe para o terceiro gol, de França, na decisão do Paulista de 98. A partida foi marcada pela volta triunfal de Raí ao São Paulo

Antes mesmo do fim do Paulista, **DENÍLSON** foi vendido ao Betis, da Espanha, na transação **MAIS CARA** do futebol mundial

mengo nas finais.

Com a vitória na Libertadores, o time iria enfrentar o Milan em Tóquio. E, apesar do favoritismo do poderoso rival, venceu por 3 a 2, com um gol de Müller de calcanhar nos minutos finais, quando todos esperavam uma prorrogação.

O time repetia o feito do Santos, bi mundial em 62/63. Mantido Telê Santana, o objetivo agora era ir ainda mais longe e buscar o tri sul-americano e mundial.

A perda do tri para o Vélez

O tricampeonato, título tão perseguido e nunca alcançado pelo clube, escapou mais uma vez em 1994 na Libertadores: uma derrota para o Vélez Sarsfield nos pênaltis, no Morumbi, adiou mais uma vez a festa, já anunciada.

A campanha fora mais uma vez brilhante. O São Paulo eliminou Palmeiras (0 x 0 e 2 x 1), Unión Española, do Chile (1 x 1 e 4 x 3), e Olimpia, do Paraguai (2 x 1 e 0 x 1, 4 x 3 nos pênaltis). Contra o Vélez, porém, o Tricolor não foi feliz. Cada time ganhou em casa por 1 x 0. Na decisão por pênaltis, no Morumbi, Palhinha perdeu. Fim de uma época dourada.

O consolo foi a conquista da Copa Conmebol com o "Expressinho" de reservas, comandado por Muricy Ramalho. Os três anos seguintes foram pobres, para um clube acostumado a vencer e vencer.

O São Paulo vendeu Caio para a Internazionale de Milão e Juninho para o Middlesbrough, da Inglaterra. Telê Santana também abandonou o clube, com problemas de saúde. Palhinha foi para o Cruzeiro. Müller, para o Kashiwa Reysol, do Japão. Cerezo havia abandonado a carreira. Zetti se transferiu para o Santos. O Morumbi foi interditado, com problemas de trepidação.

O São Paulo mesmo assim conseguiu vice-campeonatos paulistas em 1994, 1996 e 1997, quando perdeu para o Corinthians. Na final 1 a 1 e o gol do rival foi marcado pelo lateral-esquerdo André.

O novo bailarino: Denílson

O Campeonato Paulista de 98 foi empolgante para a torcida são-paulina. Depois de ter feito, de longe, o São Paulo perdeu o primeiro jogo decisivo para o Corinthians por 2 a 1. Só que o São Paulo contava com uma "arma secreta": Raí, recomprado da França. O clube conseguiu inscrevê-lo às pressas e escalá-lo para o segundo jogo. Raí deu confiança ao time, que venceu por 3 a 1, dando show. Além do Rei Raí, brilhou outro talento revelado pelo São Paulo: Denílson, ponta-esquerda de estilo vistoso, que lembrava Canhoteiro para os mais antigos, e era considerado a maior aposta do clube.

Denílson era titular, mas não conseguia ser o jogador que todos esperavam. O São

Paulo ressentia-se de Telê Santana para lapidá-lo. Mesmo assim, ele brilhou com a camisa da Seleção em um jogo contra a Itália, e despertou o interesse de clubes estrangeiros.

Chegou-se a anunciar sua venda para o Barcelona, mas na última hora o clube catalão deu para trás. Mas não demorou muito para sua venda definitiva. O Real Betis, da Espanha, pagou US\$ 32 milhões e o levou em agosto de 98. Era a maior transação do futebol mundial até então.

Depois da venda de Denílson, porém, nada deu certo para o São Paulo. O time foi mal no Brasileirão de 98. Raí sofreu uma séria lesão num joelho e só voltou ao futebol no ano seguinte.

No Paulistão-99, sob o comando de Paulo César Carpegiani, o time fez a melhor campanha da primeira fase, mas um regulamento ruim fez com que o Corinthians eliminasse o Tricolor na semifinal.

Ajeitada na minha vida

Foi um momento inesquecível, meu primeiro título no futebol. Aquela final foi o jogo da minha firmação definitiva, deu uma ajeitada legal na minha vida. Vinha fazendo um bom Campeonato Paulista, havia me tornado titular, mas continuava com aquela imagem de jogador-talismã. Outra coisa que me deixou muito feliz foi ter marcado dois gols. Depois, descobri que entrei na história do Paulista. Apenas o Evair havia marcado dois gols em final do Paulistão.

FRANÇA

3 SÃO PAULO

1 CORINTHIANS

Estádio: Morumbi (São Paulo)
Data: 10/5/1998

São Paulo: Rogério, Zé Carlos, Capitão, Márcio Santos (Bordon) e Serginho; Alexandre, Fabiano, Raí (Aristizabal) e Carlos Miguel (Gallo); França e Denílson. T: Nelsinho Batista.

Corinthians: Nei, Rodrigo (Didi), Cris, Gamarra e Silvinho; Romeu (Edilson), Vampeta, Rincón e Souza (Marcelinho Paulista); Marcelinho Carioca e Mirandinha. T: W.Luxemburgo

Gols: Raí 30', Didi 50', França 57' e 82'.

Cartões Amarelos: Cris, Romeu, Bordon, Serginho e Fabiano.

Juiz: Sidrack Marinho dos Santos.

Telê Santana estabeleceu um **RECORDE** de permanência no São Paulo: treinou o time de **1990 A 1995**, uma façanha para os padrões brasileiros

UMA REVERÊNCIA AO REI RAÍ

Ninguém poderia imaginar, quando ele despontou, que Raí seria ainda maior que o irmão Sócrates. Mas ele foi. Campeão mundial interclubes em 92 e 93, campeão do mundo pela Seleção Brasileira em 94, Raí foi o jogador brasileiro mais bem-sucedido da década de 90. Com seu estilo técnico, mas um pouco lento, Raí demorou para convencer a todos de seu talento fora do comum. Para alegria da torcida do São Paulo, foi no Morumbi que ele se firmou de vez, ganhando os títulos paulistas de 89, 91 e 92; Brasileiro de 91; Libertadores de 92 e 93; e, principalmente, o Mundial de 92, com dois gols em cima do Barcelona, o segundo deles uma cobrança de falta magistral: talvez o maior momento de sua carreira.

Na França, ele virou Deus

Vendido em 93 ao Paris Saint-Germain, da França, Raí se tornou rei na Europa também, levando o clube a vários títulos no país e no continente. Foi sem dúvida o maior ídolo da história do PSG. Saudoso, voltou ao Brasil em 1998. Logo no primeiro jogo, encarou a decisão do Campeonato Paulista, contra o Corinthians. Mais uma vez, ele estava lá pa-



Raí aos poucos conquistou a torcida do São Paulo. Difícil imaginar um ídolo maior que ele na história do clube

QUEM É ELE

- **Nome:** Raí Souza Vieira de Oliveira
- **Nascimento:** 15/5/65
- **Local:** Ribeirão Preto (SP)
- **Quando jogou:** 8 temporadas (1987-1993 e 1998-1999)
- **Títulos no clube:** Campeonato Paulista (87, 89, 91, 92 e 98), Brasileiro (91), Libertadores (92 e 93) e Mundial (92)
- **Outros clubes:** Botafogo-SP, Ponte Preta e Paris Saint-Germain, da França
- **Características:** Meia de técnica requintada e de ótima finalização, Raí se tornou ídolo e comandante da equipe do São Paulo.

ra vencer. Marcou o primeiro gol e foi a estrela da vitória por 3 x 1 que deu mais um título paulista ao clube. Infelizmente, no mesmo ano, sofreu uma lesão grave num dos joelhos, que quase acabou com sua carreira.

Na Seleção Brasileira, Raí estreou em 1987, durante uma excursão à Europa, chamado por Carlos Alberto Silva.

Na Seleção, campeão e injustiçado

Participou da campanha vitoriosa nos EUA, em 94, mesmo tendo enfrentado muitas críticas. Acabou perdendo a posição de titular durante o

Mundial. Isso o levou a anunciar, depois da Copa, que não voltaria a vestir a camisa amarela. Em 1998, porém, em grande fase no PSG, ganhou uma última chance na Seleção, às vésperas da Copa da França, mas Zagallo não o convocou para o Mundial. Talvez a história tivesse sido diferente com Raí, que conhecia a França como ninguém.

12 PARA UM SÉCULO



MARIO ALBERTO

Uma das eleições mais difíceis, entre os grandes clubes do Brasil, é sem dúvida a do maior São Paulo de todos os tempos. Quem foi o melhor goleiro? Valdir Peres, o que mais partidas disputou pelo clube (597)? Poy, o jogador que mais tempo ficou no time (12 anos)? Zetti, bicampeão mundial com a camisa são-paulina? Nada mais

difícil. Que lateral-direito escolher, De Sordi, campeão do mundo em 1958 pela Seleção, o ídolo uruguaio Pablo Forlan ou Cafu, campeão mundial em 1994? Que artilheiro eleger, com nomes como Leônidas, o Diamante Negro, o polêmico Serginho Chulapa, o grande artilheiro dos anos 60 Gino Orlando, o inesquecível Toninho Guerreiro, o implacável Careca,

o papão de títulos Müller? Que comandante para o meio-campo, num clube que teve o maestro argentino Sastre, o Mestre Zizinho, o Canhotinha Gérson, o uruguaio Pedro Rocha, o Rei Raí? E que treinador foi o melhor, num clube que teve Vicente Feola, recordista de passagens pelo clube, Joreca, Telê Santana, recordista de títulos, o húngaro Bela Gut-

man, o argentino Poy, o maitreiro Cilinho? Escolha árdua que os 30 são-paulinos convidados pelo LANCE! enfrentaram com coragem.

O resultado está nas próximas páginas, e uma coisa é certa: mesmo que um ou outro jogador tenha sido injustificado, o time formado pelos 30 eleitores não perderia para ninguém.

O MELHOR DE



TODOS OS TEMPOS

MARIO ALBERTO



Em pé, da esquerda para a direita: Telê Santana, Cafu, Poy, Mauro, Dário Pereyra, Bauer e Noronha.
Agachados: Müller, Leônidas da Silva, Pedro Rocha, Raí e Canhoteiro.

Ídolos de duas gerações distintas, o goleiro **POY**, dos anos 70, e o lateral-direito **CAFU**, craque da década de 90, figuram entre os maiores da história

POY

Quando ele foi contratado ao Rosario Central, da Argentina, José Poy era um jovem goleiro que ainda tinha muito o que provar. No São Paulo, ele provou todo o seu valor. Durante 12 anos e dez meses, Poy encantou a torcida tricolor com seu talento, fechando o gol são-paulino e levando o clube aos títulos paulistas de 1953 e 1957. Na votação do LANCE!, ele derrotou nomes de peso, como King, Valdir Peres, Gilmar e Zetti. Poy também marcou a história do clube como treinador, em sete ocasiões, entre 1964 e 1982, menos apenas que as 12 vezes de Vicente Feola.



17 votos

OUTROS MAIS VOTADOS

- **Valdir Peres: 6 votos**
- **Zetti: 5 votos**
- **King e Rogério: 1 voto**

QUEM FOI ELE

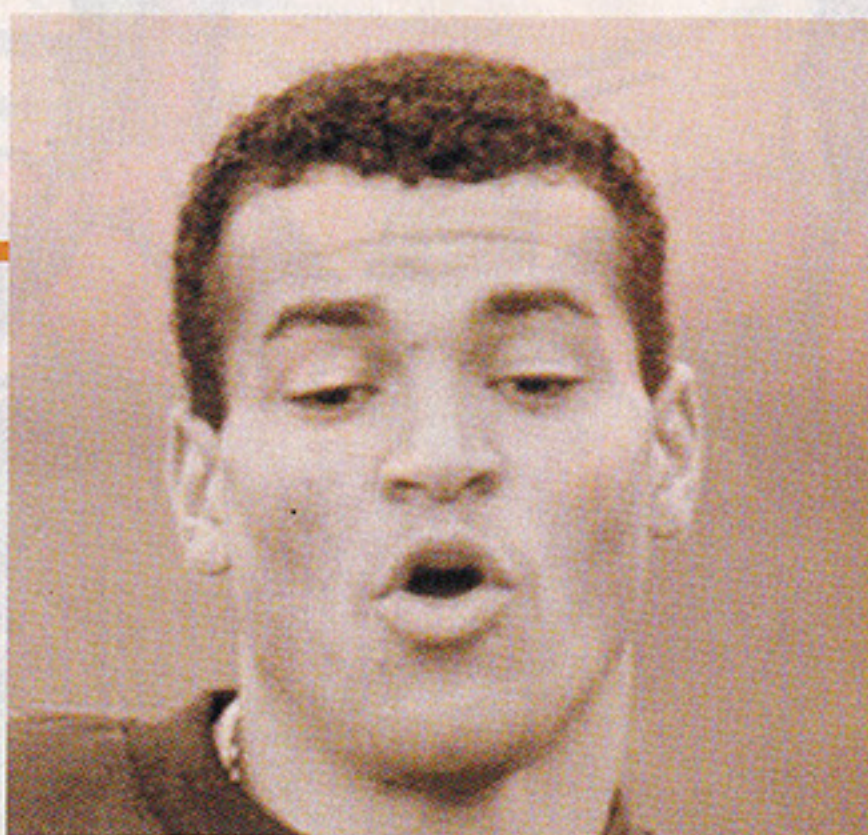
- **Nome:** José Poy
- **Nascimento e morte:** 16/4/1926 - 8/2/1996
- **Local:** Rosario (Argentina)
- **Quando jogou:** 15 anos (1948-1963)
- **Títulos no clube:** Campeonato Paulista (49, 53 e 57) como jogador e (75) como técnico
- **Outro clube:** Rosario Central (Argentina)
- **Características:** Goleiro que mostrava muita regularidade e segurança, principalmente nas saídas de gol, Poy é o recordista de jogos com a camisa do São Paulo, com 565 apresentações.

CAFU

A escolha do maior lateral-direito da história do Tricolor foi uma das mais acirradas na votação.

Com apenas dois votos de diferença, o polivalente Cafu superou o eficiente marcador De Sordi, que brilhou com a camisa do São Paulo durante a década de 50.

O estilo de jogo mais ofensivo e o currículo maior de conquistas acabaram fazendo com que os são-paulinos optassem pela escolha de Cafu. O lateral, que jogou pelo São Paulo no início dos anos 90, participou do momento mais marcante da história do clube e foi um dos maiores destaques dessa fase.



14 votos

OUTROS MAIS VOTADOS

- **De Sordi: 12 votos**
- **Forlan: 2 votos**

QUEM É ELE

- **Nome:** Marcos Evangelista de Moraes
- **Idade:** 29 anos (16/6/70)
- **Local:** São Paulo (SP)
- **Quando jogou:** 6 temporadas (1989-1994)
- **Títulos no clube:** Campeonato Paulista (89, 91 e 92), Brasileiro (91), Recopa Sul-americana (93/94), Supercopa (93), Libertadores (92 e 93) e Mundial (92 e 93)
- **Outros clubes:** Zaragoza, da Espanha, Juventude-RS, Palmeiras e Roma, da Itália
- **Características:** Lateral-direito com um excelente preparo físico e grande técnica.

Clássicos, técnicos e vencedores. Assim eram os zagueiros **MAURO** e **DARÍO PEREYRA**, craques que formam a melhor zaga são-paulina

A MAURO

Nada mais fácil que escolher Mauro Ramos de Oliveira como o melhor zagueiro são-paulino de todos os tempos. Bicampeão mundial pela Seleção Brasileira, Mauro foi o mais votado de todos. Defendeu a zaga tricolor durante 12 anos, sucedendo outro grande nome, Renganeschi. Campeão paulista em 1948, 1949, 1953 e 1957, Mauro foi vendido ao Santos em 1960, onde continuaria sua trajetória gloriosa no futebol. Depois que parou de jogar, o capitão da Seleção bi mundial em 62 tentou a sorte durante algum tempo como treinador, mas em seguida se afastou de vez.

22 votos



OUTRO MAIS VOTADO

■ **Oscar: 8 votos**

QUEM É ELE

- **Nome:** Mauro Ramos de Oliveira
- **Nascimento:** 30/8/1930
- **Local:** Poços de Caldas (MG)
- **Quando jogou:** 13 temporadas (1948-1960)
- **Títulos no clube:** Campeonato Paulista (48, 49, 53 e 57)
- **Outro clube:** Santos
- **Características:** Titular do São Paulo em todo o tempo que passou no clube, Mauro sempre mostrou muita classe, técnica e elegância, mesmo atuando como zagueiro. Fez 519 jogos pelo Tricolor e encantou a torcida com seus desarmes perfeitos.

DARÍO PEREYRA

Brilhante zagueiro do Tricolor no final da década de 70 e durante boa parte dos anos 80, o uruguaio Darío Pereyra dificilmente deixará de ser lembrado pelos são-paulinos.

Bicampeão brasileiro e quatro vezes paulista, o jogador formou uma das maiores duplas de zaga do clube com Oscar. Jogando sempre com muita seriedade, raça, força e também técnica, Darío foi escolhido até por ele mesmo na votação tricolor.

Além de jogador, Darío ainda demonstrou seu talento como técnico do São Paulo. Primeiro, com as equipes juvenis, depois, com os profissionais.



17 votos

OUTROS MAIS VOTADOS

■ **Renganeschi: 2 votos**

■ **Ronaldo: 1 voto**

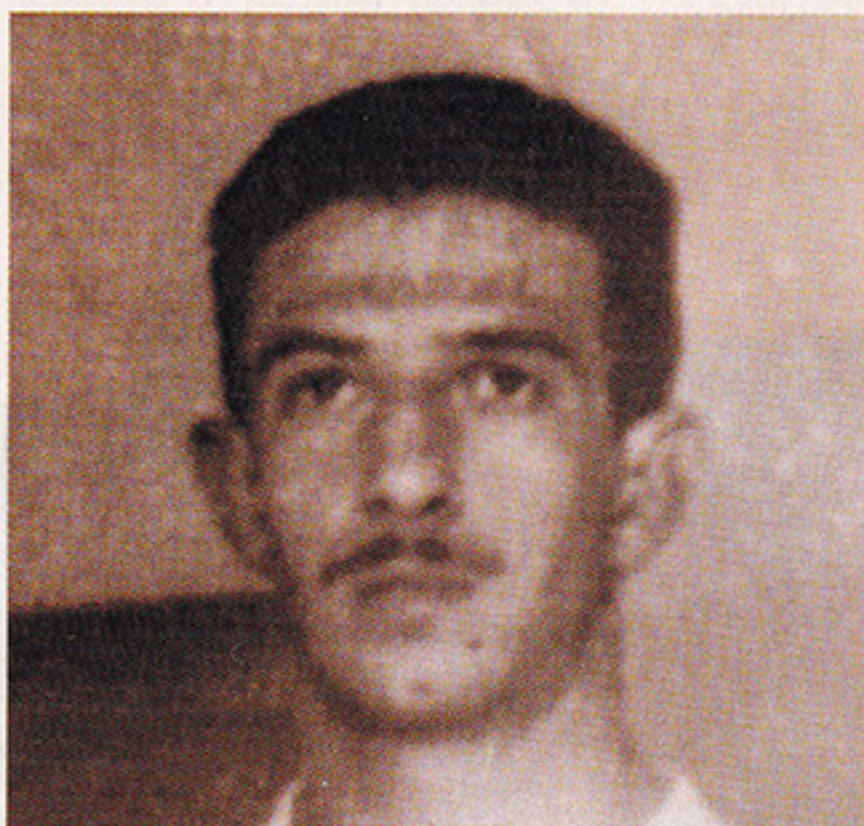
QUEM É ELE

- **Nome:** Darío Alfonso Bueno Pereyra
- **Nascimento:** 19/10/1956
- **Local:** Sauce (Uruguai)
- **Quando jogou:** 12 temporadas (1977-1988)
- **Títulos no clube:** Campeonato Paulista (80, 81, 85 e 87) e Brasileiro (77 e 86)
- **Outros clubes:** Nacional, do Uruguai, Palmeiras, Flamengo e Matsushita, do Japão
- **Características:** Começou jogando como volante no São Paulo, mas logo transformou-se em zagueiro. Darío era técnico, raçudo e ótimo na marcação.

Integrantes do famoso trio da década de 40, junto com Rui, **NORONHA** e **BAUER** superaram muitos craques mais recentes

NORONHA

Rui, Bauer e Noronha foi o trio de meio-campo mais famoso da história do São Paulo. Talvez, o mais famoso da história do futebol brasileiro. Não é à toa. Foi com esses três que o clube conseguiu o único título invicto de sua história, em 1946. Foram 17 vitórias e 3 empates. Em 20 jogos, apenas 20 gols foram sofridos, um feito difícil numa época em que a média de gols era elevada. A linha média do São Paulo era tão boa que foi mantida até 1950, e os três foram convocados para a Seleção Brasileira que disputou a Copa de 50. Noronha era o mais velho dos três.



14 votos

OUTROS MAIS VOTADOS

- **Serginho: 9 votos**
- **Leonardo: 5 votos**
- **M. Chagas e Nelsinho: 1 voto**

QUEM É ELE

- **Nome:** Alfredo Eduardo Ribeiro Mena Barreto de Freitas Noronha
- **Nascimento:** 25/9/1918
- **Local:** Porto Alegre (RS)
- **Quando jogou:** 10 anos (1942-1951)
- **Títulos no clube:** Campeonato Paulista (43, 45, 46, 48 e 49)
- **Outros clubes:** Internacional, Vasco e Portuguesa
- **Características:** Apesar de não ser muito habilidoso, Noronha se destacou pela regularidade. Excelente marcador e muito leal, o lateral-esquerdo disputou 319 jogos pelo São Paulo.

BAUER

Jogador formado nas categorias de base do clube, o volante e também zagueiro Bauer foi escolhido com méritos para a posição de melhor cabeça-de-área da história Tricolor.

Cinco vezes campeão paulista e com mais de 400 jogos com a camisa do São Paulo, o jogador superou grandes ídolos como o clássico Roberto Dias e o craque Dino Sani.

Bauer, jogador de muita técnica e raça, formou a famosa linha de defesa com Rui e Noronha nos anos 50. Com seu estilo elegante, atípico de um jogador de marcação, Bauer conquistou seu espaço no time dos sonhos Tricolor.



16 votos

OUTROS MAIS VOTADOS

- **R. Dias: 10 votos**
- **Dino Sani: 6 votos**
- **Rui: 5 votos**

QUEM É ELE

- **Nome:** José Carlos Bauer
- **Nascimento:** 21/11/1925
- **Local:** São Paulo (SP)
- **Quando jogou:** 14 temporadas (1944-1957)
- **Títulos no clube:** Campeonato Paulista (45, 46, 48, 49 e 53)
- **Outros clubes:** Portuguesa, São Bento-SP e Botafogo
- **Características:** Zagueiro e volante, Bauer esbanjou categoria durante sua longa passagem pelo São Paulo. De estilo clássico e inteligente, era capaz de ir bem atrás e também de sair jogando. Fez 419 partidas pelo Tricolor e marcou 16 gols.

Dois meias talentosos e líderes, o uruguaio **PEDRO ROCHA** e o ídolo **RAÍ**, constituem o fantástico meio-campo do maior Tricolor do século

PEDRO ROCHA

Quando Pedro Rocha chegou ao São Paulo, após a Copa de 1970, já era uma celebridade internacional do futebol.

Como comandante do Peñarol, de Montevideu, Rocha derrotou até o Santos de Pelé, na épica semifinal da Libertadores de 1965. Na seleção uruguaia, por pouco não levou a Celeste à final da Copa de 70, mas teve o azar de cruzar o Brasil do mesmo Pelé na semifinal. Brasil 3 x 1.

No São Paulo, Pedro Rocha não teve dificuldade para se tornar ídolo, também, envergando com classe a camisa 10 de 71 a 77, conquistando os títulos paulistas de 71, e 75.

16 votos



OUTROS MAIS VOTADOS

- **Gérson: 12 votos**
- **Sastre: 5 votos**
- **Remo: 2 votos**

QUEM É ELE

- **Nome:** Pedro Virgílio Rocha Franchetti
- **Nascimento:** 3/12/43
- **Local:** Salto (Uruguai)
- **Quando jogou:** 8 temporadas (1970-1978)
- **Títulos no clube:** Campeonato Paulista (71 e 75) e Brasileiro (77)
- **Outros clubes:** Peñarol, do Uruguai, Coritiba, Toros Neza, do México, e Palmeiras
- **Características:** Grande armador do São Paulo nos anos 70, Pedro Rocha era inteligente em campo, líder e também goleador. Fez 393 jogos e 109 gols pelo Tricolor.

RAÍ

Revelado no Botafogo de Ribeirão Preto, como o irmão Sócrates, Raí chegou ao São Paulo como esperança de novo ídolo, e não decepcionou. Campeão paulista em 89 pela primeira vez, consagrou-se em 91, quando marcou os três gols da primeira partida decisiva do Paulistão de 91, contra o Corinthians. Em 92, sua glória aumentaria ainda mais, com os dois gols que deram o título mundial ao clube. Vendido ao Paris Saint-Germain, onde se tornaria um verdadeiro deus, Raí ainda não tinha escrito seu último capítulo no São Paulo. Voltou em 1998, para dar o título paulista ao Tricolor.



16 votos

OUTROS MAIS VOTADOS

- **Zizinho: 9 votos**
- **Pita: 3 votos**
- **Juninho: 1 voto**

QUEM É ELE

- **Nome:** Raí Souza Vieira de Oliveira
- **Nascimento:** 15/5/65
- **Local:** Ribeirão Preto (SP)
- **Quando jogou:** 8 temporadas (1987-1993 e 1998-1999)
- **Títulos no clube:** Campeonato Paulista (87, 89, 91, 92 e 98), Brasileiro (91), Libertadores (92 e 93) e Mundial (92)
- **Outros clubes:** Botafogo-SP, Ponte Preta e Paris Saint-Germain, da França
- **Características:** Meia de técnica requintada e de ótima finalização, Raí se tornou ídolo e comandante da equipe do São Paulo.

No ataque dos sonhos do São Paulo estão **MÜLLER**, o maior ganhador de títulos do clube, e **LEÔNIDAS**, o inesquecível craque da década de 40

MÜLLER

Desde que estreou no São Paulo como um dos Menudos da equipe do técnico Cilinho, Müller começou a ganhar fama e projeção no São Paulo. Atacante de rara habilidade e capaz de deixar os companheiros na cara do gol com um simples toque, Müller acabou superando o antigo ídolo Luisinho e ficando com uma das vagas no melhor ataque da história do São Paulo.

Com mais de 150 gols com a camisa do Tricolor, Müller é o jogador com o maior número de títulos na história do clube, com 13 conquistas. Entre elas, as duas Libertadores e os dois Mundiais Interclubes.



12 votos

OUTROS MAIS VOTADOS

- **Luisinho: 7 votos**
- **Maurinho: 4 votos**
- **Amauri: 1 voto**

QUEM É ELE

- **Nome:** Luís Antônio Corrêa da Costa
- **Nascimento:** 31/1/1966
- **Local:** Campo Grande (MS)
- **Quando jogou:** 9 anos (1984-1988, 1991-1994 e 1996)
- **Títulos no clube:** Campeonato Paulista (85, 87, 91 e 92), Brasileiro (86 e 91), Recopa Sul-americano (93 e 94), Supercopa (93), Libertadores (92 e 93) e Mundial (92 e 93)
- **Outros clubes:** Torino, da Itália, Kashiwa Reysol, do Japão, Palmeiras, Perugia, da Itália, Santos e Cruzeiro
- **Características:** Habilidoso, artilheiro e com estrela.

LEÔNIDAS

Um dos maiores nomes do futebol brasileiro em todos os tempos, Leônidas chegou ao São Paulo já veterano, em 1942. Isso não o impediu de mostrar todo o seu talento no Tricolor, nas campanhas vitoriosas dos Paulistões de 43, 45, 46, 48 e 49. Uma época de ouro do clube e uma vingança pessoal para ele, que saíra quase escoraçado do Flamengo por querelas com dirigentes. No futebol paulista, Leônidas mostrou que não estava acabado. Ele ainda treinou o São Paulo em três ocasiões, entre 1951 e 1955, mas seu estilo linha-dura Não deu muito certo. Virou comentarista.



14 votos

OUTROS MAIS VOTADOS

- **Careca: 10 votos**
- **Serginho: 5 votos**
- **T.Guerreiro: 3 votos**

QUEM É ELE

- **Nome:** Leônidas da Silva
- **Nascimento:** 6/9/1913
- **Local:** Rio de Janeiro (RJ)
- **Quando jogou:** 8 temporadas (1942-1949)
- **Títulos no clube:** Campeonato Paulista (43, 45, 46, 48 e 49)
- **Outros clubes:** São Cristóvão, Bonsucesso, Vasco, Botafogo, Flamengo e Peñarol, do Uruguai
- **Características:** Um dos maiores centroavantes do futebol brasileiro, o Diamante Negro era ligeiro, habilidoso e criativo. Considerado como o pai da "bicicleta", fez 143 gols pelo Tricolor.

Para completar o ataque, na ponta-esquerda está **CANHOTEIRO**. Já no comando do supertime está o supercampeão **TELÊ SANTANA**

CANHOTEIRO

Para muitos, foi o Garrincha da ponta-esquerda, que só não teve mais oportunidades na Seleção Brasileira por jogar no futebol paulista. O maranhense Canhoto também não teve a sorte de viver na época do videoteipe, o que faz com que a maioria dos torcedores são-paulinos de hoje não o tenha visto jogar. Mas isso não foi suficiente para tirá-lo da lista dos 11 maiores jogadores da história do clube, deixando para trás pontas importantes, como Zé Sérgio e Teixeira. Apenas Mauro teve mais votos. De 54 a 63, com seus malabarismos, Canhoto foi ídolo da torcida são-paulina.

21 votos



OUTROS MAIS VOTADOS

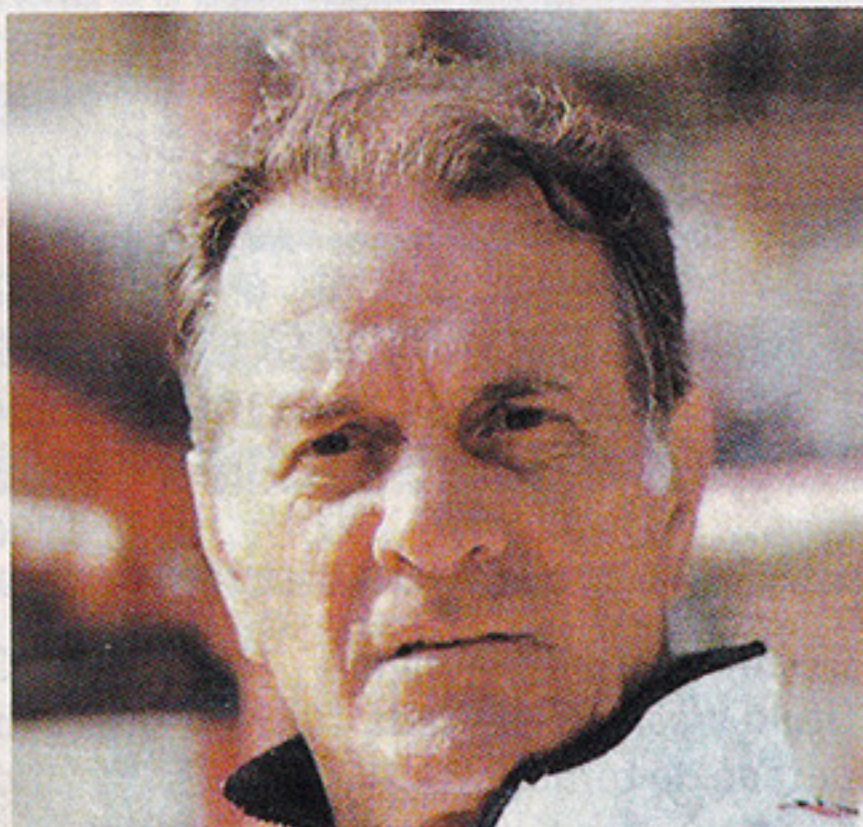
- Denílson: 3 votos
- Zé Sérgio: 2 votos
- Teixeira: 1 voto

QUEM FOI ELE

- **Nome:** José Ribamar de Oliveira
- **Nascimento e morte:** 24/9/1932 - 16/8/1974
- **Local de nascimento:** Coroatá (MA)
- **Quando jogou:** 8 anos (1955-1963)
- **Títulos no clube:** Campeonato Paulista (57)
- **Características:** Ponta-esquerda driblador e que gostava de dar espetáculos. Canhoto era capaz de fintar seus adversários em espaços mínimos em campo. Em 415 jogos, marcou 102 vezes.

TELÊ SANTANA

Que concorrência Telê teve que superar para ser o maior treinador da história do São Paulo! Basta citar o nome de Vicente Feola, que treinou o time em 12 ocasiões e foi a eminência parda do clube nos anos 50 e 60, para entender a importância do feito de Telê. E no entanto a escolha é indiscutível. Foi ele quem levou o clube a suas maiores conquistas, o bicampeonato sul-americano e mundial em 92/93. Para um técnico que até então tinha fama de pé-frio, por ter poucos títulos no currículo, foi uma revanche saborosa. Telê estabeleceu um recorde de longevidade no comando, cinco anos.



23 votos

OUTROS MAIS VOTADOS

- Vicente Feola: 3 votos
- Bela Gutman, José Poy e Zezé Moreira: 1 voto

QUEM É ELE

- **Nome:** Telê Santana
- **Nascimento:** 26/7/1931
- **Local:** Itabirito (MG)
- **Quando treinou:** 6 temporadas (1990-1995)
- **Títulos no clube:** Campeonato Paulista (91 e 92), Brasileiro (91), Recopa Sul-americana (93 e 94), Supercopa (93), Libertadores (92 e 93) e Mundial (92 e 93)
- **Outros clubes como técnico:** Fluminense, Atlético-MG, Grêmio, Flamengo e Palmeiras, entre outros
- **Características:** Treinador que prestigiava o futebol-arte e conquistador de títulos.

Todas as campanhas do São Paulo

2

títulos

Mundiais, o São Paulo conquistou na década de 90

2

títulos

da Libertadores foram vencidos pelo Tricolor

8

títulos

Paulistas, desde 1980 foram para o Morumbi

J V E D GP GC CO

Campeonato Brasileiro

1971	27	10	10	7	26	23	2º
1972	28	13	6	9	49	32	9º
1973	40	17	18	5	46	22	2º
1974	24	8	13	3	25	15	10º
1975	28	11	14	3	35	21	5º
1976	13	4	4	5	15	13	28º
1977	21	13	4	4	40	15	1º
1978	26	10	8	8	42	25	19º
1980	18	8	8	2	36	22	9º
1981	23	13	6	4	32	15	2º
1982	18	11	1	6	43	23	6º
1983	22	13	5	4	47	17	5º
1984	14	6	6	2	23	14	17º
1985	20	7	6	7	36	39	27º
1986	34	17	13	4	62	22	1º
1987	15	7	3	5	21	12	6º
1988	23	9	8	6	21	18	11º
1989	19	7	9	3	25	16	2º
1990	25	10	7	8	24	18	2º
1991	23	12	7	4	28	15	1º
1992	25	10	7	8	28	23	6º
1993	20	9	8	3	27	17	4º
1994	27	12	8	7	42	35	6º
1995	23	9	6	8	26	23	12º
1996	23	9	8	6	39	32	11º
1997	25	8	9	8	41	32	13º
1998	23	8	3	12	34	35	15º

Copa do Brasil

1990	6	3	2	1	5	3	6º
1993	6	2	2	2	11	10	8º
1995	7	3	3	1	13	6	6º
1996	3	2	1	0	7	3	10º
1997	4	2	1	1	8	6	13º
1998	6	3	2	1	12	5	5º

■ O São Paulo conseguiu um título brasileiro em cada década do torneio

J V E D GP GC CO

Rio-São Paulo

1933	22	15	2	5	69	31	2º
1950	7	2	1	4	18	23	6º
1951	7	0	2	5	8	18	8º
1952	9	3	2	4	15	18	7º
1953	9	4	2	3	12	9	3º
1954	9	4	2	3	10	11	4º
1955	9	2	2	5	11	16	9º
1957	9	3	2	4	14	12	7º
1958	9	4	2	3	28	19	4º
1959	9	4	2	3	23	22	5º
1960	9	2	3	4	11	19	7º
1961	9	2	3	4	12	16	8º
1962	6	2	3	1	9	7	2º
1963	9	3	2	4	11	16	8º
1964	9	1	2	6	8	21	10º
1965	16	7	2	7	32	33	2º
1966	9	5	0	4	14	11	5º
1997	4	0	2	2	4	7	4º
1998	10	2	5	3	14	15	2º
1999	8	5	1	2	12	9	3º

Libertadores

1972	10	4	4	2	14	9	SF
1974	13	8	3	2	25	9	2º
1978	6	1	3	2	7	5	1F
1982	6	2	2	2	6	6	1F
1987	6	1	2	3	9	13	1F
1992	14	8	3	3	20	9	1º
1993	8	4	2	2	13	6	1º
1994	8	4	2	2	10	8	2º

Supercopa

1992	4	1	1	2	6	6	4
1993	8	3	4	1	12	9	1º
1994	6	3	1	2	9	6	SF
1995	6	4	0	2	7	7	4
1996	2	1	0	1	3	3	1F

■ O time conquistou o bicampeonato da Libertadores consecutivamente

O São Paulo é o clube com **MAIS DECISÕES** de Campeonato Brasileiro na história: foram **OITO**, com três conquistas

Acompanhe o desempenho do Tricolor nos torneios

	J	V	E	D	GP	GC	CO
Supercopa							
1997	10	4	3	3	19	12	2°
Recopa							
1992	2	0	2	0	0	0	1°
1993	1	1	0	0	3	1	1°
Mundial							
1992	1	1	0	0	2	1	1°
1993	1	1	0	0	3	2	1°
Conmebol							
1994	8	3	3	2	15	11	1°
Mercosul							
1998	6	2	1	3	8	12	1F
Robertão							
1967	14	3	7	4	18	13	10°
1968	16	4	6	6	23	24	11°
1969	16	4	4	8	22	27	15°
1970	16	3	5	8	14	20	14°
Paulista							
1930	26	16	9	1	77	27	2°
1931	26	20	5	1	92	31	1°*
1932	11	8	1	2	33	12	2°
1933	14	11	1	2	62	16	2°
1934	14	10	3	1	34	12	2°
1936	20	7	2	11	29	37	8°
1937	9	4	0	5	8	11	7°
1938	10	6	2	2	30	13	2°
1939	20	10	1	9	38	28	5°
1940	20	9	1	10	42	41	6°
1941	20	13	5	2	55	32	2°
1942	20	15	2	3	77	28	3°
1943	20	15	3	2	63	22	1°
1944	20	13	3	4	69	32	2°
1945	20	17	2	1	70	20	1°
1946	20	17	3	0	62	20	1°
1947	20	8	9	3	48	27	4°
1948	20	16	2	2	54	19	1°

■ O time conseguiu o seu primeiro título paulista em seu 2° ano de disputa

	J	V	E	D	GP	GC	CO
Paulista							
1949	22	16	4	2	70	23	1°
1950	22	13	5	4	54	26	2°
1951	28	17	3	8	46	34	4°
1952	30	21	4	5	66	31	2°
1953	28	24	2	2	70	21	1°
1954	26	15	5	6	46	29	3°
1955	26	16	6	4	72	37	3°
1956	19	13	4	2	58	25	2°
1957	18	13	4	1	53	24	1°
1958	38	25	10	3	93	39	2°
1959	38	22	9	7	79	38	3°
1960	34	13	11	10	74	54	8°
1961	30	18	5	7	73	40	3°
1962	30	19	5	6	66	36	3°
1963	30	18	8	4	56	26	2°
1964	30	12	9	9	51	40	5°
1965	30	13	7	10	52	32	5°
1966	28	12	10	6	45	35	5°
1967	27	16	9	2	54	17	2°
1968	26	11	6	9	39	36	4°
1969	29	17	3	9	47	32	3°
1970	18	12	3	3	29	15	1°
1971	22	17	2	3	39	17	1°
1972	22	14	8	0	32	7	2°
1973	22	6	9	7	22	20	8°
1974	26	12	10	4	28	15	4°
1975	35	26	7	2	60	16	1°
1976	28	12	10	6	39	16	3°
1977	46	23	13	10	73	36	3°
1978	51	23	16	13	59	48	2°
1979	43	16	15	12	46	37	7°
1980	44	22	13	9	55	33	1°
1981	56	28	12	16	82	45	1°
1982	40	23	9	8	64	36	2°
1983	48	16	18	6	70	39	2°

■ O tricolor ficou de 1957 a 1970 sem ser campeão paulista

	J	V	E	D	GP	GC	CO
Paulista							
1984	38	20	13	5	52	23	3°
1985	42	23	12	7	72	29	1°
1986	38	11	20	7	50	36	7°
1987	42	17	18	7	61	42	1°
1988	25	13	6	6	43	26	3°
1989	29	14	11	4	37	16	1°
1990	23	8	7	8	22	17	16°
1991	34	21	12	1	66	27	1°
1992	34	21	9	4	63	29	1°
1993	36	20	7	9	67	30	3°
1994	30	16	9	5	66	38	2°
1995	36	17	10	9	51	35	5°
1996	30	16	7	7	54	35	2°
1997	26	12	11	3	56	28	2°
1998	14	11	1	2	40	15	1°

Legendas

J - jogos E - empate GC - gols contra
D - derrotas GP - gols pró CO - colocação
V - vitórias

SE Semifinalista

8 Oitavas

1F 1ª Fase

4 Quartas

140
campeonatos

29
títulos

* Como São Paulo da Floresta.
12 dos 29 títulos do São Paulo foram vencidos na década de 90

Todos os campeões

5
títulos
do ponta-esquerda
Teixeirinha

12
títulos
títulos oficiais para Müller, o
maior recordista do time

24
gols
de Serginho, o maior
artilheiro do São Paulo

Campeonato Paulista

1931*

Joãozinho, Clodoaldo e Bartô; Milton, Bino e Sasso; Luizinho, Armandinho, Friedenreich, Araken e Junqueira

1943

King, Piolim e Virgílio; Zezé Procópio, Zarzur e Noronha; Luizinho, Sastre, Leônidas da Silva, Remo e Pardal

1945

Gijo, Piolim e Renganeschi; Rui, Bauer e Noronha; Luizinho, Sastre, Leônidas da Silva, Remo e Teixeira

1946

Gijo, Savério e Renganeschi; Rui, Bauer e Noronha; Luizinho, Lelé (Ponce de León), Leônidas da Silva, Remo e Teixeira

1948

Mário; Savério e Mauro; Rui, Bauer e Noronha; China, Ponce de León, Leônidas da Silva, Remo e Teixeira

1949

Mário; Savério e Mauro; Rui, Bauer e Noronha; Friaça, Ponce de León, Leônidas da Silva, Remo e Teixeira

1953

Poy, De Sordi e Mauro; Pé de Valsa, Bauer e Alfredo; Maurinho, Albella, Gino, Negri e Teixeira

1957

Poy, De Sordi e Mauro; Dino Sani (Sará),

Vitor e Riberto; Maurinho, Amauri, Gino, Zizinho e Canhoto

1970

Sérgio; Forlan, Jurandir, Dias e Gilberto; Édson e Gérson; Paulo, Terto, Toninho Guerreiro e Paraná

1971

Sérgio; Forlan, Jurandir, Arlindo e Gilberto; Édson e Gérson; Terto, Pedro Rocha, Toninho Guerreiro e Paraná

1975

Valdir Peres; Néelson, Paranhos, Samuel e Gilberto; Chicão, Pedro Rocha e Terto; Muricy, Serginho e Zé Carlos

1980

Valdir Peres; Getúlio, Oscar, Darío Pereyra e Airton; Almir, Heriberto e Renato; Paulo César, Serginho e Zé Sérgio

1981

Valdir Peres; Getúlio, Oscar, Darío Pereyra e Marinho Chagas; Almir, Heriberto e Renato; Paulo César, Serginho e Mário Sérgio

1985

Gilmar; Zé Teodoro, Oscar, Darío Pereyra e Nelsinho; Márcio Araújo (Falcão), Silas e Pita; Müller, Careca e Sidney

1987

Gilmar; Zé Teodoro, Adílson, Darío Pereyra e Nelsinho; Bernardo, Silas e Pita; Müller, Lê e Edivaldo

Com **19 TÍTULOS PAULISTAS** desde 1930, se contado o do São Paulo da Floresta, o clube tem a **MELHOR MÉDIA** histórica

O time-base do São Paulo em cada conquista

ARTELANCEI

1989

Gilmar; Zé Teodoro, Adílson, Ricardo Rocha e Nelsinho; Vizolli, Bobô e Raí; Mário Tilico, Ney e Edivaldo

1991

Zetti; Cafu, Antônio Carlos, Ricardo Rocha e Nelsinho; Sidnei, Suélio e Raí; Müller, Macedo e Elivélton

1992

Zetti; Vítor, Adílson, Ronaldo e Ronaldo Luís; Pintado, Cerezo, Cafu e Raí; Müller e Palhinha

1998

Rogério; Zé Carlos, Capitão, Márcio Santos e Serginho; Alexandre, Fabiano, Carlos Miguel e Denílson; Dodô (Raí) e França

Mundial Interclubes

1992

Zetti; Vítor, Adílson, Ronaldo e Ronaldo Luís; Pintado, Cerezo, Cafu e Raí; Müller e Palhinha

1993

Zetti; Cafu, Válber, Ronaldo e André; Dinho, Doriva, Cerezo e Leonardo; Müller e Palhinha

Libertadores

1992

Zetti; Cafu, Adílson, Ronaldo e Ronaldo Luís; Pintado, Cerezo, Palhinha e Raí; Müller e Elivélton

1993

Zetti; Vítor, Gilmar, Ronaldo e Ronaldo Luís; Pintado, Cerezo, Cafu e Raí; Müller e Palhinha

Campeonatos Brasileiros

1977

Valdir Peres; Getúlio, Tecão, Bezerra e Antenor; Chicão, Teodoro e Dário Pereyra; Viana, Serginho e Zé Sérgio

1986

Gilmar; Fonseca, Wágner Basílio, Dário Pereyra e Nelsinho; Bernardo, Pita e Silas; Müller, Careca e Sidney

1991

Zetti; Cafu, Antônio Carlos, Ricardo Rocha e Leonardo; Ronaldo, Bernardo e Raí; Müller, Macedo e Elivélton

Supercopa dos Campeões

1993

Zetti; Cafu, Válber, Ronaldo e André; Dinho, Doriva, Cerezo e Leonardo; Müller e Palhinha

Conmebol

1994

Rogério; Pavão, Néelson, Bordon e Ronaldo Luís; Vítor, Mona, Pereira, Juninho (Murilo) e Denílson (Danilo); Caio

Recopa Sul-Americana

1993

Zetti, Cafu, Válber, Ronaldo e André; Dinho, Toninho Cerezo, Palhinha e Leonardo; Valdeir e Müller

1994

Zetti, Vítor, Válber, Júnior Baiano e André; Doriva, Cafu (Axel), Palhinha (Juninho) e Leonardo; Euller e Guilherme

*como São Paulo da Floresta

10 títulos
oficiais foram conquistados pelo treinador Telê Santana na década de 90

5 títulos
para Leônidas da Silva, o "Homem Borracha" dos anos 40

O VOTO DOS ESPECIALISTAS

No esquadrão dos sonhos do Tricolor, o zagueiro **MAURO**

foi o jogador mais votado. Porém, quem mais recebeu votos foi o técnico **TELÊ SANTANA**, com 23 indicações

Agnelo Di Lorenzo

Quem é: historiador

Time: Poy, De Sordi, Mauro, Bauer e Rui; Noronha, Remo e Sastre; Luisinho, Leônidas e Teixeira. Técnico: Telê Santana

Alberto Helena Júnior

Quem é: jornalista

Time: Poy, Cafu, Mauro, Dário Pereyra e Noronha; Bauer, Pedro Rocha e Rai; Müller, Leônidas e Canhotoiro. Técnico: Telê Santana

Aurélio Miguel

Quem é: judoca

Time: Valdir Peres, Cafu, Oscar, Dário Pereyra e Leonardo; Gérson, Pedro Rocha e Rai; Müller, Careca e Zé Sérgio. Técnico: Telê Santana

Carlos Cabloco

Quem é: ex-diretor de futebol

Time: Poy, De Sordi e Mauro; Alfredo, Noronha e Riberto; Maurinho, Zizinho, Gérson, Toninho Guerreiro e Canhotoiro. Técnico: Telê Santana

Carlos Miguel Aida

Quem é: ex-presidente do São Paulo

Time: Poy, De Sordi, Oscar, Dário Pereyra e Serginho; Bauer, Gérson e Zizinho; Maurinho, Serginho e Canhotoiro. Técnico: Telê Santana

Cássio Gabus Mendes

Quem é: ator

Time: Zetti, De Sordi, Mauro, Dário Pereyra e Leonardo; Bauer e Pedro Rocha; Sastre, Leônidas, Rai e Canhotoiro. Técnico: Telê Santana

Dário Pereyra

Quem é: ex-jogador e técnico

Time: Poy, Cafu, Oscar, Dário Pereyra e Serginho; Chicão, Pedro Rocha, Gérson e Rai; Leônidas e Careca. Técnico: Telê Santana

De Sordi

Quem é: ex-jogador

Time: Poy, Cafu, Mauro e Noronha; Dino Sani e Bauer; Luisinho, Sastre, Leônidas, Zizinho e Canhotoiro. Técnico: Vicente Feola

Eder Jofre

Quem é: ex-pugilista

Time: Poy, Cafu, Mauro, Bauer e Noronha; Dino Sani, Pedro Rocha e Gérson; Maurinho, Serginho e Canhotoiro. Técnico: Vicente Feola

Fernando Casal De Rey

Quem é: ex-presidente

Time: Zetti, Cafu, Mauro, Dário Pereyra e Leonardo; Dino Sani, Bauer, Pedro Rocha e Rai; Serginho e Canhotoiro. Técnico: Telê Santana

Fernando Meligeni

Quem é: tenista

Time: Zetti, Cafu, Oscar, Dário Pereyra e Nelsinho; Pintado, Leonardo, Pita e Rai; Müller e Careca. Técnico: Telê Santana

Gino Orlando

Quem é: ex-jogador

Time: Poy, De Sordi, Mauro e Ronaldo; Dino Sani, Juninho e Leonardo; Müller, Amauri, Rai e Canhotoiro. Técnico: Bella Gutmann

José A. Bastos Neto

Quem é: presidente do São Paulo

Time: Rogério, Cafu, Mauro, Dário Pereyra e Noronha; Bauer e Gérson; Müller, Zizinho, Leônidas e Canhotoiro. Técnico: Vicente Feola

José Maria de Aquino

Quem é: jornalista

Time: Poy, De Sordi e Mauro; Bauer, Dário Pereyra e Noronha; Pedro Rocha, Zizinho, Müller, Careca e Canhotoiro. Técnico: Telê Santana

José Sebastião Witter

Quem é: professor de história da USP

Time: Poy, De Sordi e Mauro; Bauer, Rui e Noronha; Ponce de Leon, Luisinho, Leônidas, Remo e Canhotoiro. Técnico: Telê Santana

Juca Chaves

Quem é: humorista

Time: Valdir Peres, Cafu, Mauro, Bauer e Dário Pereyra; Roberto Dias e Pedro Rocha; Zizinho, Rai, Leônidas e Canhotoiro. Técnico: Telê Santana

Juvenal Juvêncio

Quem é: ex-presidente

Time: King, De Sordi, Mauro e Bauer; Rui e Noronha; Luisinho, Müller, Leônidas, Sastre e Canhotoiro. Técnico: Telê Santana

Lima Duarte

Quem é: ator

Time: Poy, Cafu, Mauro, Renganeschi e Noronha; Rui, Rai e Zizinho; Luisinho, Leônidas e Canhotoiro. Técnico: Telê Santana

Marcelo Laguna

Quem é: jornalista

Time: Valdir Peres, Cafu, Oscar, Dário Pereyra e Serginho; Roberto Dias, Pedro Rocha e Rai; Müller, Careca e Serginho Chulapa. Técnico: Telê Santana

Mauro F. Castro

Quem é: diretor de futebol amador

Time: Valdir Peres, De Sordi, Mauro, Dário Pereyra e Serginho; Roberto Dias, Pedro Rocha, Gérson e Pita; Careca e Denilson. Técnico: Telê Santana

Mauro Nóbrega

Quem é: comentarista de rádio

Time: Poy, Cafu, Mauro, Roberto Dias e Serginho; Bauer, Gérson e Pedro Rocha; Müller, Toninho Guerreiro e Canhotoiro. Técnico: Telê Santana

Paulo Planet Buarque

Quem é: ex-jornalista

Time: Poy, De Sordi, Mauro e Noronha; Bauer e Rui; Luisinho, Rai, Leônidas, Gérson e Canhotoiro. Técnico: Telê Santana

Pedro H. B. de Toledo

Quem é: bicampeão mundial

Time: Zetti, Forlan, Oscar, Dário Pereyra e Serginho; Roberto Dias, Rai e Pedro Rocha; Müller, Careca e Denilson. Técnico: Telê Santana

Pedro Rocha

Quem é: ex-jogador

Time: Poy, Forlan, Mauro, Dário Pereyra e Serginho; Gérson, Roberto Dias e Rai; Careca, Toninho Guerreiro e Denilson. Técnico: José Poy

Pérsio Rainho

Quem é: ex-diretor de futebol

Time: Valdir Peres, De Sordi, Mauro, Dário Pereyra e Marinho Chagas; Dino Sani, Gérson e Zizinho; Maurinho, Serginho e Canhotoiro. Técnico: Zezé Moreira

Roger

Quem é: vocalista do Ultraje a Rigor

Time: Zetti, Forlan, Oscar, Dário Pereyra e Serginho; Chicão, Pedro Rocha, Pita; Müller, Careca e Zé Sérgio. Técnico: Telê Santana

Rubens Minelli

Quem é: diretor de futebol

Time: Poy, Mauro e Renganeschi; Bauer, Roberto Dias e Noronha; Rai, Zizinho, Leônidas, Gérson e Canhotoiro. Técnico: Telê Santana

Sérgio Baklanos

Quem é: jornalista

Time: Valdir Peres, Cafu, Mauro, Dário Pereyra e Noronha; Roberto Dias, Rai e Pedro Rocha; Luisinho, Leônidas e Canhotoiro. Técnico: Telê Santana

Sérgio Carvalho

Quem é: jornalista

Time: Poy, De Sordi, Mauro, Roberto Dias e Noronha; Bauer, Pedro Rocha e Sastre; Müller, Leônidas e Canhotoiro. Técnico: Telê Santana

Turíbio Leite de Barros

Quem é: fisiologista do São Paulo

Time: Poy, Cafu, Oscar, Roberto Dias e Serginho; Dino Sani, Chicão, Pedro Rocha e Rai; Careca e Canhotoiro. Técnico: Telê Santana

Hino do São Paulo

Canção improvisada caiu no gosto tricolor

■ O tenente Porfírio da Paz, são-paulino fanático, esteve para ser despejado de sua casa em 36. Nervoso, cantarolava

uma canção com o nome do São Paulo. Depois, mais calmo, pôs no papel a letra que virou o hino do oficial clube, em 42.

Letra de Porfírio da Paz

"Salve o Tricolor Paulista"

*Salve o tricolor paulista,
Amado clube brasileiro,
Tu és forte, tu és grande,
Dentre os grandes, o primeiro*

*Oh Tricolor,
Clube bem amado,
As tuas glórias
Vêm do passado*

*São teus guias brasileiros
Que te amam eternamente.
De São Paulo tens o nome
Que ostentas dignamente*

*Trazes glórias luminosas
Do Paulistano imortal,
Da Floresta também trazes
Um brilho tradicional*

*São Paulo, clube querido
Tu tens nosso amor
Teu nome e tuas glórias
Têm honra e resplendor*

O escudo

Criado com as cores da bandeira do estado de São Paulo e, coincidentemente, com as mesmas dos clubes que o originaram, o escudo do Tricolor permanece desde 1930 aproximadamente com a mesma forma (uma das poucas variações, ao longo do tempo, foi a presença de pontos depois de cada letra da sigla). Acima dele, as duas estrelas representam os dois títulos olímpicos de Adhemar Ferreira da Silva.



1956



1930



1900



1902

O mascote

Até hoje o São Paulo teve apenas um mascote que ficou marcado em sua história. Criada na década de 40 por um cartunista do jornal "A Gazeta Esportiva", a imagem do santo agrudou a todos os são-paulinos e permanece até hoje como mascote oficial do clube.



São Paulo: O verdadeiro morreu jovem, mas o símbolo é um velhinho de barba branca

O São Paulo tem **DUAS ESTRELAS** na bandeira do São Paulo, **HOMENAGEM** ao bi olímpico de Adhemar Ferreira da Silva

ADHEMAR E ÉDER, DOIS GRANDES ÍDOLOS

Para dar uma idéia do poderio do São Paulo no esporte amador, basta citar dois nomes: Adhemar Ferreira da Silva e Éder Jofre, dois dos maiores atletas brasileiros de todos os tempos, que começaram no São Paulo.

Adhemar foi o primeiro bicampeão olímpico brasileiro. Venceu a prova do salto triplo nos Jogos Olímpicos de Helsinque, em 1952, quando era atleta do São Paulo, e bateu o recorde mundial naquele dia. Em 1956, ele conquistaria sua segunda medalha de ouro, em Melbourne. Foi uma época de ouro para o atletismo no São Paulo. Outros grandes atletas brasileiros, como Melânia Luz, Vanda dos Santos, entre outros, defenderam a camisa tricolor. Mais recentemente, outro grande atleta são-paulino foi o fundista José João de Oliveira, vencedor da São Silvestre em 1980.

Como homenagem a Adhemar, a bandeira do São Paulo tem duas estrelas douradas sobre o escudo.

O Galo de Ouro tricolor

No boxe, o São Paulo foi o clube onde Éder Jofre deu seus primeiros passos como amador. O "Galo de Ouro" era do São Paulo quando disputou as



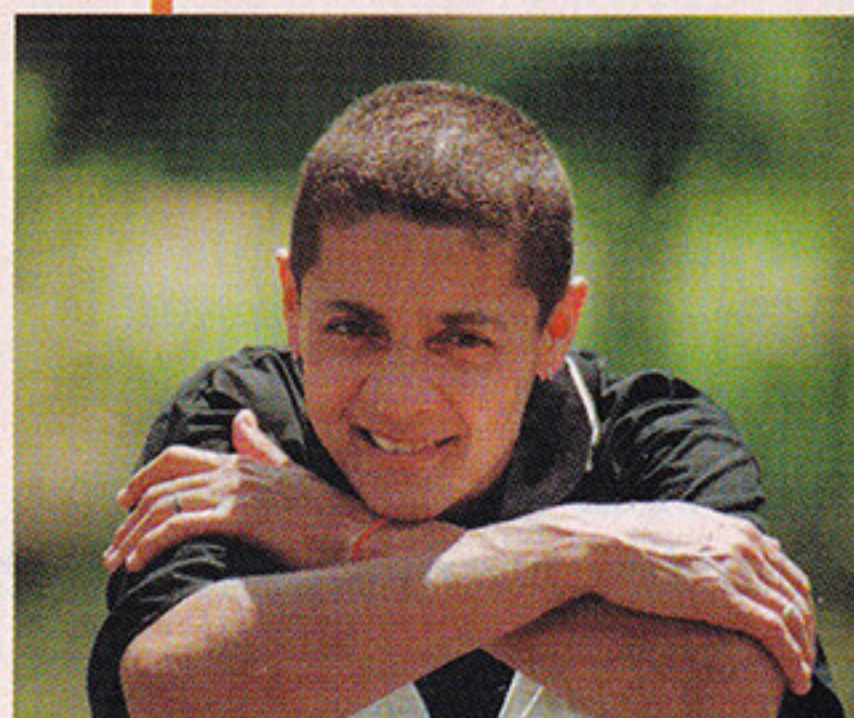
ARQUIVO ADHEMAR F. DA SILVA

Adhemar com o técnico Dietrich Gerner: recorde mundial



AGÊNCIA JB

Éder Jofre, um dos maiores pugilistas da história



NELSON COELHO

Sissi, ídolo do futebol feminino do São Paulo

Olimpíadas de Melbourne, em 1956 (foi eliminado nas quartas-de-final, o melhor resultado do boxe olímpico brasileiro até então). Logo depois se tornaria profissional e chegaria ao título mundial dos pesos-galos. Perdeu o título em 1965, mas em 1973 voltou a ser campeão do mundo, desta vez dos penas. É o único pugilista

brasileiro a conquistar duas vezes o título mundial.

Destaque em outros esportes

Além do atletismo e do bo-

xe, o São Paulo se destaca em outros esportes, como o futsal, no qual tem uma das equipes mais fortes de São Paulo.

No futebol feminino, o clube também se destaca no cenário nacional. Sissi, uma das primeiras "ídolas", tornou-se tão popular que, quando o time dos homens ia mal, a torcida gritava seu nome.

O São Paulo **ESTUDOU** nos anos 40 construir seu estádio onde hoje fica o **PARQUE DO IBIRAPUERA**, então um terreno pantanoso

UM GIGANTE ERGUIDO AOS POUCOS



DIVULGAÇÃO

De bairro pouco povoado, o Morumbi se tornou em poucos anos uma das áreas mais nobres da capital paulista. O estádio ganhou o nome do dirigente Cícero Pompeu de Toledo, que conseguiu o terreno

Nos primeiros anos de sua existência, o São Paulo utilizou o estádio da Floresta. Daí ser empregado o nome de "São Paulo da Floresta" ao falar do clube que existiu até 1934. Quando da refundação do São Paulo, em 1935, o clube ficou sem campo. Em 1940, passou a usar o Pacaembu. Com a compra do

Canindé, este passou a ser seu estádio em 1944. Mas era muito acanhado para a grandeza do time, e não tardaram os projetos para um estádio monumental.

Em 1951 o clube conseguiu adquirir um terreno no Morumbi, então um bairro quase desabitado. Parte do terreno foi doada pela prefeitura. Em

1952, foi lançada a pedra fundamental. O São Paulo construiu o estádio com calma, para não esgotar os poucos recursos do clube. Em 1960, veio a inauguração parcial. A definitiva só ocorreu em 1971, quando o Morumbi se tornou o "maior estádio particular do mundo". O projeto foi do arquiteto Vilanova Artigas.

MORUMBI

- **Nome:** Cícero Pompeu de Toledo
- **Endereço:** Pça. Roberto G. Pedrosa, s/nº, São Paulo (SP)
- **Inauguração:** 2/10/60, no jogo São Paulo 1 x 0 Sporting
- **Capacidade:** 80 mil pessoas
- **Recorde de público:** 138.032 no jogo Ponte Preta 2 x 1 Corinthians, dia 9/10/77

Um dos jogadores de maior **IDENTIFICAÇÃO** com a torcida,
Roberto Dias é **DESDE CRIANÇA** são-paulino roxo

ROBERTO DIAS, O ETERNO TRICOLOR

Quando eu era moleque, gostava muito de jogar bola. Não tinha um time de coração na época. Era apenas mais um torcedor de futebol. Como morava no bairro do Canindé, onde ficava o estádio do São Paulo, sempre tive uma tendência para ser tricolor.

Com 16 anos, um amigo meu, o Vadico, me levou para o clube para que eu fizesse um teste no amador do São Paulo. Fui lá, passei e logo entrei na equipe infantil. Começa aí a minha trajetória são-paulina, em 1959.

No ano seguinte, fui para o juvenil e também, repentinamente, para a Olimpíada de Roma, em 1960, como jogador da Seleção Brasileira, junto com Gérson e outros. Fomos eliminados, mas, quando voltei, subi para o time profissional do São Paulo, com apenas 17 anos.

A partir daí me identifiquei muito com o time, com a torci-



Amor à Camisa
ROBERTO DIAS

da, e fui criando uma enorme paixão pelo São Paulo. Nunca tive vontade de sair ou de deixar o clube. Tinha orgulho de jogar lá. Antigamente, os jogadores tinham que forçar a saída para se transferir a outra equipe. Eu nunca fiz isso. Gostava de tudo no meu tempo de jogador. Até o salário: eu aceitava sempre o que os dirigentes me ofereciam.

Titular, tanto como volante ou como zagueiro, eu cheguei ao auge da minha carreira em 1970, quando pude participar da conquista do título paulista, justamente o que quebrou um jejum de 13 anos.

Em 1971, tive um problema cardíaco e fiquei afastado por dois anos do futebol. Na minha volta, em 1973, ainda joguei mais um ano no São Pau-

lo. Com 30 anos, o clube me deu passe livre.

Fui então para o México, onde joguei três anos no Jalisco, de Guadalajara. Lá, fui treinado por Mauro Ramos de Oliveira, ex-zagueiro do São Paulo e grande amigo meu.

Em 1977 encerrei minha carreira de jogador e me tornei um típico são-paulino. Passei a acompanhar quase todos os jogos do time, na maioria das vezes pela TV ou pelo rádio. Esporadicamente vou ao estádio acompanhar o time. Gosto mais de ficar torcendo em casa. Mesmo assim, me considero um são-paulino fanático e que nunca vai largar essa paixão tricolor.

Em 1987, um médico, amigo meu, me indicou ao São Paulo para que eu trabalhasse lá. O clube, na hora, me convidou, e desde então eu convivo diariamente no Morumbi, dando aulas para filhos de sócios na escolinha de futebol do São Paulo.

LANCE!
o diário dos esportes

Editado por ARETÉ EDITORIAL S/A

Rio de Janeiro-RJ: Rua Santa Maria, 47, Cidade Nova, 20211-210, Tel. (021) 502 1616, Fax (021) 502 9707.

São Paulo-SP: Rua Bernardo Wrona, 339, Limão, 02710-060, Tel. (011) 856 1300, Fax (011) 856 1314

ARETÉ EDITORIAL S/A		REDAÇÃO	
Presidente Walter de Mattos Junior		Editor Walter de Mattos Junior	Arte Paulo Monteiro (Editor); Mondrian Alvez (projeto gráfico e diagramação), Marcelo Katsuki (capa), Patricia Brunialti e Eder Santos (infografia), Mario Alberto e Maxx (ilustrações)
Diretores Afonso Cunha (Operações) e René Cassettari (Comercial)		Editores Executivos André Fontenelle e José Carlos Chaves (São Paulo), Diogo Mourão e Marcelo Barreto (Rio)	
Gerentes Claudio Goulart (Logística), Alfredo Teodoro (Controller), Célia Menezes (Marketing)		Coordenação e Edição André Fontenelle	Fotografia Paulo Marcos de Mendonça Lima (Editor), Debora Feddersen e Mailson Santana (coordenação e pesquisa), Clauber Larre
		Textos Rodolfo Rodrigues, Rubens Leme da Costa e Paulo Vinicius Coelho	

© ARETÉ EDITORIAL S/A. Rio / São Paulo, 1997. Todos os direitos reservados. Esta publicação não pode ser reproduzida, no todo ou em parte, nem registrada ou transmitida por qualquer que seja a forma ou meio, sem a permissão prévia e por escrito da direção do diário.



CAMPEÃO DA DÉCADA

**O Clube que conquistou
o maior número de
títulos na década de 90**

14

- 3 Campeonatos Paulistas**
- 1 Campeonato Brasileiro**
- 2 Taças Libertadores da América**
- 2 Mundiais Interclubes**
- 2 Recopas Sul-Americana**
- 2 Copas dos Campeões**
- 1 Supercopa da Libertadores**
- 1 Copa Conmebol**



COM ESTE TIME DE PRODUTOS E SERVIÇOS, VOCÊ SEMPRE SAI GANHANDO.

REALMASTER[★]

O cheque especial que dá 10 dias por mês sem juros.

REAL VISA^{*}

Cartão múltiplo internacional para você comprar, viajar e se divertir no mundo inteiro, além de movimentar sua conta no Caixa Real Automático e Banco 24 Horas.

REAL PARCELADO^{*}

Nas compras acima de R\$200,00, é só assinar o cheque e o valor é dividido automaticamente em até 12 vezes.

REALPREV

O plano de previdência privada em que você determina o valor da mensalidade, a renda vitalícia e o prazo para começar a receber.

INVESTIMENTOS

Várias opções em fundos de investimentos para você valorizar seu dinheiro.

SEGUROS

Com Realpac, você tem os mais diversos tipos de seguros reunidos em uma única apólice.

CAIXA RÁPIDO

Para você fazer depósitos e pagamentos sem perder tempo em filas.

DISQUE REAL

No seu banco por telefone, mais de 100 serviços a seu dispor, das 8 às 22h, diariamente.

REAL HOME BANKING

Em casa ou no trabalho, você comanda do seu computador seus negócios no Banco Real.

Banco Real

www.bancoreal.com.br

^{*}Sujeito a aprovação de crédito.

[★]A partir do 11º dia de utilização, serão cobrados juros por todo o período.

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO DO
SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE
2023



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ